



(<https://focusonthekingdom.org/>)

“Outro Jesus”

por Greg Deuble

“*Another Jesus*” (Outro Jesus) é o *capítulo 5* do livro “*They Never Told Me This in Church!*” (“Eles Nunca Me Disseram *Isso* Na Igreja!”)

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.

Tradução (Translation):
Fernando Coutinho Sánchez
(ferjosousan@gmail.com)
Osorno - Machalí, Chile,
julho de 2024



**“Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofreríeis”
(2 Coríntios 11:4)**

Em sua introdução ao “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), o *Dr. Schonfield* sabiamente dá o tom do debate sobre a identidade e a missão de Jesus com estas palavras:

A única forma pela qual podemos esperar conhecer o verdadeiro Jesus é primeiro tomar consciência d’Ele como homem do seu tempo, do seu país e do seu povo, o que requer um conhecimento íntimo de todos os três. Devemos recusar resolutamente separá-lo do seu meio e deixar que as influências que o influenciaram nos influenciem. Temos de marcar nele os traços pessoais, individuais, agradáveis ou desagradáveis, que nos transmitem os atributos e as idiossincrasias de uma criatura de carne e osso. Só quando este judeu galileu nos tiver impactado nos... aspetos (naturais)... da sua mortalidade é que teremos o direito de começar a cultivá-lo e a estimar o seu valor, permitindo-lhe comunicar-nos a imaginação da sua mente e as motivações das suas ações. [1]

O Dr. *Schonfield* relatou que muitos cristãos com quem falou nem sequer sabiam que o termo “Cristo” era simplesmente uma tradução grega do título hebraico Messias, e de alguma forma pensavam que se referia à Segunda Pessoa da Trindade. “A palavra ‘Cristo’ estava tão ligada à ideia de Jesus como Deus encarnado que o título ‘Messias’ foi tratado como algo curiosamente judaico e sem associação”. Ele escreveu:

Tenho perguntado muitas vezes aos meus amigos cristãos: “Não basta acreditar num só Deus, Senhor de todos os espíritos, e aceitar Jesus como seu mensageiro messiânico?” Mas parecia que, do ponto de vista deles, o messianismo de Jesus tinha apenas a ver com os judeus e não significava nada na sua experiência. Muitos nem sequer sabiam que Cristo era simplesmente uma tradução grega do título hebraico Messias (o Ungido), e presumiam que isso tinha a ver com a natureza celestial da Segunda Pessoa da Trindade. Levei muito tempo a perceber que quando falávamos de Deus não falávamos a mesma linguagem e que havia um problema grave de comunicação. [2]

N. T. Wright, bispo de Durham, concorda: “Um dos erros mais persistentes em toda a literatura sobre Jesus dos últimos cem anos é usar a palavra ‘Cristo’, que significa simplesmente ‘Messias’, como se ele fosse uma qualificação ‘divina’. [3]

“*Mashiach*”

Na língua judaica, um “messias” (hebraico, *mashiach*, um “ungido”) podia referir-se a um profeta, sacerdote ou rei que estava consagrado ao serviço de Deus. Os hebreus acreditavam que quando Deus ungiu aquela pessoa, ela estava equipada para fazer a obra de Deus porque recebeu uma medida do Espírito Santo. Deus designou tais agentes para posições sagradas. Assim, na Bíblia Hebraica existem vários “messias”, numerosos “ungidos” ou “Cristos”. Doze vezes o Rei Saul é chamado de “*mashiach*” (1 Samuel 12:3, 5; 24:6 – duas vezes, 10; 26:9, 11, 16, 23; 2 Samuel 1:14, 16, 21). David é assim designado seis vezes (2 Samuel 19:21; 22:51; 23:1; Salmos 18:50; 20:6; 28:8). Um sacerdote é chamado “messias” quatro vezes (Levítico 4:3, 5, 16; 6:22). O rei reinante é chamado “ungido” três vezes (Lamentações 4:20; Salmos 84:9; 89:38). Os patriarcas são designados duas vezes (Salmos 105:15; 1 Crônicas 16:22); Salomão uma vez (2 Crônicas 6:42); outrora um possível rei (1 Samuel 16:6). E até o rei pagão Ciro já foi chamado de “messias” em Isaías 45:1! A vinda ou prometido, o “Messias” supremo, é assim chamado nove vezes (1 Samuel 2:10, 35; Salmos 2:2; 89:51; 132:10, 17; Daniel 9:25, 26; Habacuque 3:13). Portanto, houve muitos “Cristos” que precederam Jesus, mas ele é o “Cristo” supremo. No Novo Testamento (NT), os cristãos são chamados de “ungidos”, isto é, “Cristos” (ver 2 Coríntios 1:21). Não há qualquer indicação de que o título messias designe a Divindade. Ser messias é ser agente do Deus único. Como máximo e maior “*Mashiach*”, Jesus combinou na sua pessoa os ofícios de profeta, sacerdote e rei. Na verdade, Deus Pai ungiu-o acima de todos os seus antecessores, acima dos seus companheiros (Hebreus 1:9). Nunca ocorreu a um judeu pensar que Jesus, como Messias, fosse também de alguma forma um segundo membro da Divindade agora encarnada, que Deus, o Filho, vagueasse em carne humana, tendo-se tornado homem. De acordo com o seu uso no AT, o termo Messias, o Ungido, indica um chamamento para um cargo. Certamente, “não era o título de um aspeto da Divindade”. [4] Esta é uma invenção gentílica posterior que surgiu ao ignorar o contexto judaico de Jesus e ao inventar uma doutrina chamada Encarnação: a ideia de que um segundo membro da Trindade, Deus Filho, se tornou um ser humano. Como diz *Lockhart*, o Cristianismo ignorou o “Messias” e transformou teologicamente o “Cristo” no “Homem-Deus”.

“Jesus como o ‘Messias’ é um ser humano; Jesus como o “Cristo” é algo completamente diferente. Esta doutrina sustenta que as duas naturezas, a natureza divina e a natureza humana, estavam tão intrinsecamente fundidas que Jesus era simultaneamente todo humano e todo divino, uma combinação de opostos absolutamente impossível de explicar ou compreender. [5] À medida que *Don Cupitt* capta o problema da natureza dual de Jesus, “é como se Jesus fosse um momento Clark Kent e o próximo Super-Homem”. [6] Ou, como *Lockhart* concisamente refere, acreditar em duas naturezas como um literalismo é “o equivalente a ser solicitado a acreditar que Jonas engoliu a baleia, e não Jonas a baleia”. [7]

Quando um crente católico romano sincero chama a Maria “a mãe de Deus”, os cristãos de herança protestante encolhem-se. Diverte-nos a perspectiva impossível de que um dia o Deus Todo-poderoso se tenha aproximado humildemente da jovem judia Maria com o pedido: “Maria, por favor, podes ser minha mãe?” Na nossa perspectiva “objetiva” e distante dos “estranhos” é fácil perceber como este mito de Maria transgride os limites bíblicos. Podemos ver a um quilómetro de distância como a tradição posterior levou Maria a ser uma virgem perpétua, que posteriormente nunca teve relações sexuais com o seu marido José (embora as Escrituras ensinem que teve filhos com José após o nascimento de Jesus). Podemos detetar o segundo mito de Maria que diz que a própria Maria foi concebida imaculadamente, o que significa que sempre esteve sem pecado, e supostamente (e sem qualquer justificação bíblica) sem morrer foi milagrosamente elevada aos lugares celestiais para ser glorificada ao lado dela. Filho como “corredentora” (a doutrina romana oficial da Assunção). Contudo, é muito mais difícil do “nosso” lado da cerca detetar como o mito de Cristo também foi criado. Quando Jesus é chamado “Deus Filho”, vemos com a mesma facilidade como isso transgride o registo bíblico? Veremos em breve que na Bíblia Jesus é chamado Filho de Deus, algo muito diferente em significado de Deus Filho. E quando nos tempos post-bíblicos Jesus era chamado “o Deus-homem”, não vemos o ponto cego evidente na nossa visão grega, porque a Bíblia nunca o descreve dessa forma. Jesus chama-se “homem” (João 8:40) e os apóstolos chamam-lhe “homem” (*Atos 2:22; 1 Timóteo 2:5*). É constantemente contrastado e distinguido de Deus, seu Pai. A Bíblia Hebraica previu que Jesus seria um homem (*Isaías 53:3*). Mas as Escrituras nunca usam o termo “Deus-homem” para nos dizer quem é Jesus. A língua grega da época tinha uma palavra perfeitamente boa para “Deus-homem” (*theiosaner*), mas nunca aparece no NT. Então, porque persistimos nestes termos extra bíblicos? Porque continuamos a usar linguagem antibíblica para descrever Jesus? Ou isso realmente importa?

É certo que dizemos que somos muito rápidos a detetar o argueiro no olho da teologia de outra pessoa, mas quão cegos somos para a trave que está na nossa própria. Maria não é a mãe de Deus, segundo as Escrituras. E Jesus não é Deus o Filho, nem é o “Homem Deus” segundo a Bíblia. E em parte alguma Ele é chamado “Deus de Deus”, como lhe chamava o credo Niceno posterior. Os protestantes que se dizem pessoas da Bíblia deveriam saber que a controversa palavra extra bíblica usada em Niceia, “*homoousios*”, que significa “de igual substância”, “não provém das Escrituras, mas, sobretudo, dos sistemas gnósticos”. [8] O resultado foi que tal terminologia introduziu noções estranhas na compreensão cristã de Deus. Por outras palavras, “ocorreu uma mudança de paradigma que marcou uma época entre as Escrituras e Niceia”. [9] Neste capítulo interrogamo-nos sobre como e em que sentido é Jesus o Filho de Deus? Antes de o fazer, deixem-me dizer brevemente algo sobre o segundo grande ensinamento tradicional a que aludi no início do Capítulo 3: a saber, que existem “duas naturezas” encontradas no nosso Senhor Jesus. O Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., tenta explicá-lo desta forma:

Nosso Senhor é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, de alma e corpo razoáveis, consubstancial ao Pai segundo a Divindade, e consubstancial a nós segundo a humanidade; em tudo como nós, sem pecado; gerado antes de todos os tempos pelo Pai segundo a Divindade, e nestes últimos dias para nós e para a nossa salvação nasceu da Virgem Maria, mãe de Deus segundo a humanidade; um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigénito, para ser reconhecido em duas naturezas, inconclusiva, imutável, indivisível, inseparável, sem que a união de modo algum elimine a distinção das naturezas, mas antes perca a propriedade de toda a natureza. preservado e concorrente numa só pessoa e, uma única subsistência; dividido ou dividido em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho, e unigénito, Deus, o Verbo, o Senhor Jesus Cristo.

Mais uma vez, o notável pregador *Martyn Lloyd-Jones* diz estar impressionado com esta declaração surpreendente e admite que:

... está para além da razão; Está para além da nossa compreensão. Como tivemos de dizer em relação à doutrina da Trindade e a muitas outras doutrinas, a nossa tarefa é submeter-nos à Bíblia.... Devemos parar de tentar abranger o infinito com a nossa razão finita, na verdade, com a nossa razão pecaminosa. razão, e devemos receber a verdade tal como ela nos é dada.

[10]

Mais uma vez quero dizer que enfrentar o mistério claramente revelado nas Escrituras é uma coisa, mas enfrentar a contradição criada pelo homem é outra completamente diferente. Quem é Jesus, o Cristo? Há pelo menos mil milhões de pessoas no mundo que negam categoricamente que Jesus seja, em qualquer sentido, o Filho de Deus. Para os muçulmanos é uma absoluta blasfémia chamar a Jesus Filho de Deus. O Alcorão afirma:

Eles [cristãos] dizem: “O Misericordioso tomou um filho!” Na verdade, apresentaste algo muito monstruoso! Com isto os céus estão prestes a explodir, a terra a partir-se em pedaços e as montanhas a desabar em completa ruína, a que atribuíram um filho ao Compassivo. Pois não está de acordo com a majestade do Compassivo que Ele gere um filho (Sura 19:88-92).

Um grande grupo que reivindica o nome de cristão afirma que Jesus é o próprio Pai. No Livro de Mórmon, o capítulo que encabeça o Livro de Mosias afirma: “Cristo é tanto o Pai como o Filho”: “E porque habita na carne, será chamado Filho de Deus, sendo o Pai e o Filho – o Pai, porque foi concebido pelo poder de Deus; e o Filho, por causa da carne; tornando-se assim o Pai e o Filho – e são um só Deus, sim, o mesmo Pai Eterno do céu e da Terra” (Mósias 15:2-4).

Poderá surpreender alguns leitores saber que esta doutrina, conhecida por modalismo, é defendida hoje por alguns sectores da igreja pentecostal. Teve origem nos primeiros debates cristológicos post-apostólicos e foi também chamado de “*patripasianismo*”. Para os modalistas, Cristo era o próprio Pai, descido à terra em carne humana. Com efeito, o próprio Pai desceu até à Virgem, dela nasceu, sofreu, foi até Jesus Cristo.

No entanto, falando de um modo geral da Igreja Cristã em geral, existem três pontos de vista sobre a filiação de Jesus: a visão Nicena ou Atanasiana, a visão Ariana e a terceira visão que por vezes é chamada de visão Sociniana, em homenagem a *Fausto Socino*. (1539-1604), reformador religioso italiano que ministrou especialmente na Polónia. Em vista desta história, que Filho de Deus devemos confessar? Quem é o Filho do Deus bíblico?

A Visão de Niceia

Muitos historiadores e teólogos da Igreja tentaram traçar como a morte de Jesus, quando foi abandonado por Deus e pelo homem na cruz, levou, apenas 300 anos depois, à confissão de que ele não era outro senão o Deus que criou o universo e que agora “*e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder*” (*Hebreus 1:3*). Porque em 325 d.C., com o apoio do mesmo poder romano que o crucificou, o Jesus judeu foi oficialmente proclamado como sendo da “natureza” de Deus Pai, “Deus de Deus, Luz da Luz, Deus Verdadeiro do Deus Verdadeiro”. Jesus é “gerado, não feito”, “de uma só substância com o Pai”, e por Ele foram feitas todas as coisas no céu e na terra. Um Concílio Eclesiástico posterior em Constantinopla em 381 d.C. Acrescentou que Jesus “nasceu do Pai antes de todos os tempos”. Depois, no ano 451 d.C., no Concílio de Calcedónia foi acrescentada a famosa fórmula de que Jesus era “verdadeiro Deus, verdadeiro homem” e era “consustancial ao Pai segundo a Divindade, o mesmo consustancial a nós segundo a humanidade. pelo Pai na sua divindade, mas nos últimos dias ele próprio, para nós e para a nossa salvação, nasceu de Maria, a Virgem, portadora de Deus, na sua humanidade”.

Assim, formulada essencialmente no século IV, esta visão fala de “Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo”. Historicamente, esta interpretação “católica” tem sido promovida por decreto e pela força. Os que não confessaram foram ameaçados de excomunhão da Igreja Católica. E no século VI, o imperador romano *Justiniano* decretou que qualquer pessoa que não confessasse a fé nesta Trindade e nas “duas naturezas” de Jesus Cristo seria executada.

A crença de que Jesus é “o Filho eternamente gerado”, o segundo membro da Divindade, foi defendida por *Agostinho* e prevalece hoje na igreja tradicional, tanto católica romana como protestante. É a visão de que Jesus, o Filho de Deus, existe desde a eternidade como o “Filho eternamente gerado”.

Charles Swindoll é um evangélico bem conhecido, com audiência mundial de rádio e leitores através dos seus numerosos livros populares. É reitor do famoso “*Dallas Theological Seminary*” (Seminário Teológico de Dallas). No seu livro “*Jesus: When God Became Man*” (Jesus: Quando Deus se tornou homem), *Swindoll* tipifica a crença universalmente aceite da igreja na história do Natal da Encarnação:

No dia 25 de dezembro, as empresas fecham as portas, as famílias reúnem-se e as pessoas de todo o mundo recordam o nascimento de Jesus de Nazaré... Muitas pessoas assumem que a existência de Jesus começou como a nossa, no ventre da sua mãe. Mas será isso verdade? A vida começou para ele com aquela primeira lufada de ar da Judeia? Poderá um dia de dezembro marcar realmente o início do Filho de Deus? Ao contrário de nós, Jesus existia antes do seu nascimento, muito antes de haver ar para respirar... muito antes de o mundo nascer.

Swindoll continua com evidente entusiasmo:

Jesus nunca chegou a existir; no seu nascimento terreno, apenas assumiu a forma humana... Eis um pensamento espantoso: o bebé que Maria segurava nos seus braços mantinha o universo no seu lugar! Os pequenos lábios de recém-nascido que arrulharam e choraram formaram uma vez as obras dinâmicas da criação. Os pequenos punhos que agarravam o bebé lançaram as estrelas no espaço e os planetas em órbita. Aquela carne infantil tão bela já abrigou o Deus Todo-Poderoso... Como um bebé comum, Deus tinha vindo à terra... Vês a criança e a glória do menino-Deus? O que estás a ver é a Encarnação – Deus vestido com fraldas... Imagina-o no passado nebuloso da pré-criação, a pensar em ti e a planear a tua redenção. Visualize este mesmo Jesus, que teceu os intrincados padrões do seu corpo, tricotando uma veste humana para si próprio... Há muito tempo, o Filho de Deus mergulhou de cabeça no tempo e flutuou

conosco durante cerca de 33 anos... Imagine o Deus-Criador firmemente embrulhado em panos. [11]

Assim, na interpretação tradicional da Igreja, temos aqui um Jesus que já existia antes do seu nascimento; um Jesus que nunca chegou a existir; um Jesus que, mesmo em bebé, continuou a segurar o universo (que ele originalmente criou) nas suas pequenas mãos enquanto arrulhava; um Jesus que é o Deus-criança que precisa de ser envolvido no mesmo corpo que ele próprio teceu como uma veste para si. O *Dr. Jim Packer*, líder anglicano, descreve a Encarnação – quando Deus se tornou homem, o Filho divino se tornou judeu, o Todo-Poderoso apareceu na Terra como um bebé indefeso, incapaz de fazer mais do que deitar-se, olhar, contorcer-se e fazer ruídos, precisando de ser alimentado, mudado e ensinado como qualquer outra criança. “Aquele que tinha feito o homem estava agora a aprender o que era ser um homem. Aquele que fez o anjo que se tornou o diabo estava agora num estado em que podia ser tentado – na verdade, não podia deixar de ser tentado – pelo diabo.” [12]

Este entendimento niceno de Jesus Cristo é o ponto de vista que finalmente, depois de muita oposição, triunfou sobre os pontos de vista opostos. É a visão “tradicional” da Igreja adotada até hoje.

A visão ariana

O seu nome vem do sacerdote *Ário* (falecido em 336 d.C.). A história da Igreja tem difamado tanto *Ário* que o seu nome se tornou sinónimo de heresia desprezível. Mas é difícil descobrir exatamente o que *Ário* ensinava, porque as suas obras “heréticas” acabaram por ser destruídas. Tudo o que realmente temos das suas crenças é o que os seus inimigos escreveram sobre ele. E é bem sabido que os vencedores escrevem a história a partir da sua posição vencedora. Mas, essencialmente, esta visão ariana sustenta que Jesus preexistiu ao seu nascimento como um “deus” menor. Jesus foi gerado por Deus Pai, algum tempo antes da criação do universo no Génesis. As Testemunhas de Jeová, com a sua ideia de que Jesus era um arcanjo (Miguel, para ser mais preciso), são os principais proponentes desta ideia atualmente, embora a sua visão vá além da de *Ário*. Não me vou debruçar aqui sobre esta posição, porque as Escrituras ensinam claramente que o Filho de Deus não era nem é um anjo (*Hebreus 1:4-14*). [13] Nos séculos III e IV, o entendimento de *Ário* era bastante difundido (como já observado no primeiro capítulo).

A visão sociniana

Nesta visão, a filiação de Jesus deriva de uma criação real no ventre de Maria na história. Jesus não pré-existiu pessoalmente à sua própria existência humana. Ele é um ser humano real, embora um ser humano único. Jesus chamou a si próprio “o Filho unigénito”. Deus Pai, por um ato especial de criação, trouxe-o à existência. Jesus é o Filho de Deus por um milagre biológico.

Jesus “saiu” (grego: *ek*) de Maria e não “passou” simplesmente por ela da eternidade para o tempo e depois regressou à sua vida anterior na eternidade. De uma forma milagrosa, Deus Pai criou o ser humano, o último Adão. Do ponto de vista genético, Jesus é plenamente humano, embora seja um ser humano criado de forma especial.

À luz destas diferentes interpretações, é pertinente perguntar, quando confessamos Jesus como Filho de Deus, que Filho estamos realmente a professar? Esta não é uma questão meramente académica. É crucial porque o próprio Jesus Cristo veio construir a sua Igreja sobre a rocha sólida de uma compreensão informada e esclarecida da sua verdadeira identidade. “Quem dizeis que eu sou?” foi a pergunta que fez aos seus discípulos. É este terceiro ponto de vista – o de que o Filho de Deus nasceu em Maria por milagre divino – que quero examinar com algum pormenor, porque é o ponto de vista que nunca me foi transmitido na igreja. É uma visão poderosa que faz um excelente sentido da Bíblia, como espero demonstrar.

O Último Adão

A Bíblia conta a história de dois homens. O primeiro homem, Adão, arruinou tudo. O segundo homem, Jesus Cristo, veio para reconstruir tudo de novo, porque Deus “... *que propusera em si mesmo... De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra*”. (*Efésios 1:9, 10*).

É evidente que Adão, “o homem vermelho da terra”, como o seu nome hebraico sugere, era originalmente geneticamente perfeito. Isto é, não tinha uma natureza pecaminosa e vivia em harmonia com Deus, consigo próprio, com a sua mulher e com o mundo. Colocado na terra pelo seu Criador para ser o Seu agente, o Seu representante, o senhor de Deus na terra, este homem escolheu rebelar-se contra Deus e, assim, arrastou-se a si próprio e a todos os seus descendentes para baixo e para longe da vida e da bondade de Deus. Aquele que tinha originalmente refletido a glória de Deus era agora um ser decaído, capaz apenas de gerar filhos “desfigurados” ou “marcados” à sua semelhança pecaminosa (*Génesis 5:3*). Assim, o Adão original é o “único homem” através do qual o pecado e a morte entraram neste mundo (*Romanos 5:12*). Adão “estragou tudo” para si e para todos os que vieram depois dele.

No entanto, logo no início, quando o pecado contaminou a raça humana, Deus propôs a solução. Houve um anúncio profético de que um dia viria um salvador, um redentor, numa gigantesca missão de salvamento. A “semente” da mulher viria e esmagaria a Serpente que tinha tentado Adão e enganado Eva (*Génesis 3:15*). Mas porque é que Deus chamaria “semente” ao Salvador que viria? Quando Deus criou todos os tipos de plantas e animais, deu-lhes a capacidade reprodutiva para produzirem “segundo a sua espécie”. A Escritura diz que eles deviam ter “semente em si” (*Génesis 1:12*). Deviam “frutificar e multiplicar-se” e encher toda a terra de acordo com as suas respetivas espécies. E se tivesse permanecido fiel ao seu Senhor, Adão teria produzido uma raça de pessoas felizes, geneticamente perfeitas, que viveriam em bela harmonia com o Criador e toda a criação. Mas, infelizmente, a sua rebelião significou que todos os seus descendentes, incluindo tu e eu, teriam a sua imagem decaída. Mas, felizmente, Deus, fiel à sua promessa, trouxe outro “Adão” ao mundo. Ao contrário do primeiro Adão, esta “semente” de Eva vai gerar uma nova humanidade à sua imagem perfeita. Hoje, Jesus está a produzir frutos “segundo a sua própria espécie”, um novo corpo de seres humanos que estão a fazer o que Adão deveria ter feito originalmente: amar a Deus com todas as suas forças e amar o próximo como a si mesmos. Esta nova humanidade, com Jesus como cabeça, entrará na nova era do Reino que está para vir.

É precisamente aqui que surge um ponto crítico de diferença entre as nossas duas principais visões de quem é Jesus como Filho de Deus. Que tipo de homem é exatamente este “Filho de Deus”? O primeiro ponto de vista, o ponto de vista maioritário, o ponto de vista que me foi dito na igreja, o ponto de vista niceno, é que a salvação da humanidade só poderia ter sido alcançada se o próprio Deus se tivesse tornado homem e pago o preço da nossa redenção. O conceito de que Deus deve nascer como homem para que um sacrifício válido pelo pecado ocorra é chamado de doutrina da Encarnação.

Sem ser demasiado académico e técnico, a doutrina da Encarnação afirma que, em certo sentido, Deus, embora permanecendo Deus, se tornou homem para salvar a humanidade. O Novo Dicionário Bíblico resume-a da seguinte forma:

Parece significar que o Criador divino se tornou uma das suas próprias criaturas.... Quando o Verbo “se fez carne”, a Sua divindade não foi abandonada, reduzida ou contraída, nem Ele deixou de exercer as funções divinas que anteriormente eram Suas. ... A encarnação do Filho de Deus, portanto, não foi uma diminuição da divindade, mas uma aquisição da humanidade.

[14]

É importante perceber que, embora a “Encarnação” seja supostamente um princípio básico do Cristianismo, muitos académicos admitem que o termo e o conceito que ele transmite não aparecem em parte alguma da Bíblia. Um desses estudiosos é *James D.G. Dunn*, que diz: “A encarnação, no seu sentido pleno e próprio, não é algo apresentado diretamente nas Escrituras”.

[15]

Por outras palavras, é uma doutrina construída para além dos limites da Bíblia. Foi formulada durante vários séculos de debate e de agitação em massa na era post-apostólica. O “*The Oxford Dictionary of the Christian Church*” (Dicionário Oxford da Igreja Cristã) confirma este facto:

A doutrina, que tomou forma clássica sob a influência das controvérsias dos séculos IV e V, foi formalmente definida no Concílio de Calcedónia em 451. Foi em grande parte moldada pela diversidade de tradições nas escolas de Antioquia e Alexandria.... Outros refinamentos foram acrescentados nos períodos patrístico e medieval posterior. [16]

Os autores de “Um só Deus e um só Senhor” explicam-no com mais pormenor:

A razão pela qual levou centenas de anos para que concílios e sínodos desenvolvessem a doutrina da Encarnação é que ela não está declarada nas Escrituras, e os versículos usados para apoiá-la podem ser explicados sem recorrer a uma doutrina que se assemelha mais à mitologia pagã do que à verdade bíblica. Ensinar aos judeus que Deus desceu na forma de um homem teria ofendido completamente aqueles que viviam no tempo de Cristo e dos Apóstolos, e contradiria grandemente a sua compreensão das Escrituras Messiânicas.... Esta doutrina é derivada principalmente do Evangelho de João, e em particular da frase em *João 1:14* (KJV): “e o Verbo se fez carne”. Mas será que “a palavra” era sinónimo de “o Messias” no entendimento judaico? Dificilmente. Os judeus teriam entendido que significava “plano” ou “propósito”, que foi clara e especificamente declarado em *Génesis 3:15*: uma “semente” de uma mulher que destruiria as obras do Diabo. Esse plano de Deus para a salvação do homem finalmente “se fez carne” em Jesus Cristo. Este versículo não estabelece uma doutrina da Encarnação contrária a todas as expectativas proféticas, nem um ensino da preexistência. É um ensinamento do grande amor de Deus ao realizar o Seu plano para salvar a humanidade do pecado. [16]

Muitas profecias indicam que o futuro surgirá da “semente”, a linhagem da humanidade, e em particular da linhagem abraâmica e davídica. O Messias seria da cadeia biológica dentro da família humana, especificamente da linhagem judaica: “*O SENHOR teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos [literalmente, irmãos], como eu; a ele ouvireis*” (Deuteronómio 18:15).

Nesta passagem, Moisés prediz que o Messias vindouro seria uma pessoa “como eu”, levantada “do meio” do povo de Israel, e que Deus não falaria diretamente ao povo, porque este temia que, se Deus falasse sem um mediador, morreria (*versículo 16*). O “profeta” que viria seria um homem de quem se diz que Deus “*e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele*” (*versículos 18-19*). Dizer que o Messias é o próprio Deus é contradizer o objetivo desta profecia. Porque ela anuncia que o porta-voz máximo de Deus não é expressamente Deus, mas um ser humano. O Novo Testamento diz que foi Jesus quem cumpriu esta profecia (*Atos 3:22; 7:37*).

O primeiro versículo do NT diz que Jesus Cristo é “*o filho de David, o filho de Abraão*” (*Mateus 1:1*). No dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro confirma esta expectativa hebraica de que o Prometido seria um ser humano. Como David era profeta, ele sabia que “um dos seus descendentes” se sentaria no trono davídico (*Atos 2:30*). Literalmente, Pedro disse que o Salvador prometido seria “do fruto dos seus lombos”. É compreensível que nenhum judeu que acreditasse nessas Escrituras jamais imaginasse que o bebê nascido em Belém seria o próprio Jeová feito como um bebê humano. A doutrina cristã central da Encarnação, tal como é ensinada atualmente, é, portanto, estranha à Bíblia. Sugerimos que este facto exige uma atenção urgente por parte de todos os amantes de Deus, de Jesus e da Bíblia.

Além disso, Jeová Deus afirma claramente que não é um homem (*Números 23:19; Jó 9:32*). Portanto, o oposto é verdadeiro: se uma pessoa é um homem, então ela não pode ser Deus. Veja outro versículo claro: “*Porque os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos, carne, e não espírito*” (*Isaias 31:3*). Note-se aqui que homens e cavalos são colocados na mesma categoria de “carne”. Mas Deus “*o Santo de Israel*” (*Isaias 31:1*) está num domínio completamente diferente. Para usar as próprias palavras de Jesus, “*Deus é Espírito*” (*João 4:24*). Com a autoridade do próprio Jesus, sabemos que as categorias “carne” e “espírito” nunca devem ser confundidas ou misturadas, embora, claro, o Espírito de Deus possa afetar o nosso mundo. Jesus disse: “*O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito*” (*João 3:6*). E “Deus é Espírito”. A doutrina da Encarnação confunde estas categorias: o que Deus separou, o homem juntou!

Uma das acusações que o apóstolo Paulo lança contra o homem pecador é a de que “*E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis*” (*Romanos 1:23*). Já nos ocorreu, enquanto estamos sentados na igreja a ouvir como o glorioso Criador se tornou homem, que podemos ser culpados da mesma coisa? A doutrina da Encarnação reduziu o Deus incorruptível à nossa própria imagem corruptível. Nós fomos feitos à imagem de Deus, e não o contrário.

É oportuno exprimir aqui este contraste em termos mais claros. A característica que define o Deus Criador é a Sua santidade absoluta. Deus é totalmente diferente e tão absolutamente transcendente em relação à Sua criação que qualquer confusão é proibida. Eis a questão: será possível que este Deus eterno e santo, que é Espírito, se transforme num cão ou num gato, numa flor ou numa árvore, ou numa coisa inanimada como uma pedra? Colocar a questão é até mesmo admirar a sua impossibilidade e absurdo. Todas estas coisas foram criadas por Deus. Então, como

é que nos tornámos tão condicionados que podemos aceitar de bom grado a proposta igualmente desonrosa de que Deus se poderia transformar numa criatura de carne e osso?

Um dos nomes mais famosos associados a esta teoria da Encarnação é *Atanásio*. *Atanásio* foi o padre que enfrentou *Ário* quando a igreja post-apostólica estava a formular os credos confessados pela corrente principal do cristianismo até aos dias de hoje. *Atanásio* afirmou que Deus pode escolher fazer o que quiser e que, para nossa salvação, Deus escolheu tornar-se homem. *Atanásio* insistiu que Jesus Cristo não é uma das criaturas de Deus, mas sim o próprio Deus encarnado na forma humana. Escusado será dizer que este tipo de raciocínio atinge o próprio cerne da identidade de Jesus como homem, retirando-o inteiramente da nossa espécie humana.

No seu livro “*When Jesus Became God*” (Quando Jesus se tornou Deus), *Richard Rubenstein* insiste no tema:

Deus pode fazer tudo o que quiser? – Claro que sim, exceto as coisas que são incompatíveis com o facto de ser Deus. Pode escolher ser mau ou ignorante? Pode ser o diabo ou nada? Não, o Deus cristão é o Deus Eterno de Israel, Criador do Universo. *Atanásio* afirma que este Deus absolutamente transcendente se fez homem, sofreu, morreu e depois ressuscitou. Esta mistura de Criador e criatura não soa a pagão? O bispo reconhece-o e tenta evitar as suas implicações. Por exemplo, insiste em que Deus não criou Jesus, como acreditam os Arianos, nem o adotou como seu Filho, mas “gerou-o” a partir da sua própria natureza. Como ele diz, a ideia de Deus gerar descendência com seres humanos por meios naturais é demasiado repugnante para qualquer cristão contemplar. Por isso, apressa-se a acrescentar que o método do Pai para gerar o Filho está para além da compreensão humana. [18]

Rubenstein acrescenta ironicamente:

De facto! Tudo nesta teoria está para além da compreensão humana. O bispo ridiculariza os arianos por dizerem que Jesus, sendo uma criatura de Deus, tinha o poder de aumentar ou diminuir a sua virtude, e que escolheu ser virtuoso pelo exercício da sua vontade excepcionalmente poderosa. Não, diz *Atanásio*, Cristo, sendo Deus, era perfeito por natureza e não podia mudar como os humanos. Mas como é que Jesus pode ser chamado virtuoso se não tinha o poder de escolher? Como é que ele pode ser um modelo de comportamento humano se era incapaz de mudar? A resposta é: esta é uma questão que ultrapassa a compreensão humana! [19]

Rubenstein comenta então corretamente:

O problema não é apenas o facto de a teoria de *Atanásio* misturar Deus com a Sua criação, mas também o facto de retirar Jesus inteiramente da sociedade humana, do universo da agitação moral, e de O colocar nos céus imutáveis. Se Cristo não é uma criatura mutável e escolhida, pelo menos algo como nós, como é que podemos esperar imitá-lo? E se ele é o próprio Deus, e não o nosso representante e intermediário, como pode intervir em nosso favor... O que é que Jesus teria feito com isso, perguntamo-nos? [20]

Lockhart também assinala e exprime corretamente este dilema: “Se o ‘*Logos*’ é intrinsecamente perfeito e incapaz de mudança, progresso ou sofrimento, não é mais capaz de mediação do que o próprio Deus transcendente”. [21]

Esta é uma grande dificuldade para a teoria da Encarnação. A Bíblia ensina claramente que Deus não pode ser tentado com coisas más (*Tiago 1:13*). Deus não pode pecar. Deus é sempre fiel ao Seu próprio carácter justo e imutável. Só Ele é bom. Portanto, se Jesus Cristo é plenamente

Deus, então suas tentações que foram “*como nós, em tudo...*” (*Hebreus 4:15*) não poderiam ter sido tentações reais. Se ele era Deus, então ele tinha que vencer automaticamente. Mas as Escrituras descrevem claramente Jesus como um homem limitado pelos seus limites humanos, que obteve a vitória através da luta e da obediência ao seu Pai.

No entanto, esta doutrina confusa da Encarnação do Deus eterno é considerada essencial para a nossa salvação. *Martyn Lloyd-Jones*, o grande teólogo reformado, é um exemplo típico dessa abordagem. Ele diz que toda a “doutrina da nossa redenção depende, em última análise, dela [a Encarnação]. Se Ele não tivesse assumido a nossa natureza humana, não nos poderia ter salvo”. Esta posição reflete a posição dominante da Igreja, ou seja, que “o Filho eterno de Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, tomou para Si a natureza humana” para efetuar a nossa salvação. [22]

O paradigma de Adão

No entanto, afirmamos que esta teoria da Encarnação destrói o impressionante paralelo entre o primeiro Adão e o último Adão e, de facto, desqualifica Jesus para ser o nosso Salvador:

Romanos 5:12-19 define claramente um paralelo crítico e lógico entre Adão e Jesus Cristo no contexto da redenção da humanidade. Uma consequência importante da doutrina de que Deus se tornou homem é que ela destrói este paralelo fundamental, uma vez que Adão dificilmente é comparável a um ser eternamente pré-existente. Pelo contrário, ele foi um ser criado à imagem d'Aquele que o criou, Deus. Adão não era “plenamente homem e plenamente Deus”, “100 por cento homem e 100 por cento Deus”, “coigual a Deus Pai” ou “da mesma substância que o Pai”. Adão era um ser criado e dotado de poderes que escolheu desobedecer a uma ordem direta de Deus, com consequências terríveis para ele e para toda a humanidade. [23]

Em resumo, mostrarei a partir das Escrituras que Jesus, tal como Adão, foi um homem criado, tal como Adão antes dele foi um homem criado. Mas, por enquanto, deve ser suficiente ver que um problema crítico com esta visão da Encarnação é que não há previsões do AT de que o próprio Deus se tornaria um homem. (Mais tarde, veremos alguns versículos que supostamente ensinam isso.) Mas, por enquanto, vamos entender isso claramente:

Jesus não podia ter nenhuma vantagem intrínseca sobre Adão, ou a Sua qualificação como Redentor seria legalmente anulada. Ele foi o último Adão, não o primeiro *Deus-homem*. As diferenças entre Adão e Jesus eram circunstanciais, não essenciais: Adão começou alto e sem umbigo; Jesus começou baixo e com umbigo. Adão foi criado completamente formado e plenamente capaz de entender a voz de Deus. Jesus teve de aprender com os seus pais. Adão não teve de sofrer a indignidade de um nascimento humilde e de ser considerado ilegítimo, filho de gente comum. Adão só tinha de vestir-se, cuidar do jardim e da sua mulher. Tinha de evitar comer o fruto, ou morrer e levar a morte a todos os seus descendentes. Jesus teve de beber o cálice do sofrimento e morrer para ressuscitar e vencer a morte e permitir que outros comessem do “fruto” da vida eterna. [24]

Os trinitarianos defendem que Cristo tinha de ser o Deus infinito; caso contrário, como é que a morte de um homem finito poderia salvar a humanidade? Certamente que um homem só pode morrer ou redimir um homem, argumentam. Tenho de ser honesto e dizer que, em tempos, acreditei sinceramente nesta linha de raciocínio. Agora vejo que ela representa um completo fracasso em

entender o ensino da Bíblia sobre como a morte de Jesus salva. Aqui está o testemunho de outro que também chegou a ver a falácia desse argumento:

O erro deste tipo de raciocínio tornou-se evidente para mim quando percebi a verdade em *João 3:14, 15*: “*E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*”. Isto refere-se ao incidente registado em *Números 21:7-9*, no qual as pessoas morreram por mordeduras de cobras venenosas. Deus ordenou a Moisés que fizesse uma serpente de bronze e a colocasse num poste para que todos a vissem; Aqueles que acreditaram olhando foram salvos do veneno das serpentes. Jesus compara este incidente à fé nele: “*E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna*” (*João 3:14, 15*). O ponto aqui deveria ser extremamente claro: a salvação dos milhares que olharam para a serpente de bronze não teve nada a ver com nada inerente àquela serpente – eles foram salvos por Deus através da fé na Sua promessa de que qualquer um que olhasse seria salvo: “*E disse o SENHOR a Moisés: Faze-te uma serpente ardente, e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo o que, tendo sido picado, olhar para ela*” (*Números 21:8*). O versículo seguinte confirma que aqueles que tiveram fé para olhar viveram. O mesmo é verdade para todos aqueles que procuram a salvação em Jesus através da fé (*Hebreus 12:1, 2*); É o poder salvador de Deus em Cristo que a salva do pecado e da morte. Portanto, não é algo inerente à constituição de Cristo que salva, mas é Deus nosso Pai (Javé) que nos salva em Cristo e através de Cristo. Porque a salvação é inteiramente obra de Deus; é pela fé e só através da Sua graça... Deixamos de apresentar adequadamente a soteriologia bíblica (doutrina da salvação) se não deixarmos claro que Deus nosso Pai é o autor último ou fundamental da nossa salvação enquanto Jesus é o mediador, ou instrumental, agente da nossa salvação. [25]

É claro que não devemos ignorar o facto de que Jesus era uma pessoa sem pecado, sempre e plenamente agradável a Deus. Por isso, ele é inteiramente adequado à tarefa de morrer por cada pessoa humana. Só ele se qualifica como “*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*” (*1 Timóteo 2:5*).

Se Jesus ia cumprir os requisitos certos para nos redimir, fosse o que Adão fosse, Jesus Cristo também tinha de ser. É por isso que Jesus Cristo teve de ser um ser humano criado, com uma natureza única, plenamente humano. Não deve ter nenhuma vantagem injusta por ter “duas naturezas”. Adam claramente não tinha isso.

E para ir ainda mais longe, como aceitamos então que este “Deus encarnado” pudesse morrer na cruz pela nossa redenção? Deus não pode morrer. Ele é imortal (*1 Timóteo 6:16*). Insistir que Jesus era o “Deus-homem” cujo sangue tinha um valor “infinito” por causa da Encarnação é provocar enormes dificuldades e contradições. Para “explicar” esta impossibilidade, os trinitarianos sustentam que Jesus tinha realmente “duas naturezas”, a divina e a humana, e que quando morreu foi apenas a natureza humana que morreu. Mas nas palavras de *Anthony Buzzard*:

Se Jesus fosse Deus e Deus fosse imortal, Jesus não poderia ter morrido. Perguntamo-nos como é possível sustentar que “Jesus” não representa a pessoa inteira. Nada na Bíblia sugere que Jesus seja apenas o nome da sua natureza humana. Se Jesus é a pessoa completa e morreu, Ele não pode ser uma Divindade imortal. Parece que os trinitarianos sustentam que só a Divindade é suficiente para fornecer a expiação necessária. Mas se a natureza divina não morreu, como é assegurada a expiação segundo a teoria trinitária? [26]

Tudo isto nos traz de volta ao ponto de partida da nossa pergunta original: Como e de que forma é Jesus o Filho de Deus? Que tipo de homem é? É significativo que ele próprio nunca tenha afirmado ser Jeová Deus. Mas afirmou representar perfeitamente Deus, seu Pai, ser o Seu mensageiro.

Como ensina o NT, o primeiro Adão é o tipo ou modelo do último Adão, Jesus Cristo (*Romanos 5:14*). O Redentor vindouro tinha de corresponder em todos os sentidos ao modelo original, Adão. Paulo afirma-o expressamente em *1 Coríntios 15*: “Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual” (versículos 45-46).

Os trinitarianos que identificam o “homem celestial” em *1 Coríntios 15:47* com um Cristo pré-existente não percebem qual é o contexto:

...centra-se na ressurreição e assenta numa sequência de contrastes paralelos – (físico/espiritual, terreno/celeste, primeiro homem / segundo homem – onde é bastante claro que a segunda metade de cada contraste se refere ao estado de ressurreição. Isto inclui a descrição do segundo homem como “do céu”, porque é precisamente a sua imagem celestial que fornece o modelo para o estado de ressurreição dos outros (*1 Coríntios 15:49*). Paulo já o deixou claro anteriormente no mesmo capítulo: Cristo na sua ressurreição é as “*primícias dos que dormem*”; ressuscitado é o arquétipo: da humanidade ressuscitada (*15:2-23*). E no contexto imediato fez tudo (seja por que motivo for) para insistir que o espiritual não precede o físico (*15:46*). Portanto, em relação ao (primeiro) Adão, Cristo é o último Adão (*15:45*). O seu argumento seria uma completa confusão se fosse entendido como significando que “o segundo homem do céu” era na verdade o pré-existente e, portanto, na verdade o primeiro, antes de Adão. [27]

Vale a pena notar que esta citação aparece no prefácio de Dunn à segunda edição do seu livro. É a sua resposta àqueles que continuaram a desafiar a sua exegese que “o homem do céu” não pode ser uma referência à suposta crença do apóstolo Paulo em Jesus como o Filho de Deus eternamente existente. Dunn confessa que o facto de os seus críticos não terem tomado nota completa do contexto da ressurreição em *1 Coríntios 15* é “surpreendente”. Devo acrescentar que também me identifiquei plenamente com a sua frustração quando tais regras exegéticas óbvias de contexto são ignoradas para sustentar uma teoria infundada.

O homem físico precede o homem espiritual! A teologia tradicional inverteu a ordem. Segundo Paulo, o Filho de Deus não precedeu Adão no tempo. Jesus é o segundo Adão. No livro post-apostólico *II Clemente*, escrito no início do século II, alguns já começavam a sabotar o programa de Deus. *II Clemente 9:5* diz: “Cristo, o Senhor que nos salvou, sendo primeiro espírito, tornou-se carne”.

Harnack, o conhecido historiador da Igreja, comenta esta afirmação: “Este é o credo teológico e filosófico fundamental sobre o qual se baseiam todas as especulações trinitárias e cristológicas da Igreja dos séculos seguintes e, por isso, é a raiz do sistema de doutrina ortodoxa. dogmática. [28] Harnack prosseguiu descrevendo este desenvolvimento fatídico como “a história da substituição do Jesus histórico pelo Cristo pré-existente, do Cristo da realidade pelo Cristo fictício na dogmática, a tentativa vitoriosa de substituir o mistério da pessoa de Cristo”. Ou, como outros já disseram:

Para redimir a humanidade, Jesus teve de ser o que Adão era antes da sua queda. Jesus Cristo é o Último Adão, um homem como Adão que foi capaz de desfazer o que Adão fez. O Último

Adão, morrendo na cruz, sacrificou-se como oferta pelo pecado que o primeiro Adão introduziu no mundo. Este paralelo Adâmico estabelece uma das verdades bíblicas mais fundamentais a respeito de Cristo, que nos permite ver toda a extensão da Bíblia: dois homens, dois jardins, dois mandamentos, duas decisões, duas mortes, dois resultados universais, duas raças de pessoas. e dois paraísos. [29]

Portanto, a ordem de aparecimento é bastante clara: Adão primeiro, Cristo depois. Cristo é o último Adão. Adão precede Cristo. Adão não era uma cópia de um Cristo celestial pré-existente, mas “o qual é a figura daquele que *havia de vir*” (Romanos 5:14). Como verdadeiro homem, Jesus foi modelado segundo o modelo de Adão! No entanto, em contraste com este modelo bíblico, será sem dúvida uma grande surpresa para a maioria dos que leem isto e acreditam que Jesus nasceu como o Menino-Deus (como citado acima em *Swindoll, Packer, et al*) que a teologia da Encarnação oficial ensina que Jesus não era “um homem”, mas antes um “homem” impessoal. *Esse é o ensinamento trinitário oficial. Propõe que Jesus, o Filho de Deus, tem natureza humana, mas não é uma pessoa humana!* No Concílio de Calcedónia (451 d.C.), a Ortodoxia ensinou oficialmente que Deus, o Filho, estava unido a *uma natureza humana sem pessoa*. O “ego” de Jesus (isto é, o seu verdadeiro centro de personalidade) é a sua Divindade porque é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Porque o Filho de Deus não teve princípio, mas simplesmente veio através de Maria, Ele simplesmente assumiu uma natureza humana impessoal; portanto, Jesus não tem um verdadeiro ego humano ou centro pessoal. Um comentador coloca desta forma:

Ora, a doutrina da Encarnação é que em Cristo o lugar da personalidade humana é substituído pela Personalidade Divina de Deus, o Filho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Cristo possui uma natureza humana completa *sem personalidade humana*. A Personalidade Divina eterna e incriada substitui uma personalidade n’Ele criada. [30]

Portanto, a verdade chocante da doutrina oficial da Encarnação é que Jesus é desumanizado. Acontece que ele na verdade não é como o primeiro homem, Adão, afinal não é como nós, não é um homem, mas “homem” num sentido genérico e nebuloso. De acordo com o modelo bíblico, isto *desqualifica* Jesus de ser o “descendente da mulher”, o descendente genuíno de David, e significa que ele não pode ser o nosso Salvador!

A ideia cristã tradicional de que Jesus é Deus encarnado cria também outras incoerências desnecessárias. É presumir que, de alguma forma, quando estava a crescer, se tornou consciente de ser a Divindade dentro de si mesmo. Durante a maior parte da sua juventude e vida adulta, Jesus teve de esconder de alguma forma o seu estatuto de Divindade de todos os que conheceu. Teve que suprimir os seus poderes latentes. Ele não deve realizar nenhum milagre ou curar nenhum doente, para que as pessoas comuns que o rodeiam – incluindo a sua própria família – não tenham qualquer ideia do seu verdadeiro ego e identidade como Jeová Deus.

Se antes do batismo era o mesmo que depois, isso dificilmente deixaria de se manifestar nos primeiros anos. Depois de Jesus ter sido aceite como Deus, não tardou muito para que os cristãos se apercebessem desta dificuldade, e produziram uma série de livros que pretendiam narrar autenticamente as maravilhas que ele realizou em criança... Mas é bem evidente que não houve tais feitos, e nada que indicasse que o jovem Jesus, filho de José, fosse diferente do que parecia. [31]

Isto é, Jesus era autenticamente humano. Passemos agora a ver como este homem, Jesus, o Cristo, veio a existir.

A Origem de Jesus Cristo

Lembro-me que uma vez um homem sincero me contou a história de como Jesus veio para nos salvar. Aparentemente o Arcanjo Gabriel estava preocupado. Percebeu que o “eterno Filho de Deus” estava desaparecido no céu. Para onde foi ele? A ansiedade surgiu rapidamente entre todos os anjos. Os rumores abundavam. Então Gabriel apareceu diante do trono de Deus para perguntar onde estava o Filho de Deus. Então Jeová contou o segredo a Gabriel. Por causa do Seu grande amor pela humanidade perdida, o Seu Filho concordou nos Seus conselhos eternos em deixar o céu. Ele estava prestes a nascer como um bebê humano para que os homens pudessem ser redimidos. E é melhor que Gabriel se apresse a anunciar este mistério alucinante à Virgem Maria!

No momento em que este homem me contou esta pequena fantasia, fiquei impressionado com a facilidade com que os verdadeiros amantes da Bíblia conseguem engolir um mito tão oculto como a verdade do evangelho. Para as pessoas da igreja principal, Jesus Cristo é o segundo membro da Divindade. Nunca houve um tempo em que o “Filho eterno” não existisse. Ele é Deus. Antes de se tornar homem, Ele foi o Criador dos céus e da terra.

A explicação oficial é que Jesus é “o Filho de Deus gerado eternamente”. Veremos em breve que isto é uma contradição nos termos, porque, por definição, ser gerado significa ter um início. É impossível ter um início sem princípio. Pior ainda, é uma contradição flagrante das Escrituras. Falando do Seu Filho nesse maravilhoso Salmo Messiânico, Deus diz: “*Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*” (*Salmos 2:7*). Deus afirma que o Seu Filho foi gerado “hoje”, isto é, no tempo. Mas a tradição da igreja diz que Jesus é “gerado eternamente”, fora do tempo, e nunca houve um tempo em que Jesus não existisse! Podemos muito bem perguntar, então, se nenhum versículo das Escrituras chama a Jesus o *Filho eterno de Deus*, de onde veio este ensinamento? E porque não há versículos bíblicos que falem de Jesus ser gerado pelo Pai na *eternidade*? Deve ser importante, porque sem ela não há doutrina da Trindade! O silêncio da Bíblia sobre este assunto é ensurdecedor.

Este tipo de explicação da “língua bifurcada” tem as suas raízes na tradição da igreja dos primeiros tempos post-apostólicos. *Atanásio* escreveu:

Também não é correto procurar como Deus gera e qual a forma de gerar. Pois um homem deve estar fora de si para se aventurar em tais questões; Sendo algo inefável e típico da natureza de Deus e conhecido apenas por Ele e pelo Filho, exige que seja explicado por palavras. É melhor permanecer calado e acreditar na perplexidade do que não acreditar por causa da perplexidade.

Esta terrível tentativa de encobrir uma contradição direta da Bíblia deveria alertar-nos para a forma como as Escrituras têm sido seriamente mal utilizadas. Na verdade, não é apenas *Atanásio* que confessa a sua incapacidade de expor adequadamente esta complexa doutrina, mas reconhece que os padres conciliares de Niceia também ficaram perturbados pelo facto de não terem conseguido responder a *Ário* em categorias puramente bíblicas (!). [32]

Assim, traçamos a forma como *Atanásio* e o Concílio de Niceia deram o mote. Desde então, a tradição da Igreja tem ditado que “Deus, cuja natureza e existência estão acima do tempo, não pode gerar no tempo” (*João de Damasco*). Assim, por decreto destes homens, a tradição proibiu posteriormente Deus de agir no tempo e na história dentro do Seu próprio mundo! Disseram a Deus o que Ele não podia fazer! Outro, *Gregório Nazianzo*, está igualmente perdido numa névoa de explicações débeis: “Mas não admitiremos que nem os anjos possam conceber a maneira da geração do Filho, muito menos vós. Devo contar como correu? Foi de uma forma conhecida pelo

Pai que gerou e pelo Filho que foi gerado. Tudo o que seja para além disso está escondido por uma nuvem e escapa à sua escassa visão”.

Um dos primeiros grandes defensores desta visão dominante e tradicional foi *Orígenes* (já demos conta das ligações de *Orígenes* com o platonismo). Vejamos como também ele foge ao testemunho claro das Escrituras. Livra-se do significado evidente da palavra “hoje” para dar lugar à sua própria teologia:

Cristo como Filho. Quando as palavras lhe são dirigidas: “*Tu és meu filho; Eu te gerei hoje*”, isto é dito por Deus, com quem todo o tempo é hoje, porque não há noite para Deus, como eu considero, e não há amanhã, nada além do tempo que se estende, juntamente com a Sua vida que não tem princípio nem pode ser visto. Hoje é para Ele o dia em que o Filho foi gerado e, por isso, não se encontra o início do Seu nascimento, nem o dia do Seu nascimento. [33]

Com que facilidade estes homens explicam o significado claro das palavras. E a Igreja reverenciou estes homens. Não acredito que Deus diga tal disparate. Deus não pode mentir. Também acredito que as Escrituras são as palavras inspiradas de Deus (2 *Timóteo* 3:16). Jesus também acreditou nisso. Disse que as Escrituras não podem ser anuladas. O que está escrito está escrito e devemos ouvi-lo com inteligência. Por isso, não somos livres para fazer as nossas próprias interpretações particulares (2 *Pedro* 1:20). Em qual vai acreditar? “Hoje” refere-se ao tempo ou à eternidade? “Gerado” significa ser originado ou significa não ter princípio? Devemos acreditar que o dia do seu nascimento não pode ser encontrado?

Mateus e Lucas sobre o nascimento de Jesus, o Filho de Deus

Mais importante ainda, em que acreditavam os apóstolos? Mateus começa assim: “*LIVRO da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*” (*Mateus* 1:1). A KJV traduz por “*O livro da geração de Jesus Cristo*”. A palavra grega aqui traduzida por “genealogia” é a palavra “*genesse*”. E a palavra “*genesse*” significa “origem”. As primeiras palavras da Bíblia em *Génesis* 1 dizem “no princípio”.

Mateus diz-nos que este é o livro de origem – ou genealogia – de *Jesus Messias*. *Génesis* 2:4 recorda-nos: “*Estas são as origens [literalmente, estas são as gerações, as origens] dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o SENHOR Deus fez a terra e os céus*”. Assim como o universo material não é eterno, mas tem um ponto de partida, Jesus, o Filho de Deus, tem um princípio.

Mateus continua a explicar a linhagem de Jesus Cristo: “*De Abraão nasceu Isaac*”. Espera um minuto. Embora esta seja uma tradução razoável do que Mateus escreveu, não é suficientemente precisa e obscurece algo de vital importância. Pelo menos a antiga KJV é aqui precisa quando traduz: “*Abraão gerou Isaac; e Isaac gerou Jacob; e Jacob gerou Judas*”.

Não há aqui dúvidas sobre o significado. Abraão gerou Isaac. Abraão gerou Isaac. Isaac não existia antes de ser gerado. Então Isaac “gerou” Jacob. Mesmo significado. Isaac teve um filho. E assim nasceu Jacob. Na verdade, Mateus utiliza esta palavra “gerou” ao longo da sua genealogia antes de chegar ao nascimento humano de Jesus um total de 39 vezes. E em cada caso sabemos exatamente o que Mateus quer dizer. O pai procriou, gerou, deu vida a um filho.

A mesma palavra “gerou” é utilizada para se referir à existência, à origem de Jesus Cristo. Não é curioso que as nossas traduções não reflitam isso? No versículo 16 a KJV diz que de Maria “nasceu Jesus, que é chamado o Cristo”. Uma tradução igualmente válida do que Mateus escreveu é “*Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo*”, embora o sentido natural neste caso seja provavelmente o de que Jesus nasceu de Maria. Segundo Mateus, Jesus nasceu e passou a existir, foi procriado, teve a sua origem da mesma forma que entendemos que todos os outros desta genealogia tiveram a sua origem. Bem, não exatamente da mesma forma! Porque Mateus continua a explicar algo único sobre a procriação de Jesus: “*O nascimento de Jesus Cristo foi assim...*” Uau! Não foi isso que Mateus escreveu. Escreveu isto: “*A gênese de Jesus Cristo foi a seguinte...*” [34]

Aí está de novo – a origem de Jesus! Este é o “hoje”, o momento da história em que Jesus começa a existir. Ao contrário de todos os outros bebês humanos da lista de Mateus, este bebê não tem um pai humano para o gerar. Não. O anjo aparece em sonhos a um José preocupado, que se interroga como é que Maria se meteu numa situação destas ao ponto de engravidar, quando ele sabe perfeitamente que não teve relações sexuais com ela. A explicação é dada no *versículo 20* [Tradução VKJ]: “*pois o que nela foi concebido procede do Espírito Santo*”. Mais uma vez devemos protestar contra a forma como os tradutores lidaram com o que Mateus escreveu. O que ele escreveu foi isto: “*porque o que nela foi concebido vem do Espírito Santo*”. É a mesma palavra que Mateus usou ao longo deste capítulo para indicar procriação. Poderíamos traduzi-lo com precisão desta forma: “*Pois o que nele é gerado vem do Espírito Santo*”. Esta é a ação de Deus Pai que gera o Seu Filho.

Eis, pois, a geração do Filho de Deus na história na terra. Mas há ainda mais naquilo que Mateus nos diz. Os nomes de quatro mulheres aparecem na lista antes de chegar a Maria: “*Zera de Tamar*” (versículo 3) “*Boaz de Raabe*” (versículo 5) “*e Obed de Rute*” (versículo 5); “*Salomão para aquela que foi esposa de Urias*” (versículo 6). Mais uma vez não temos qualquer problema em perceber o que isto significa. A palavra grega traduzida por “para” nestes quatro casos é “*ek*” e significa “fora de”. A mãe produz o óvulo do qual nasce o seu bebê. Agora é dada a mesma explicação para o menino Jesus de Maria. *Versículo 16*: “*Maria, da qual [grego ek: de] Jesus nasceu.*” Assim notamos que Jesus saiu de Maria, não através de Maria. Mais uma vez, Jesus teve origem numa verdadeira linhagem humana, por assim dizer. Por outras palavras, não existe um Filho pessoalmente pré-existente que entre no seio de Maria desde a eternidade e passe para o tempo. Ele vem “de” Maria, tal como todos os bebês vêm das suas mães. (Curiosamente, certos gnósticos afirmaram que Cristo não veio de Maria, mas veio através dela “como água por um cano”). [35]

Este nascimento ou início do Filho de Deus é descrito de forma ainda mais precisa, se possível, no relato de Lucas. Gabriel anuncia à virgem Maria: “*Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus*” (Lucas 1:35).

Gabriel conta-nos que o filho de Maria será concebido de forma milagrosa. O poder do “Espírito Santo” irá eclipsá-lo. (Não há artigo definido antes de “Espírito Santo” em grego.) Isto indica que a presença de Deus, o seu poder iniciador, é a causa da conceção e geração de Jesus. *Raymond E. Brown* diz que isto “seria consistente com uma teologia de uma nova criação na qual o Espírito de Deus, ativo na primeira criação da vida (Gênesis 1:2), estivesse novamente ativo”. [36] Não percamos de vista a importância do que aqui é dito, quer por Gabriel através de Lucas, quer por *Brown*. A Virgem Maria foi concebida pelo “poder do Altíssimo”. *Brown* prossegue dizendo que

não deveríamos entender esta geração de uma forma “quase sexual”, como se Deus tomasse o lugar de um princípio masculino ao fazer com que Maria concebesse. Há mais uma conotação de criatividade. A Maria não é estéril; antes, é uma virgem que não teve relações sexuais com um homem e, por isso, a criança é inteiramente obra de Deus: uma nova criação – O Espírito que vem sobre Maria é diretamente paralelo ao Espírito de Deus que se moveu sobre as águas antes da criação em *Gênesis 1:2*. A terra estava vazia e desordenada quando aquele Espírito apareceu; Assim, o ventre de Maria ficou vazio até que, pelo Espírito, Deus o encheu com um filho que era Seu Filho. No anúncio do nascimento de João Baptista ouvimos falar de um desejo e de uma oração por parte dos pais que desejavam muito ter um filho; mas como Maria é uma virgem que ainda não viveu com o marido, não há desejo humano nem expectativa de ter um filho – é a surpresa de uma nova criação surpreendente. Já não se trata do pedido humano e do cumprimento generoso de Deus; Esta é uma iniciativa de Deus que vai para além de tudo o que um homem ou uma mulher já sonhou. [37]

Em contraste com os credos do Cristianismo que nos dizem para acreditar que o nosso Senhor era eterno e incriado, Gabriel diz o contrário – o Filho de Deus começou no ventre de Maria. Estamos a lidar com a geração do Filho de Deus no ventre de Maria através do Espírito criativo de Deus. Como diz *Brown*, só nos escritos do século II encontramos os conceitos lucano e jónico (mal compreendidos) combinados numa encarnação de uma divindade pré-existente no ventre da virgem Maria. [38] Lucas não pensa num Filho de Deus pré-existente. Portanto, Lucas não acreditava na Trindade e hoje seria excluído da filiação de quase todas as igrejas.

Duas gerações?

É certo que existe possivelmente uma outra ocasião na vida de Jesus em que se diz que foi “gerado”. Alguns comentadores dizem que o dia da sua ressurreição/coroação é uma geração. O decreto profético do *Salmo 2* (“*Tu és o meu Filho; hoje Eu te gerei*”) não se aplica à sua conceção/nascimento, mas à sua ressurreição/exaltação à direita do Pai. A evidência do NT para esta afirmação é escassa e, na melhor das hipóteses, duvidosa. A única passagem que consigo localizar que daria essa impressão é *Hebreus 1:3-5*. Aqui, depois de afirmar que Jesus ressuscitou dos mortos e “*assentou-se à destra da majestade nas alturas*” (*Hebreus 1:3*), a geração de Jesus é citada no *Salmo 2*. Alguns alegam que nesta base a geração da chegada de o Filho para o céu através da ressurreição é uma geração simbólica. Portanto, uma vez que a ressurreição de Jesus não iniciou o seu início pessoal, por que razão o relato de Lucas sobre o nascimento de Jesus também não deveria ser tomado metaforicamente? Tomado desta forma, indicaria que Jesus (que supostamente existia desde a eternidade) só entrou agora numa nova fase da sua existência através da Encarnação. Portanto, a sua conceição não é um verdadeiro começo pessoal. O seu nascimento é simbolicamente importante, mas não marca a sua origem pessoal. A conceição virginal de Jesus é simplesmente uma linguagem metafórica para adoção. Esta é uma proposta válida?

Em pelo menos duas ocasiões distintas, o Pai falou desde o céu, dizendo: “*Este é o meu Filho muito amado*”. Estas declarações públicas – uma no seu batismo e outra na sua transfiguração – não estabeleceram a filiação de Jesus; antes, confirmaram abertamente o que já era um facto, a saber, que Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus. Nem o batismo nem a transfiguração deram a Jesus um novo estatuto. O propósito destes anúncios públicos não era mostrar ao mundo que o Pai estava a adotar Jesus como Seu Filho. Estes acontecimentos apenas revelaram uma filiação já real desde a sua conceição. Mas será que este raciocínio pode ser aplicado ao anúncio de Deus na

coroação de Jesus (“*Tu és meu Filho; hoje Eu te gerei*”) se foi realmente um anúncio pós-ressurreição? Quando Deus colocou Jesus à sua direita no céu, foi uma confirmação – na mesma linha dos anúncios do Pai no batismo e no Monte da Transfiguração – para todos no céu e na terra de que aquele que tinha sido rejeitado pelos homens era verdadeiramente O seu filho. Mas haverá algo mais do que o simples reconhecimento universal de Jesus como Seu Filho agora ressuscitado? A sua ressurreição é uma geração (metafórica)? Se sim, como pode haver dois nascimentos: um na concepção e outro na coroação? Felizmente, podemos recorrer a outras passagens paralelas do NT em busca de luz.

O *Salmo 2* é também citado no NT em *Atos 13:33*. Aqui não há qualquer dúvida de que o decreto do Pai, “*Meu Filho és tu, hoje te gerei*”, é uma referência à concepção/começo físico de Jesus e ao ministério da sua vida. Quando o apóstolo Paulo anuncia “a promessa que foi feita aos pais” (*Atos 13:32*), conta como Deus Pai “ressuscitou Jesus” (*versículo 33*) em cumprimento do seu decreto no *Salmo 2*. Isto refere-se claramente à geração física de Jesus, porque só no versículo seguinte é introduzida a ressurreição de Jesus: “*E que o ressuscitaria dentre os mortos, para nunca mais tornar à corrupção...*” (*versículo 34*). (Este ponto perde-se para os leitores da versão King James, onde há um infeliz erro de tradução. A palavra “*tornar*” aparece no *versículo 33* onde não tem o direito de estar. Isto dá a impressão de que a citação do *Salmo 2* se refere à ressurreição de Jesus, quando se lê: “*Deus cumpriu o mesmo para nós, seus filhos, na medida em que ressuscitou Jesus*”. O original grego não introduz a palavra “*tornar*” até o *versículo 34*, onde, como já observamos, a ressurreição aparece pela primeira vez).

Anteriormente no sermão de Paulo encontramos a mesma expressão que Deus “*E, quando este foi retirado, levantou-lhes como rei a Davi*” (*Atos 13:22*). Assim como Deus levantou David para o serviço real, Deus levantou Jesus para o ministério como um descendente literal de David. Isto também encontra eco no AT, onde Deus promete “suscitar” um descendente depois de David “*então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino*” (2 Samuel 7:12). Mais uma vez, o decreto de Deus para ressuscitar Jesus como um verdadeiro descendente de carne e osso de David é uma referência não à ressurreição, mas ao seu verdadeiro nascimento físico e vida. A nossa conclusão é que, tendo em conta tanto o contexto do AT como outras referências do NT ao decreto de Deus, a geração do Filho refere-se sempre ao início físico de Jesus.

Talvez outra chave que nos ajude a responder à nossa questão se encontre na introdução da carta aos Romanos. Aqui é-nos dito o que diz respeito ao Evangelho: “*Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, Declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos*” (*Romanos 1:3, 4*).

Eis dois “como” que esclarecem a nossa questão. A primeira diz que “segundo a carne” o Filho de Deus nasceu (literalmente, veio a existir) de descendência davídica. É um verdadeiro ser humano. Como Paulo afirma em *Gálatas 4*, Deus enviou (comissionou) o Seu Filho “*nascido [de novo, literalmente, vindo à existência] de mulher*” (*Gálatas 4:4*). (Se Jesus sempre existiu como o Filho eterno antes do seu nascimento, estas declarações são falsas.) O segundo “de acordo” diz que Jesus é “declarado ser capaz de ser o Filho de Deus segundo um espírito de santidade pela sua ressurreição”. Note-se que a ressurreição não constitui Jesus como Filho de Deus, mas antes anuncia – “com poder” – uma filiação já estabelecida. Jesus Cristo é o único homem até agora que experimentou dois reinos de existência. Como Filho de Deus “segundo a carne”, Jesus viveu em fraqueza e humildade nesta terra. Poucos conheciam a sua verdadeira identidade. Mas depois de

ser ressuscitado e levado para a direita de Deus, este Filho entrou numa *nova fase de existência*. A sua coroação apresentou-o – pela primeira vez – ao reino do Espírito e da imortalidade. A ressurreição de Jesus é uma poderosa confirmação de que as suas afirmações de ser o Filho Unigénito de Deus eram verdadeiras. É uma melhoria significativa em relação a uma filiação já usufruída; como Filho de Deus, o seu estatuto é intensificado. A sua ressurreição *pode* ser chamada de “geração espiritual”, que o marca “**com poder para ser o Filho de Deus**”. Mas isso aconteceu depois de o Filho ter sido literal e fisicamente gerado em Maria. Esta conceção em Maria marca a geração física que inicia a sua existência real como Filho de Deus; No entanto, pode falar-se da sua coroação como uma “geração espiritual” que inicia uma nova fase na sua filiação. *Raymond Brown* está bastante convicto de que a geração de Jesus como Filho de Deus no ventre de Maria deve ser interpretada literalmente. O seu raciocínio é que a “vinda” do Espírito Santo em Lucas 1:35b (o que explica porque é que a criança é chamada “santa” em 1:35d) e a “sombra” pelo poder do Altíssimo em 1:35c (o que explica porque é que a criança é chamada Filho de Deus em 1:35d) “na verdade gera a criança como Filho de Deus – não há aqui adoção”. [39]

O professor Anthony Buzzard enfatiza ainda mais isto:

Nestes versículos [Lucas 1:35], sob a autoridade do emissário de Deus, somos apresentados a uma declaração clara sobre a origem de Jesus como Filho de Deus. A conceção milagrosa de Maria, segundo Lucas, foi a causa imediata da filiação divina de Jesus. É “*por isso também*” (Lucas 1:35) – a conceção de Maria através do poder do Espírito Santo de Deus – que Jesus deveria ser chamado Filho de Deus. Um comentador francês desta passagem traduz muito bem o grego “*dio kai*” por “*c’est précisément pourquoi*” (“é precisamente por essa razão”, “por essa mesma razão”) será chamado Filho de Deus. Não é difícil perceber que a visão de Lucas sobre a filiação de Jesus está em desacordo com a ideia tradicional de que alguém que já existia como Deus e Filho de Deus entrou no seio de Maria. Se assim fosse, a conceção de Jesus não seria a causa da filiação divina de Jesus. Ele já teria sido o Filho de Deus. [40]

Noutro artigo, *Anthony Buzzard* torna este ponto ainda mais revelador:

A mensagem é simples e clara. O Filho de Deus do anúncio de Gabriel não é outro senão um Filho de Deus divinamente criado, que vem à existência – gerado – como Filho no seio materno. Todos os outros aspirantes à filiação divina e ao messianismo podem ser seguramente excluídos. Um “Filho de Deus” que é filho *natural* de José não poderia, segundo a evidência de Gabriel, ser o Messias. Tal pessoa não responderia ao Filho que é filho com base numa intervenção divina única na cadeia biológica. Da mesma forma, falso para a definição de Gabriel do Filho de Deus seria um filho que *pré-existia* à sua conceção. Tal filho não poderia de modo algum corresponder ao Messias apresentado por Gabriel, cuja existência se baseia num ato criativo histórico por parte do Pai. Gabriel não apresenta um Filho de Deus em transição de um estado de existência para outro. Anuncia a origem milagrosa e o início do Messias... A conceção e a geração marcam o ponto em que começa a existir um indivíduo, um indivíduo que antes *não* existia! [41]

Gabriel informa-nos então que o poder criador de Deus iniciou o seu Filho inequivocamente nascido na história. Não há aqui uma geração metafórica. Como disse outro erudito: “Ele [Deus] estava a criar um ser humano, o último Adão, e não um segundo Deus ou uma segunda pessoa de um Deus trino. Desta forma, a humanidade de Nosso Senhor, por criação especial, vinha de Deus e de Maria e ele era completa, inteira e puramente humano”. [42]

Quando Deus soprou no corpo sem vida de Adão, este tornou-se uma alma vivente. O facto de o espírito ou sopro de Deus ter animado Adão não significava que Adão se tivesse tornado um homem com duas naturezas, que fosse totalmente Deus e totalmente homem. Não, ele era pura e *completamente humano*. Da mesma forma, quando Deus cobriu Maria e pelo seu poder criou Jesus a partir do ovo da sua mãe, Jesus não se tornou um homem com duas naturezas. Era também pura e inteiramente humano, como Adão. Para aqueles que se opõem a este surpreendente paralelo com Adão, é informativo notar que Lucas tira esta mesma lição apenas alguns versículos mais tarde. Traça a linhagem de Jesus, o Filho de Deus, até Adão, que também é chamado “filho de Deus” (Lucas 3:38)! Deus, que criou o primeiro “filho de Deus” – Adão – agora, por um milagre especial, cria também o último Adão – Jesus – que também é designado “Filho de Deus”.

Na Cristologia Nicena, esta concepção/geração de Jesus não dá existência ao Filho de Deus. No esquema tradicional, a concepção de Jesus é simplesmente o início da sua carreira terrena. Mas para Gabriel o milagre é a razão e a base da própria existência do Filho. Jesus é o Filho de Deus “por esta mesma razão” ensinada tão belamente por nada mais nada menos que o arcanjo em *Lucas 1:35*:

Toda a natureza do Salvador está aqui em causa. Será ele realmente um ser humano, ou teve o benefício de bilhões de anos de existência consciente, antes de decidir tornar-se um homem?... O Filho de Deus, Messias e Salvador, é definido em termos teológicos precisos por Gabriel, colocando o fundamento de todo o NT e o cumprimento das promessas do Antigo... Jesus é o Filho de Deus apenas numa base: a sua existência milagrosa no seio de Maria. Este foi o ato criativo de Deus, iniciando a Sua nova criação e fornecendo o modelo de filiação cristã para todos nós. Embora obviamente não tenhamos nascido sobrenaturalmente, como Jesus, ainda assim, nós, como Ele, devemos receber um nascimento sobrenatural do espírito, nascendo de novo sob a influência do Evangelho... Um Filho de Deus que já é o Filho de Deus Antes de ser concebido na sua mãe, é uma personagem essencialmente não humana. De acordo com este esquema revisto, o que passou a existir em Maria não foi de modo algum o Filho de Deus, mas uma natureza humana criada acrescentada a uma Pessoa já existente. [43]

Um livro definitivo, “*The Virgin Birth in History and Faith*” (O Nascimento Virginal na História e na Fé), foi escrito em 1941 por *Douglas Edwards*. O próprio *Edwards* era trinitário, o que significa que acreditava que Jesus era o segundo membro da eterna Trindade. Contudo, ele recusa-se a usar o nascimento virginal para esta crença. Diz categoricamente que:

O NT nunca liga o Nascimento Virginal com a Divindade de Cristo... As narrativas da Natividade... ligam o Nascimento Virginal não com a Divindade de Jesus Cristo, mas com a Sua “Cristeidade” e a Sua Humanidade... longe de marcá-Lo como Deus. – O seu nascimento “do Espírito” permite-lhe ser o Homem para quem o Reino é uma realidade visível. [44]

Nada poderia ser mais claro, segundo *Edwards*:

Os apóstolos não acreditavam que Jesus era Deus porque tinha nascido de uma virgem, nem esperavam que os outros acreditassem na sua Divindade com base nisso... Não foi a Divindade de Cristo que atestou o nascimento milagroso. Não teria ocorrido aos primeiros cristãos apelar ao nascimento virginal como prova da divindade de Cristo. Também não o atraem muito. [45]

J.O. Buswell concorda:

A noção de que o Filho foi gerado pelo Pai na eternidade passada, não como um acontecimento, mas como uma relação inexplicável, tem sido aceite e continuada na teologia cristã desde o século IV... Examinamos todos os casos em que este “gerado” ou “nascido” ou

palavras relacionadas aplicam-se a Cristo, e podemos dizer com confiança que *a Bíblia não tem nada a dizer sobre “gerar” como um relacionamento eterno entre o Pai e o Filho*. [46]

Raymond Brown chega ao ponto de dizer que Lucas 1:35 é um embaraço positivo para a crença dominante: “*Lucas 1:35* embaraçou muitos teólogos ortodoxos, uma vez que na teologia da pré-existência uma conceição do Espírito Santo no ventre de Maria não provoca a existência do Filho de Deus. Aparentemente, Lucas não tem conhecimento de tal cristologia; a conceição está causalmente relacionada com a filiação divina para ele”. [47]

O estudioso do Novo Testamento e crítico textual *Bart Ehrman* diz: “Na verdade, não há nada na narrativa de Mateus, aqui ou em qualquer outro lugar do Evangelho, que sugira que ele conhecia ou subscrevia a noção de que Cristo existia antes do seu nascimento”. [48]

Por agora, vamos deixar o assunto em casa. “Gerar” significa trazer à existência, fazer existir. Dizer que o Filho foi “eternamente gerado” é como falar de círculos quadrados. Não pode começar e não começar ao mesmo tempo! Como salientou *Anthony Buzzard*, é duvidoso que esta expressão contenha mais significado do que “cubos de gelo quentes”.

Onde está então a doutrina “tradicional” da geração eterna do Filho que se encontra nas Escrituras? *A visão tradicional diz que o Filho foi gerado, mas nunca veio à existência – era eterno*. Tal linguagem eclesiástica é um absurdo ilógico. *Se não há geração eterna do Filho, então não há Filho eterno. A Ortodoxia quer que acreditemos que o Pai não foi gerado e não teve princípio, mas que o Filho foi gerado e também não teve princípio!* É certamente claro que é tortuoso atribuir significado a palavras que nenhum léxico suporta. Isto é simplesmente brincar com as palavras e fazê-las significar o que diz que significam.

Outras “explicações” são oferecidas para justificar o credo tradicional. Cristo é o Filho de Deus “gerado, não criado” e “gerado antes de todos os mundos”, mas isto destrói o significado de “gerar”, que é uma forma de criação ou procriação. O conhecido *C.S. Lewis* defende a causa tradicional e pergunta o que significam estas palavras:

Um dos credos diz que Cristo é o Filho de Deus “gerado, não criado”; e acrescenta “gerado por seu Pai antes de todos os mundos”. Poderia deixar claro que isto não tem nada a ver com o facto de que quando Cristo nasceu na terra como homem, esse homem era filho de uma virgem? Agora não estamos a pensar no nascimento virginal. Estamos a pensar em algo que aconteceu antes da criação da natureza, antes do início do tempo. “Antes de todos os mundos” Cristo é gerado, não criado. Que significa?

Não usamos muito as palavras *gerando* e *gerar* no inglês moderno, mas todos sabem o que significam. Gerar é tornar-se pai de; criar é fazer. E a diferença é esta. Quando se engendra, engendra-se algo da sua própria espécie. Um homem gera bebés humanos, um castor gera pequenos castores e um pássaro gera ovos que eclodem em crias. Mas quando o faz, faz algo diferente de si mesmo. Um pássaro faz um ninho, um castor constrói uma barragem, um homem faz um dispositivo sem fios... ou pode fazer algo mais parecido consigo próprio do que um dispositivo sem fios – digamos, uma estátua... Esta é a primeira coisa a esclarecer. O que Deus gera é Deus; assim como o que o homem gera é o homem. O que Deus cria não é Deus; assim como o que um homem faz não é um homem. É por isso que os homens não são filhos de Deus no sentido em que Cristo o é. Podem ser semelhantes a Deus em certos aspetos, mas não são coisas do mesmo tipo. São mais como estátuas ou imagens de Deus. [49]

Lewis entra aqui no habitual emaranhado helenístico/filosófico, mas podemos pelo menos começar por sustentar a sua afirmação de que “gerar é tornar-se pai de”. Estamos a trabalhar a partir da mesma definição. Jesus teve um início, embora um início “que ocorreu antes da criação da Natureza, antes do princípio dos tempos”. Contudo, a explicação de *Lewis* levanta pelo menos dois problemas. Em primeiro lugar, *sem qualquer garantia bíblica para o fazer*, situa a geração de Jesus como Filho numa eternidade passada. Como acabámos de ver, Mateus e Lucas situam o nascimento de Jesus no tempo – na Palestina do primeiro século, três meses depois da gravidez de Isabel – e em vez disso – no seio de Maria. Não há uma única palavra na Bíblia que ensine que Jesus foi gerado na eternidade. Não um.

Em segundo lugar, *Lewis* faz a afirmação arbitrária de que Deus gera Deus. Isto significaria que o Deus não gerado gera uma pessoa não gerada. Isto contradiz diretamente o significado de “gerar” e o facto bíblico de que Jesus era o Filho Unigénito de Deus. *Lewis* não explica o entendimento da Bíblia sobre o que significa ser o Filho de Deus. A sua distinção entre “gerar” e “criar” poderia ser bastante válida – se estivéssemos a trabalhar no domínio da filosofia e da metafísica gregas. Mas agora não estamos a trabalhar nessa área. Agora pensamos com mentes hebraicas. Porque ao gerar Jesus através da cobertura milagrosa do Espírito de Deus, Deus está a operar uma nova criação. Na mentalidade hebraica, a geração de Jesus foi a criação do Filho de Deus, como vimos. E aqui está a chave de que precisamos para obter clareza. Encontra-se na própria definição da Bíblia e no pano de fundo da descrição “Filho de Deus” e é para este entendimento particular que nos voltaremos agora.

Filho de Deus

Um dos principais teólogos sistemáticos do mundo (e à data em que escrevo ainda está vivo) é o *Dr. Colin Brown*, do Seminário Fuller. O *Dr. Brown* é um dos principais contribuidores para a “*International Standard Bible Encyclopedia*” (Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional). *Brown* fala de “um equívoco sistemático da linguagem do Filho de Deus nas Escrituras”. Na verdade, *Brown* diz: “Poderíamos perguntar-nos se o termo ‘Filho de Deus’ é em si um título divino. “Há certamente muitos casos na linguagem bíblica em que não é definitivamente uma designação de divindade”. Em seguida, ilustra esse ponto com a Bíblia. Este termo é utilizado para descrever Adão, o vice-regente criado por Deus na terra (*Lucas 3:38*); é utilizado para designar a nação de Israel e o rei de Israel (*Êxodo 4:22; Oseias 11:1; Salmos 2:7; 2 Samuel 7:14*, etc.); e na sua forma plural para designar até anjos (*Job 1:6; 2:1; 38:7*). Então ele diz:

À luz destas passagens no contexto, o título “Filho de Deus” não é em si uma designação de divindade pessoal ou uma expressão de distinções metafísicas dentro da Divindade. Na verdade, para se ser “Filho de Deus” é preciso ser outro ser que não Deus! É uma designação para uma criatura que indica uma relação especial com Deus. Em particular, denota o representante de Deus, o vice-regente de Deus. É uma designação da realeza, que identifica o rei como filho de Deus. [50]

Na verdade, para se ser “Filho de Deus” é preciso ser outro ser que não Deus! Isto é facilmente demonstrado pela forma como a Bíblia utiliza o termo “filho de Deus”. Mas em nenhum destes casos é um título que designa a Divindade no sentido “tradicional” ou “ortodoxo”. É claro que a filiação de Deus significava algo muito diferente para a mente judaica dos escritores da Bíblia e para a mente gentílica posterior.

Quando Jesus perguntou aos seus discípulos: “*Mas vós, quem dizeis que eu sou? E, respondendo Pedro, lhe disse: Tu és o Cristo*” (Marcos 8:29). Lucas expande a confissão de Pedro ao “*Cristo de Deus*” (Lucas 9:20). E Mateus tem a descrição mais completa: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (Mateus 16:16). É bastante evidente que estes dois títulos Cristo (hebraico, *Messias*) e Filho de Deus são intercambiáveis. Um define o outro. O “*Filho de Deus*” de Mateus é sinónimo de “*Cristo*”.

Esta confissão de Pedro deve ser entendida no seu contexto judaico. O quadro de referência de Pedro era a sua Bíblia Hebraica. E nessa Bíblia os títulos “Cristo” e “Filho de Deus” referem-se ao rei de Israel. Por exemplo, vemos isso claramente no Salmo 2, um Salmo messiânico amplamente considerado. Neste Salmo temos “o SENHOR”, que é Jeová Deus. Temos também o “*Seu Ungido [Messias]*” (versículo 2). Deus declara esta palavra profética: “*Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião*” (versículo 6). O versículo seguinte diz que Deus chama a este Rei Messiânico “*Meu Filho*” (versículo 7). Para os judeus que aguardavam o cumprimento da promessa divina do Messias, o prometido seria tanto Rei como Filho de Deus. Estas três descrições encontram-se na pessoa de Jesus de Nazaré. O Ungido (hebraico, *Messias*; grego, *Cristo*) é o Rei, é o Filho. “O título ‘Filho de Deus’ usado para Jesus tem origem na ideologia real israelita”. [51] E quando Pedro reconheceu isso, Jesus felicitou-o por ter sido abençoado. O Pai revelou-lho. “A filiação de Jesus a Deus não é descrita como uma ‘natureza divina’, mas como resultado da criação/eleição divina e é plenamente desenvolvida na obediência de Jesus ao Pai.” Como *Schonfield* se esforça por salientar vezes sem conta: “Jesus é o Homem arquetípico, o Filho arquetípico de Deus”. E como *Frances Young* tão astutamente observa: “Quando Paulo escreveu: ‘*Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo*’, é improvável que tenha imaginado uma conclusão nicena”. [52] Para resumir até aqui temos:

Filho de Deus = Rei = Messias = Cristo

Uma vez que os títulos “Rei de Israel”, “Messias/Cristo” são sinónimos de “Filho de Deus”, o que achamos de João 10, onde os judeus estão prestes a apedrejar Jesus por “blasfémia”? A nossa Bíblia diz: “*Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfémia; porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo*” (João 10:33).

Para os nossos ouvidos apegados à tradição, isto soa como se Jesus estivesse a afirmar ser Deus. Mas foi? Faria sentido naquela terra e naquela época que os judeus que eram monoteístas unitaristas estritos acusassem Jesus de ser o próprio Jeová? Infelizmente, mais uma vez temos de esclarecer uma simples questão de tradução. O grego aqui não tem o artigo definido antes da palavra “Deus”. Não acusaram Jesus de se afirmar “o Deus”, isto é, o Senhor Deus. O texto grego também não coloca o “D” em maiúsculas para Deus. Nenhum judeu acreditaria nisso nem por um momento. Fazê-los dizer que Jesus afirmou ser Deus (o Ser Supremo) é simplesmente ler no texto aquilo que é historicamente anacrónico e absurdamente fora do contexto. Quando lemos a palavra “Deus”, a nossa mente ocidental pensa imediatamente na Divindade Suprema. Mas no mundo antigo a palavra “Deus” era muito mais ambígua e o contexto determinava sempre o seu significado. Na verdade, os judeus acusaram Jesus de que reivindicava uma autoridade sem precedentes para falar diretamente em nome de Deus. Não o reconheceram como o Messias e consideraram as suas afirmações escandalosas e falsas.

O apóstolo Paulo dá-nos uma boa pista sobre este uso generalizado e popular da palavra “deus” quando nos diz que na sua sociedade havia “*muitos deuses e muitos senhores*” (1 Coríntios 8:5). Numa ocasião, o próprio Paulo teve de dissuadir multidões de o adorarem a Ele e a Barnabé. A

multidão gritou: “Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós” (*Atos 14:11*). Mais tarde na vida, Paulo foi mordido por uma cobra venenosa. Os habitantes locais esperavam que Paulo inchasse e morresse, mas quando não apresentava efeitos nocivos, as mesmas pessoas mudaram de ideias e começaram a dizer que Paulo era “um deus” (*Atos 28:6*). Os tradutores sabem que os nativos não pensavam que Paulo fosse “Deus”, por isso escreveram que Paulo era “um deus”. Outro exemplo: em *Atos 12*, o rei Herodes fez uma comovente oração e o povo gritou: “Voz de Deus, e não de homem” (versículo 22). Os tradutores não escreveram “A voz de Deus...” porque é evidente que aqueles pagãos não disseram que Herodes falava com a mesma voz de Deus. Isto é muito claro para qualquer pessoa.

Poderíamos referir muitos mais exemplos em que o contexto determina a que “Deus/deus” se refere. Evidentemente, a Bíblia, refletindo a linguagem comum da sua época, chama “Deus/deus” a vários seres. Sempre que a Bíblia fala que a única Divindade Suprema é o Deus incriado, geralmente utiliza o artigo definido. O Pai de Jesus é geralmente chamado “o Deus” (grego: *ho theos*). De facto, cerca de 1.350 vezes no NT, sempre que a Divindade Suprema, o Pai, é mencionada, é chamado “o Deus” com o artigo definido.

Antes de regressarmos à nossa passagem em *João 10*, onde os judeus acusam Jesus de blasfêmia, dizendo que ele afirma ser “Deus”, vamos fixar este facto claramente nas nossas mentes usando uma ilustração simples. Se eu lhe dissesse que o ministro o visitava hoje, poderia pensar que me referia a um ministro do governo. Por outro lado, pode pensar que me estou a referir ao ministro da igreja local. Ou até pode pensar que eu quis dizer que o (Primeiro) Ministro do nosso país viria falar consigo. Só o contexto o ajudará a fixar na sua mente a que ministro me refiro. A palavra “ministro” por si só é bastante ambígua. Da mesma forma, no mundo antigo a palavra “Deus” era uma palavra flexível cujo significado era determinado pelo contexto mais amplo.

Em *João 10:24* o contexto é claro. Os judeus dizem a Jesus: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo [o Messias], diga-nos abertamente”. Jesus expõe as credenciais que o marcam como o Messias há muito prometido. As suas obras realizadas pela autoridade do Pai provam a sua afirmação de ser o ungido, o Messias. Mas estes judeus endurecidos que se recusam a acreditar que ele é o Messias não o ouvirão porque não são suas ovelhas (*versículo 26*). As suas verdadeiras ovelhas que ouvem a sua voz estão seguras (*versículo 28*). Neste assunto, Jesus diz: “Eu e o Pai somos um” (*versículo 30*). Ou seja, um em propósito e missão. A palavra grega para alguém aqui é neutra (*hen*) e refere-se às obras ou propósitos de que Jesus fala: manter as ovelhas em segurança. (Compare-se *1 Coríntios 3:8* onde “Ora, o que planta e o que rega são um”, isto é, um em propósito ou um em missão.) O exegeta católico *Karl-Josef Kuschel* diz sobre este versículo:

Até a exegese católica vê agora que João não pretendia fazer afirmações metafísicas sobre a unidade do Pai e do Filho... devemos ter cuidado para não insistir no versículo sobre a unidade, como fizeram os cristãos dos séculos posteriores na controvérsia sobre a Trindade... Positivamente, João está preocupado com uma unidade de revelação entre o Pai e o Filho... essencialmente, temos uma unidade de vontade e de ação entre Deus e Jesus... uma unidade de atividade... Assim, ao definir a unidade, João não está preocupado com especulações mitológicas ou conceptualizações metafísicas da Divindade de Jesus, do ser divino, ou da natureza divina... Ele não está preocupado em saber que antes da Encarnação existiam duas pessoas divinas pré-existentes que estavam unidas numa só natureza divina. Esta forma de conceber as coisas é estranha a João... A afirmação nada tem a ver com afirmações dogmático-especulativas sobre a relação das naturezas dentro da Divindade. [53]

Muito bem. Sempre que o próprio Deus é chamado um, é utilizado o masculino (*heis*) (ver, por exemplo, *Gálatas 3:28*; *Efésios 4:6* em grego). Basta dizer então que aqueles que tentam fazer com que Jesus queira dizer que ele e o Pai são um só na essência ou na natureza estão a ler o texto, e não fora dele. Isto é impor novamente as categorias greco-ocidentais à mente hebraica que nunca pensou em Deus em termos de essência.

Neste ponto, os judeus estão prontos a apedrejar Jesus por blasfêmia “*porque tu, sendo um homem, finges ser...*” (“o Deus” ou “um deus”? Qual será?) Com outros comentadores, sugiro que deve ser traduzido no sentido de que Jesus se está a fazer passar por “um deus” (como traduziram *Atos 28:6* e *14:22* que vimos anteriormente). Isto porque não existe um artigo definido e nos dois versículos seguintes os tradutores seguem o bom senso: “*Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses? Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida...*” (*João 10:34, 35*).

Eis outra razão pela qual os tradutores erram quando dizem que Jesus afirmou ser “Deus”. Veja-se o versículo 36: “*Àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?*”.

Se Jesus estivesse a afirmar ser “Deus”, então certamente teria dito diretamente: “Eu disse que sou (o) Deus”! Mas não. Ele diz: “*porque disse: Sou Filho de Deus*”. Como discutido acima, ser o Filho de Deus significa que não é Deus! O ponto central de Jesus é que, se Deus no AT chamou os juízes humanos que foram comissionados para agir em seu nome de “deuses”, então quanto mais deveria aquele que é “santificado” e “enviado” com autoridade ser chamado de “deuses”? do pai? Filho de Deus. Esta interpretação de que os judeus acusam Jesus de ser “um deus” – isto é, de ser o representante ou agente do único e verdadeiro Deus de Israel – enquadra-se em todo o contexto. Recorde-se, os judeus pediram a Jesus que não os mantivesse em suspense, mas que lhes dissesse claramente se Ele era o Messias (versículo 24). Jesus faz exatamente isso. Diz-lhes que é o Filho de Deus. E como já vimos, na Bíblia os títulos “Filho de Deus” e Cristo (Messias) são praticamente sinónimos. Em *João 10:22-36* os judeus acusam Jesus de afirmar representar Deus e ser o seu porta-voz. Jesus nega explicitamente ser Deus. É pena que os tradutores tenham obscurecido tudo isto, injetando a sua própria teologia no texto, dando assim a impressão de que Jesus afirmava ser o próprio Deus, o Senhor do AT.

Eu sou

Mas e quanto às grandes declarações “*eu sou*” de Jesus? especialmente aquela clássica em *João 8:58*, onde Jesus diz: “*Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou*”, certamente aqui Jesus faz a mesma declaração para si mesmo o que Jeová Deus fez em *Êxodo 3*, onde o Senhor diz a Moisés na sarça ardente: “EU SOU O QUE SOU”. Certamente que Jesus afirma ser o EU SOU do AT, como afirma a crença trinitária?

Ora, aqui está algo muito óbvio que nunca me foi dito na igreja (ou na escola de teologia). Esta expressão dos lábios de Jesus “*Eu sou*” (grego, *ego eimi*) aparece em todo o Evangelho de João e em nenhum outro texto de João pode significar EU SOU o Deus do AT. Volte a *João 4:25, 26*, por exemplo. A mulher junto ao poço disse a Jesus: “*Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo*”. Reparará que na maioria das Bíblias a palavra ele está em itálico. Isto significa que os tradutores forneceram corretamente uma palavra em inglês que não está em grego, mas que, no entanto, torna o

significado pretendido bastante claro. Aqui Jesus diz à mulher – no contexto da sua pergunta sobre o Messias – que ele é o Messias, o Cristo. “Sou eu que falo contigo.” Em grego lê-se “*ego eimi*”. Jesus diz simplesmente: Eu sou ele, o Messias. Definitivamente não “*EU O SOU, eu que falo contigo*”.

Em *João 9*, Jesus cura o cego. Mas será este realmente o mendigo que andava às apalpadelas no escuro? Algumas pessoas disseram: “Sim, é ele”. Outros disseram: “Não, ele apenas se parece com ele”. Mas o mendigo diz: “*ego eimi*”! E os tradutores não têm qualquer problema em escrever: “Sou eu”. Então, porque é que os tradutores não são consistentes? Porque não aproveitar o que este homem diz como EU SOU? Porque é claro que não afirma ser o Deus do AT. Dizer “eu sou” (*ego eimi*) não faz de alguém Deus na Bíblia!

Ou veja *João 8:24, 28*, onde aparece a frase exata “*Eu sou*” e os tradutores fornecem o verdadeiro significado colocando a pequena palavra “*he*” em itálico, porque é claro que significa simplesmente “Eu sou o Messias”. *Versículo 28*: “*Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem EU SOU, e que nada faço por mim mesmo; mas isto falo como meu Pai me ensinou*”. Jesus não pode estar a dizer que o Filho do Homem, que nada pode fazer sem o Pai, será visto como o EU SOU quando morrer. Deus não pode morrer. A explicação consistente e natural é que Jesus afirma ser o Messias. Ele é o agente devidamente autorizado de Deus.

Na realidade, o EU SOU de *Êxodo 3* apresenta-se como EU SOU O QUE SOU ou SEREI O QUE SEREI. Jesus não disse isso! *Anthony Buzzard* explica:

É importante notar que Jesus não usou a frase revelar o nome de Deus a Moisés. Na sarça ardente, o Deus Único declarou o Seu nome como “Eu sou o que sou” ou “Eu sou o Auto existente” (*Êxodo 3:14*). A frase na versão grega do AT diz “*ego eimi ho hown*”, o que é bem diferente do “eu sou ele” usado por Jesus. [54]

O que Jesus está a dizer a estes judeus é simplesmente: “*antes que Abraão existisse, eu sou*”, isto é, “*Eu sou o Messias*”. Repare-se no contexto em *João 8:56* onde Jesus diz: “*Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se*”. Isto é, pela Fé Abraão olhou em frente e viu a vinda do Messias antes de ele aparecer na história. Ele acreditava na promessa de que Deus enviaria o Prometido. Por outro lado, estes judeus não acreditavam que Jesus fosse o seu Messias. Afirmaram ser descendentes de Abraão. Jesus disse que isso era impossível porque não o reconheceram como o seu Messias. Mas Jesus afirma que, mesmo antes de Abraão nascer, ele é Aquele que sempre esteve no plano de Deus. Isto Abraão acreditou e viu. O Messias preexistia no plano de Deus e, portanto, na mente crente de Abraão, porque confiou na promessa de Deus. Jesus, definitivamente, não disse: “Antes de Abraão existir, eu existia”. Além disso, Jesus não disse: “Antes de Abraão nascer, EU SOU QUEM EU SOU”.

A conclusão é inevitável. A afirmação de Jesus: “*antes que Abraão existisse, eu sou*” é a afirmação direta de que ele é o há muito prometido, o Messias, Aquele em questão. Jesus é o Salvador na promessa de Deus mesmo antes de Abraão nascer. Em cada um dos outros exemplos citados, alguns tradutores acrescentam a palavra “ele” à frase “eu sou”. Porque não ser consistente também aqui em *João 8:58*? A única razão para não o fazer é o preconceito tradicional. O que Jesus disse é isto: “*Antes de Abraão nascer, Eu sou ele*”, ou seja, sou o Messias que Abraão esperava. Esta é uma afirmação muito razoável de alguém que pensa que Deus tinha o Messias em mente desde o início.

Eu sou o caminho, e a verdade e a vida

Neste ponto, é apropriado mencionar outra declaração “eu sou” de Jesus, que é frequentemente utilizada para apoiar a noção de que Jesus afirmava ser Deus. Jesus diz: “*Eu sou o caminho, e a verdade e a vida*” (João 14:6). Certamente que esta é uma reivindicação de ser a Divindade Suprema?

A primeira coisa a ter em conta é que esta afirmação não é a afirmação completa. O resto do que Jesus diz é que, devido ao seu estatuto mediador único de Filho, “*ninguém vem ao Pai senão por Mim*”. Jesus está simplesmente a anunciar que é o mediador de Deus, o único agente autorizado de Deus para se aproximar. Noutro lugar, as Escrituras ensinam-no claramente: “*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*” (1 Timóteo 2:5).

Por definição, um mediador deve ser uma pessoa separada das outras duas partes que procuram chegar a um acordo (ver *Gálatas 3:20*). Para se qualificar como mediador entre Deus e os homens, é preciso ser *homem*! Deus não pode ser o mediador. *João 14:6* ensina esta verdade com precisão. Não diz nada sobre Jesus ser Deus. Simplesmente que ele é o mediador de Deus para todos aqueles que querem chegar ao Pai através do anúncio do seu Evangelho.

A segunda coisa a notar nestas declarações “*eu sou*” é que todo o contexto do Evangelho de João nos diz como e porque Jesus é “*o caminho, e a verdade e a vida*”, isto é, porque esta autoridade lhe foi dada pelo Pai. O Pai, “*mas deu ao Filho todo o juízo*” (João 5:22). O Pai “*deu também ao Filho ter a vida em si mesmo*” (João 5:26). A própria confissão de Jesus é bastante clara: “*e eu vivo pelo Pai*” (João 6:57). Jesus disse: “*Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma*” (João 5:30). É sobre “o Filho do Homem” que “*porque a este o Pai, Deus, o selou*” (João 6:27). Poderíamos multiplicar muitas vezes estas palavras de Jesus. O seu testemunho é que está subordinado ao Pai. O seu testemunho é que tudo isto lhe veio das mãos do seu Pai. As suas obras, as suas palavras, a sua própria vida são todas fruto da iniciativa de Deus. E precisamente porque estas coisas lhe foram dadas, Jesus pode dizer que Ele é o caminho, a verdade e a vida, e que ninguém pode chegar ao Pai senão por Ele. As afirmações “eu sou” não provam a Sua Divindade; Mostram que Deus é a fonte de tudo. Jesus recebeu estas coisas e, por isso, não pode ser o próprio Deus. Por definição, o Pai de Jesus é dono de todas as coisas e nada lhe pode ser dado.

Um estudioso mostra que considerar estas declarações do EU SOU como significando que Jesus afirma ser Deus Todo-Poderoso, roça o ridículo. Referindo-se a *João 8:28* (onde Jesus diz: “*então conhecereis quem EU SOU, e que nada faço por mim mesmo*”), Barrett escreve: “É intolerável que Jesus seja obrigado a dizer: ‘Eu sou Deus, o Deus supremo do Antigo Testamento, e sendo Deus, faço o que me mandam’” [55]

E em *João 13:19, 20*, onde Jesus diz: “*Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou... Na verdade, na verdade vos digo: Se alguém receber o que eu enviar, me recebe a mim, e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou*”. O mesmo autor salienta ironicamente que seria igualmente intolerável se Jesus dissesse: “Eu sou Deus e estou aqui porque alguém me enviou”. [56] Talvez fosse sensato deixar de dizer que estas declarações “eu sou ele” de Jesus significam que ele afirma ser Deus.

João Capítulo Um

Ah, posso ouvir uma objeção. E quanto a João 1 (os teólogos chamam-lhe prólogo), onde se lê: *“NO princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.”* (João 1:1-3).

A primeira coisa a dizer é que o apóstolo João não irá contradizer nada do que Mateus e Lucas (ou o AT) disseram sobre a origem e a pessoa do seu amado Senhor Jesus. As Escrituras são um testemunho harmonioso e belamente tecido da Verdade de Deus. Se Mateus e Lucas nos dizem inequivocamente que Jesus teve um princípio pelo poder milagroso de Deus no ventre de Maria, então João não nos vai dizer que Jesus, o Filho, não teve princípio, que sempre pré-existiu pessoalmente como Deus e foi o segundo membro da eterna Trindade. Tal contradição destruiria a unidade apostólica e o testemunho das Escrituras que, segundo Jesus, não pode ser quebrado.

Com este princípio em mente, devemos primeiro olhar para o que o Prólogo de João não diz. João não escreveu: *“No princípio era o Filho e o Filho estava com Deus e o Filho era Deus”*. (Algumas traduções fazem esta afirmação ousada mesmo que o texto não a justifique de todo). Mas a nossa tradição herdada atrai automaticamente os nossos olhos para esse ritmo. Uma das razões pelas quais tendemos a dar-lhe este significado é o próprio facto de as nossas traduções terem colocado um “P” maiúsculo para “Palavra”. O P maiúsculo determina inconscientemente que pensamos que João se está a referir a uma pessoa quando fala sobre “a Palavra”. Mas para aqueles que não estão familiarizados com o grego do NT, tenham a certeza de que não é assim. Todas as letras dos primeiros manuscritos gregos são maiúsculas. (Estes manuscritos são chamados unciais. Outros manuscritos são escritos em letras minúsculas.) Assim sendo, o que o tradutor decidir fazer na sua tradução terá uma grande influência na forma como a iremos ler. João escreveu “a **P**alavra” ou “a **p**alavra”? Determinaremos isso depois de discutirmos primeiro alguns outros detalhes.

O próximo ponto técnico que precisamos de esclarecer é que no grego do NT, como em muitas línguas modernas, como o francês, o alemão e o espanhol, todos os substantivos recebem género. Não temos isso em inglês porque os objetos são neutros. Mas nestas línguas estrangeiras um pronome deve sempre concordar com o substantivo a que se refere em género, número e caso. Qualquer pessoa que tenha algum conhecimento de francês, espanhol ou alemão sabe-o perfeitamente. Por exemplo, em alemão a palavra “*mesa*” é um substantivo masculino. Mas nenhum alemão, quando fala por um momento à mesa, pensa que se trata de uma pessoa quando diz: “Ajudem-me a mover esta mesa porque *ela* é pesada”. No grego do NT, um objeto pode ser masculino, feminino ou neutro.

Ora, no grego do NT, “a palavra” (*logos*) acaba por ser do género masculino. Portanto, o seu pronome – “ele” nas nossas traduções para o português – é uma questão de interpretação, não de tradução. João escreveu sobre “a palavra” que “ele” estava no princípio com Deus? Ou escreveu sobre “a palavra” que “ela” estava no princípio com Deus? Como já foi dito, no grego do NT o “*logos*” ou palavra é um substantivo masculino. Não há problema em inglês usar “*he*” para se referir a este substantivo masculino se houver uma boa razão contextual para o fazer. Mas haverá aqui boas razões para transformar “a palavra” em “ele”?

É um facto que todas as traduções inglesas do grego anteriores à versão King James de 1611 eram lidas desta forma: *“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Foi no princípio com Deus. Todas as coisas passaram a existir através dele e fora dele nada do que já existiu passou a existir. A vida estava nele; e a vida era a luz dos homens”*. Na verdade,

existem muitas traduções inglesas da KJV que se referem a “logos” como “aquilo”. As pessoas das Igrejas de Cristo ficarão, sem dúvida, surpreendidas ao saber que o seu estimado *Alexander Campbell* traduziu *João 1:1* como:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Isso foi no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nenhuma criatura foi feita. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilhou nas trevas; mas a escuridão não o admitiu”. [57]

Ler desta forma significa, naturalmente, que “a palavra” não é uma pessoa. Esta é uma tradução muito aceitável. Na verdade, vou agora mostrar que é preferível pelas seguintes razões.

A palavra “logos” aparece muitas e muitas vezes neste mesmo Evangelho de João. E em nenhum outro lugar os tradutores colocam isto em maiúscula ou usam o pronome pessoal masculino “ele” para concordar com isto! Sabem que o contexto não o permitirá. Tomemos *João 2:22*, por exemplo, que diz: *“Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto; e creram na Escritura, e na palavra que Jesus tinha dito”*. “A palavra” aqui claramente não é Jesus, a própria pessoa, mas sim a sua mensagem. Outro exemplo: *João 4:37* traduz “logos” por “ditado”: *“Porque nisto é verdadeiro o ditado...”*. Outro: *“E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse” (João 4:50)*. Ou então tome *João 6:60*, que diz: *“Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”* E assim sucessivamente para muitos outros casos neste mesmo Evangelho.

O resto do NT é o mesmo. “Logos” é traduzido de várias formas como “o apanharem nalguma palavra” (*Lucas 20:20*), “perguntarei” (*Mateus 21:24*), “trabalham” (*1 Timóteo 5:17*), “preceito” (*Gálatas 5:14*), “ensino” (*Lucas 4:32*), “questão” (*Atos 15:6*), “objeções” (*Atos 10:29*). Portanto, não há absolutamente nenhuma razão para que *João 1* diga que “a palavra” é a própria pessoa de Jesus, a não ser, claro, que os tradutores queiram deixar claro um ponto. Em todos os casos, o “logos” é um “aquilo”.

Existem mesmo fortes evidências que sugerem que o próprio João reagiu àqueles que já estavam a fazer um mau uso do seu Evangelho, afirmando que o próprio Jesus era a Palavra que pessoalmente pré-existia no mundo. Mais tarde, quando escreveu a sua introdução a *1 João*, deixou claro que o que existia no início não era um “quem”. Expressou-o assim: *“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida ...”*.

Por quatro vezes Juan diz que o que era desde o início era um “quê”! Aqui os pronomes relativos são neutros, e não masculinos. E para evitar toda a confusão quanto ao seu significado, diz mesmo que era *a palavra da vida* que estava no princípio com Deus. Certamente Juan é o seu melhor intérprete do que quer dizer. A sua introdução em *1 João* é a sua resposta ao mal-entendido que os gnósticos promoviam até então, a saber, o erro que transformou Jesus num redentor celestial pré-existente, uma mistura de carne e espírito, humano e divino, em vez de um 100% sendo humano.

Estes argumentos, por mais significativos que sejam, começam a assumir fortes proporções quando consideramos a seguinte informação vital. Isto é, a formação do apóstolo João estava nas Escrituras Hebraicas. É certamente uma exegese melhor ler o prólogo do Evangelho de João tendo em mente o seu contexto hebraico. E se voltarmos ao AT, poderemos facilmente descobrir a estrutura do entendimento de João sobre “a palavra”. Na Bíblia Hebraica “palavra” *nunca é uma pessoa*. “Palavra” significa sempre “promessa” ou “decreto” ou “proposta” ou “plano” ou

“mensagem” ou simplesmente “palavra”. (Veja, por exemplo, *Génesis 41:37; Judas 3:19; Daniel 9:25; Salmo 64:5, 6; Isaías 8:10*) Na verdade, “a palavra” é usada cerca de 1.450 vezes na Bíblia Hebraica. Por aqui. Nem uma única vez se refere a um Filho de Deus pré-existente. Nem uma vez isso significa uma pessoa. Nem uma vez!

Os hebreus compreendiam certamente que a palavra de Deus era o equivalente à Sua presença e poder pessoal. O que é anunciado está quase feito (*Génesis 1:3, 9, 11*, etc.). Ele zela pela Sua palavra para a executar e cumprir (*Jeremias 1:12*). A palavra de Deus traz a garantia de que Ele a apoiará com ações (*Isaías 55:10, 11*). Nenhuma palavra dele falhará. A Sua palavra transporta o Seu poder. A sua palavra é como o seu trabalho. A palavra de Deus é Deus na Sua atividade no entendimento hebraico. Quando “*VEIO a palavra do SENHOR a Jonas*” instruindo-o a ir à cidade de Nínive e aí pregar, Jonas “*se levantou para fugir da presença do SENHOR*” (*Jonas 1:1-3*). Aqui a palavra de Deus, que é a Sua vontade revelada, é equivalente a Deus a expressar-se. Quando Deus contou a Jonas o Seu plano ou a Sua vontade e Jonas desobedeceu, para a mente hebraica Jonas fugiu do próprio Deus.

O escritor do Evangelho de João deve ter permissão para usar as suas categorias e modos de pensar nativos. Devemos respeitar a sua origem hebraica. Na época em que o seu Evangelho foi composto, os comentários aramaicos das Escrituras Hebraicas, conhecidos como “*targums*”, usavam o termo “*memra*” (a palavra) para descrever a atividade de Deus no mundo. O “*memra*” (palavra):

... tem a mesma função que outros termos técnicos como “glória”, “Espírito Santo” e “*Shekinah*”, que enfatizam a distinção entre a presença de Deus no mundo e a realidade incompreensível do próprio Deus. *Tal como a Sabedoria divina, a “Palavra” simbolizava o plano original de Deus para a criação.* Quando Paulo e João falam de Jesus como tendo algum tipo de vida pré-existente, não estavam a sugerir que Ele fosse uma segunda “pessoa” divina no sentido trinitário posterior. Estavam a indicar que Jesus transcendeu modos de existência temporais e individuais. Como o “poder” e a “sabedoria” que representava eram atividades derivadas de Deus, de alguma forma expressava “o que existia desde o princípio”. *Estas ideias eram compreensíveis num contexto estritamente judaico, embora os cristãos posteriores de origem grega as interpretassem de forma diferente.* [58]

O facto de João nos apresentar “a palavra” de Deus em termos personificados está muito de acordo com a sua cultura hebraica. Por exemplo, o prólogo de João mostra paralelos óbvios com *Provérbios 8:22-30*, onde a Sabedoria é personificada (mas nunca hipostasiada, nunca transformada numa pessoa real). Outro exemplo talvez mais de acordo com a imagem de João encontra-se no *Salmo 147:15*, onde se lê: “*O que [Deus] envia o seu mandamento à terra; a sua palavra corre velozmente*”. Aqui a ordem/palavra de Deus é verdadeiramente personificada, mas não hipostasiada.

É também digno de nota que muitos comentadores acham que João 1:1-14 é poético no seu estilo literário. E uma regra básica de interpretação é que a poesia contém linguagem metafórica que não deve ser demasiado literal. Assim sendo, deve-se permitir que a introdução poética de João faça uso da linguagem figurada de acordo com tal personificação. Um “*logos*” personificado não é uma ideia revolucionária para o João! *Roger Haight* sustenta este sentimento quando escreve: “Uma coisa é certa: o Prólogo de João não representa o conhecimento descritivo direto de uma entidade divina ou de um ser chamado Verbo, que desceu e se tornou um ser humano. Ler uma metáfora como discurso literal é uma interpretação errada”. [59]

Esta interpretação de uma “palavra” não pessoal também não é uma compreensão de “João acaba de chegar” à Igreja. Alguns dos primeiros padres da igreja partilhavam desta opinião. O comentário de *Orígenes* a João diz: “*logos* – só no sentido da expressão do Pai que veio a ser expressa num Filho quando Jesus foi concebido”. Da mesma forma, Tertuliano: “É costume do nosso povo dizer [a partir de *João I*] que a palavra da revelação estava com Deus”. [60] Para estes padres da igreja, a “palavra” ainda não era entendida como um Filho pessoalmente pré-existente.

Ou como o eminente professor de Novo Testamento *T.W. Manson* resume lindamente:

Duvido muito que o João pensasse no “*Logos*” como uma personalidade. A única personalidade em palco é Jesus, filho de José de Nazaré. Esta personalidade encarna o “*Logos*” de forma tão completa que Jesus se torna uma revelação completa de Deus. Mas em que sentido usamos a palavra “encarnado”?... Para João, cada palavra de Jesus é uma palavra do Senhor. [61]

À luz deste contexto, é muito melhor interpretar o prólogo de João como significando que no princípio Deus tinha um plano, um sonho, uma grande visão para o mundo, uma razão pela qual criou todas as coisas. Esta palavra ou plano expressa quem Ele é. Vamos ilustrar. Eis um homem que adora pescar. Sonho pescar o dia todo. Mas por profissão é canalizador. O que o mantém ativo durante a semana, quando escava valas e repara tubagens, é que o fim de semana se aproxima. É isso que te acelera e inspira. Ele escapará a toda esta rotina e logo irá conduzir até ao litoral para pescar. Isso dura anos. Mas um dia este homem passa por um daqueles momentos da vida a que chamamos explosão cerebral. Porque não comprar uma pequena cabana de praia à beira da água? E porque não ter o seu próprio barco? Nasce um sonho. A partir daí trabalha como um homem possuído. Trabalha muitas horas extra para conseguir o dinheiro necessário para realizar o seu sonho. Na verdade, até desiste da maior parte dos fins de semana de pesca para poder ganhar dinheiro extra para comprar a casa e o barco dos seus sonhos. Ah, claro, ele tira uma folga de vez em quando para sair e sair da fila. Ele está a manter o sonho vivo. Quando os peixes não estão a picar, a sua mente divaga. Pode “ver” a sua tenda na praia. Pode visualizar o seu próprio barco. E depois de todos os anos a trabalhar como canalizador, consegue “ver” o objetivo. Conta a todos os que querem ouvir falar da sua tenda de praia, do seu barco e da sua vida de pescador. Ninguém duvida da sua intenção. Mas um dia, para surpresa de todos, o nosso canalizador desapareceu. Onde está? “Oh”, dizem, “Não sabe? Ele mudou-se para o litoral. “Vive num barraco na praia e pesca no próprio barco.” O seu sonho – que até agora o acompanhava ou estava dentro da *sua mente* – tornou-se realidade. Era, poderíamos dizer, “o bebé dela”, a sua preocupação preferida, e tornou-se realidade!

A Palavra estava com Deus

Há boas evidências nas Escrituras Hebraicas de que as preposições “com” (*im e et*) descrevem frequentemente a relação entre uma pessoa e o que está no seu coração ou na sua mente. Temos uma expressão comum em inglês quando dizemos: “O que se passa contigo?” ou “O que é que ela tem de errado?” Algo está a acontecer dentro de alguém. Eis alguns exemplos deste uso da preposição hebraica “com”. [62]

“Estou (com), sozinho = na consciência de alguém, seja de conhecimento, memória ou objetivo”

Números 14:24: *“porquanto nele houve outro espírito”* (operando na sua mente).

1 Reis 11:11: *“Pois que houve isto em ti [Salomão]”* (o que desejas).

1 Crônicas 28:12: *“E também a planta de tudo quanto tinha”* (na sua mente).

Job 10:13: *“Porém estas coisas as ocultaste no teu coração”* (escondidas no teu coração).

Job 23:10: *“Porém ele sabe o meu caminho”* (o caminho que eu conheço).

Job 23:14: *“Porque cumprirá o que está ordenado a meu respeito”* (Ele tem muitos destes propósitos).

Job 27:11: *“e não vos encobrirei o que está com o Todo-Poderoso”* (Os seus propósitos).

Salmo 50:11: *“e minhas são todas as feras do campo”* (conhecidas por Mim, no Meu pensamento e cuidado).

Salmo 73:23: *“Todavia estou de contínuo contigo”* (nos seus pensamentos).

“‘Et’: diz-se que um sonho ou palavra de ‘Yahweh’ está com o profeta”.

Gênesis 40:14: *“Porém lembra-te de mim, quando te for bem”* (literalmente, “lembra-te de mim contigo mesmo”). A palavra era o que Deus tinha em mente.

2 Reis 3:12: *“Está com ele a palavra do SENHOR”* (2 João 2: a verdade que está em nós, e para sempre estará “conosco”; Gálatas 2:5: para que a verdade do evangelho “permanecesse entre vós”).

Isaías 59:12: *“Porque as nossas transgressões se multiplicaram perante ti”* (na nossa consciência). (Compare João 17:5, a glória que Jesus tinha com Deus, presente na mente de Deus, como o Seu propósito.)

Jeremias 23:28: *“O profeta que tem um sonho”* (o profeta que tem um sonho).

Jeremias 27:18: *“se há palavras do SENHOR com eles”.*

Job 14:5: *“Visto que os seus dias estão determinados, contigo está o número dos seus meses”* (conhecido por ti).

Provérbios 2:1: *“e esconderes contigo os meus mandamentos”* (= contigo).

Provérbios 11:2: *“mas com os humildes está a sabedoria”.*

Em vista deste uso e formação do hebraico, *Anthony Buzzard* sugere uma tradução precisa de João 1:1, 14 como segue: “No princípio Deus tinha um Plano e o Plano foi estabelecido como o Decreto de Deus e o Plano expressou plenamente a mente de Deus. ...e o Plano encarnou no Messias Homem Jesus”.

A Bíblia diz, “*Porque, como imaginou no seu coração, assim é ele*” (Provérbios 23:7). Deus não é diferente. Porque antes de criar algo, tinha esse sonho com ele. Esta palavra foi totalmente expressiva do próprio. E quando Ele criou o universo e o propósito dos tempos, agiu de acordo com o Seu plano mestre, o Seu sonho. Como diz Pedro: “*pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste*” (2 Pedro 3:5). João expressa uma ideia semelhante em *Apocalipse 4:11*: “*porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas*”. Isto concorda com o AT. Por exemplo, no *Salmo 33:6, 9* é-nos dito que “*pela palavra do Senhor foram feitos os céus*”. Deus falou e foi feito. Ele comandou e o mundo manteve-se firme. Havia poder divino na palavra falada de Deus. Tudo isto significa simplesmente dizer que a palavra grega para logos é de género masculino, mas não se refere a um Filho de Deus pessoalmente pré-existente. “*A palavra*” para Juan é “*isso*”, e não “*ele*”. Numa ocasião, Jesus recebeu o nome de “*a Palavra de Deus*” e isso está em *Apocalipse 19:13*. Este nome foi-lhe dado depois da sua ressurreição e ascensão, mas procuraremos em vão encontrá-lo antes do seu nascimento.

Só quando chegamos ao *versículo 14* do prólogo de João é que este “*logos*” se torna pessoal e se torna o Filho de Deus, Jesus, o ser humano. “*E a palavra fez-se carne.*” O grande plano que Deus tinha no Seu coração antes da criação é finalmente cumprido. Seja bem claro que *não* diz que *Deus* se fez carne. De nada. Diz que “*a palavra*” se fez carne. O plano mestre de Deus é agora realidade no homem Jesus. Jesus é a expressão final e plena de tudo o que a sabedoria de Deus planeou “*no princípio*”.

Esta é também a conclusão do estudo definitivo sobre a “*Christology in the Making*” (Cristologia em Formação). Ouça a descoberta de *James Dunn*:

A conclusão que parece emergir da nossa análise até agora é que só a partir do *versículo 14* é que podemos começar a falar do “*Logos*” pessoal... Antes do *versículo 14*... estamos a lidar com personificações e não com pessoas, ações personificadas. de Deus, em vez de um ser divino individual enquanto tal. A questão é obscurecida pelo facto de termos de traduzir o “*Logos*” masculino como “*ele*” ao longo do poema. Mas se traduzirmos o Logos masculino como “*a expressão de Deus*”, tornar-se-ia mais claro que o poema não pretendia necessariamente que o “*Logos*” dos *versículos 1-13* fosse considerado um ser divino pessoal. Por outras palavras, o significado revolucionário do *versículo 14* pode muito bem ser o facto de marcar... *a transição da personificação impessoal para a personalidade real*. Esta é, aliás, a natureza surpreendente da afirmação do poema. Se ele tivesse simplesmente afirmado que um ser divino individual se tinha tornado um homem, teria havido menos surpresa. É o facto de o poeta do “*Logos*” ter tomado uma linguagem que qualquer judeu pensativo reconheceria como a linguagem da personificação e identificando-a com uma pessoa particular, como uma pessoa particular, que seria surpreendente: a manifestação de Deus feita homem! A expressão de Deus não vem simplesmente através de um indivíduo em particular, mas na verdade torna-se essa pessoa, Jesus de Nazaré! [63]

Existem alguns estudiosos gregos do Novo Testamento que observam que João foi muito específico no que escreveu no *versículo 1*. Escreveu “*e o verbo era Deus*”. Não escreveu “*e a palavra era o Deus*”. Por outras palavras, estes estudiosos tomam aqui Deus (em grego, *theos*) no sentido de adjetivo. A palavra exprimia Deus, tinha o carácter de Deus, era divina no seu carácter. É a diferença entre “*O professor era o homem*” e “*O professor era um homem*”. A Nova Bíblia Inglesa capta lindamente este sentido do adjetivo: “*e o que Deus era, era a palavra*”. A tradução de “*Moffat*” também funciona bem com “*o logos era divino*”. Como diz definitivamente *Dunn*: “*Em nenhum lugar, nem na Bíblia nem na literatura extra – canónica dos judeus, a palavra de Deus*

é um agente pessoal ou está em vias de se tornar tal”. [64] “O “logos” do prólogo transforma-se em Jesus; Jesus era o “logos” feito carne, não o “logos” enquanto tal.” [65]

Pode muito bem ser que João realmente mencione o nascimento virginal – isto é, o início da existência de Jesus – no seu prólogo, antes do *versículo 14*. Os versículos em consideração são normalmente lidos da seguinte forma: “*Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus*” (João 1:12, 13).

Tal como se lê nas nossas Bíblias modernas, refere-se ao novo nascimento que os cristãos experimentam através da fé em Cristo: A nossa relação com Deus através de Cristo não é algo de origem humana, nem de força de vontade humana, nem de gênio humano; nossa salvação é tudo o que Deus faz através do Seu Filho. No entanto, um dia li que talvez não tenha sido isso que o João escreveu originalmente. Segundo vários estudiosos da Bíblia, é muito provável que estes versículos tenham sido alterados. Não há dúvida de que foram objeto de muito debate inicial. Por exemplo, *Tertuliano* acusou os gnósticos valentinianos de terem alterado o texto para o ler tal como acabei de o citar e como o encontramos na maioria das traduções modernas. Segundo *Tertuliano*, o verbo plural “eram” deveria ser, na realidade, o verbo singular “era”. Neste caso, o versículo seria assim: “*Mas a todos os que o receberam deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, mesmo aos que creem no seu nome, que não nasceu do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus*”.

Como pode ver, este verbo no singular muda completamente o significado. Em vez de os cristãos nascerem pela vontade de Deus, agora é o próprio Cristo que nasce pela iniciação de Deus. *Tertuliano* acusa assim os gnósticos de tentarem eliminar a ideia do nascimento milagroso de Jesus (“que ele nasceu”) relacionando-a com a sua própria experiência (“que eles nasceram”). Em apoio deste entendimento, *Ireneu* e *Justino Mártir* argumentam a favor do singular, para sustentar que Jesus não foi um homem simples, nascido naturalmente, mas foi concebido milagrosamente pela ação de Deus. Um ponto forte a favor desta leitura é que estas três referências são anteriores a qualquer um dos nossos manuscritos existentes do NT. No entanto, com toda a honestidade, ainda tem de ser dito que o júri ainda não decidiu neste caso, ou atualmente inclina-se ligeiramente a favor do verbo plural tal como aparece nas nossas Bíblias modernas (mas não na Bíblia de Jerusalém).

Devo confessar, no entanto, que sempre que leio estes versículos no plural, eles parecem um pouco incongruentes, um pouco deslocados, embora o sentido plural esteja perfeitamente de acordo com o ensino bíblico de que a nossa salvação vem inteiramente da graça de Deus. Na minha opinião, o sentido mais natural é entender uma referência ao nascimento de Jesus sem a vontade humana. Se o tomarmos no plural (ou seja, se falarmos do novo nascimento dos cristãos), ele aponta de forma intrigante para o óbvio: que o nascimento espiritual “de Deus” dos crentes não tem nada a ver com relações sexuais, carnais. Desejo ou vontade masculina! Quanto mais se reflete sobre isto, mais intrigante se torna o facto de João ter diferenciado três vezes mais a regeneração espiritual da geração física! Lida naturalmente, no singular, a passagem é uma declaração exata do nascimento virginal, pois Jesus nasceu “de Deus” sem a agência, vontade ou desejo humano natural. O versículo seria então uma forte declaração da geração virginal de Jesus e confirmaria que João não pretendia apresentar um Filho pré-existente, como mais tarde se pensou erroneamente. Sem provas textuais mais fortes, a questão permanece indecisa, embora esta nuance pareça mais natural e convincente.

1 João 5:18

No entanto, há um versículo que João escreveu que fala claramente da geração de Jesus no tempo. Infelizmente, a Versão King James é baseada em um texto corrupto e diz: “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas aquele que é gerado por Deus guarda-se a si mesmo, e o maligno não o toca*” (1 João 5:18).

Isto é como se o cristão nascido de Deus fosse mantido longe das intrigas de Satanás. Com Douglas Edwards e as traduções modernas, rejeitamos esta leitura variante porque:

... Em nenhum lugar em qualquer dos Testamentos se diz que uma criatura de Deus, seja judeu ou cristão, se mantém absolutamente só para si. Pode pedir-se a um cristão que “*conserva-te a ti mesmo puro*” (1 Timóteo 5:22), ou aos cristãos que “*Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus*” (Judas 21); mas, quer no AT quer no NT, um homem nunca é considerado como o seu próprio guardião, nem é dito a ninguém, exceto a Deus, que “*guarde*” outro. [66]

Muito bem. É sempre Jeová que é o teu guardião (Salmo 121:4-8). No NT a frase é usada apenas para Deus e Cristo (João 17:11, 12, 15). No entanto, o significado muda completamente se a lermos mais corretamente preservada no original grego: “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca*” (1 João 5:18).

Lido desta forma, o texto diz-nos que o Cristo que nasceu ou foi gerado por Deus mantém o cristão seguro. Jesus prometeu que mantê-los seria uma prova do seu cuidado com as suas ovelhas (João 10:27, 28). Vamos analisar este ponto com mais detalhe. A primeira parte do versículo 1 João 5:18 diz, “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca*”, lê-se literalmente no texto original, “*ninguém que é nascido de Deus*” e refere-se a um acontecimento passado com consequências presentes (isto é, em tempo verbal). Refere-se claramente ao novo nascimento que todo o cristão experimentou. O novo nascimento, que começou num momento passado, tem consequências contínuas para o crente – ele/ela não pratica habitualmente o pecado. Esta frase foi usada para se referir ao cristão seis vezes antes na carta de João, e em cada uma destas seis ocasiões João usou o tempo grego perfeito. Contudo, aqui, na segunda parte de 1 João 5:18, chegamos a uma frase única. Esta segunda parte do versículo diz corretamente, “*mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo*”. (Desta vez João muda os seus tempos e usa o que se chama *aoristo*). Esta é uma referência a um acontecimento passado que ocorreu de uma vez por todas e nunca mais se repetirá, nomeadamente, a geração sobrenatural do próprio Jesus Cristo. Ele nasceu num momento definido na história passada. João afirma que Jesus “*foi gerado de Deus*”.

Qual é o significado deste facto para a nossa discussão atual? Simplesmente, mostrar que João é coerente com Mateus e Lucas ao afirmar que a existência de Jesus começou no momento da sua conceção. Jesus foi gerado por uma criação divina. Em vez de nascer, como os outros homens, de uma relação sexual, de um desejo carnal ou da vontade de um marido, Cristo foi gerado por Deus. Isto é coerente com a nossa interpretação do “*logos*” de João no prólogo do seu Evangelho. João não se contradiz, dizendo num lugar que Jesus era o eterno Filho de Deus sem começo, e depois noutro lugar esquece o que escreveu e diz que Jesus Cristo começou num ponto definido da história.

O Mundo foi Feito Através Dele

Talvez eu possa ouvi-lo objetar neste ponto: Certamente os *versículos de João 1:10 e 11* deste prólogo parecem causar um grande problema para esta interpretação. Estes versículos dizem: “*Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam*”.

Não estará isto a implicar que o mundo foi feito por Jesus, o Filho? Se Ele criou o mundo, tinha de estar vivo antes do início do mundo, não será que isto mostra que, afinal, o “*logos*” era de facto uma Pessoa pré-existente? Temos de nos lembrar do que João já escreveu, ou seja, do seu contexto (hebraico). Não podemos permitir que os nossos olhos ocidentais comecem a ler outras ideias no texto. O “*logos*”, o plano mestre de Deus, a sua sabedoria está por detrás da criação de todas as coisas. Talvez João tivesse em mente este versículo do AT de *Provérbios 3,19*: “*O SENHOR, com sabedoria fundou a terra; com entendimento preparou os céus*”.

Não existe nada que não estivesse na Sua mente desde o início. Através da Sua palavra, do Seu “entendimento”, todas as coisas passaram a existir (*João 1:3*). Que pensamento incrível e reconfortante é saber que este universo se baseia num propósito e numa sabedoria que se baseia no próprio Ser do nosso Deus Eterno! Tal como toda a criação evidencia Mente e desenho inteligentes, toda a história não é acidental. E qual o propósito da história? Segundo João, é Jesus Cristo. Deus fez o mundo com ele no centro da sua mente e plano. Jesus é, como diz um comentador, o “diâmetro” dos séculos. [67] Vamos explorar brevemente este pensamento antes de responder à pergunta em *João 1:10, 11* sobre se Jesus existiu pessoalmente antes da criação do mundo, e também o seu Criador.

Para onde vai o nosso mundo? Qual é o objetivo da história? Na verdade, existe algum fim pré-determinado? A Escritura soa alto e claro, SIM! “*todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra*” (*Efésios 1:9, 10*). Assim, quando Deus Pai criou o universo, fê-lo com o Seu Filho no centro do Seu plano. Deus propôs reunir, resumir toda a criação em Cristo. Ele é o Senhor de todos os tempos. Um dia o objetivo será alcançado. Todo o joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor “*para glória de Deus Pai*” (*Filipenses 2:11*).

“Depois virá o fim [do grego, telos: meta, consumação, ato final], quando [Jesus Cristo] tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força... E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram [ao Pai], para que Deus seja tudo em todos” (1 Coríntios 15:24, 28).

Ser cristão é saber que o nosso Senhor Jesus é o diâmetro, o propósito do universo. O Seu Reino está a chegar! Este é o propósito de Deus e não será frustrado. Outro versículo que diz a mesma coisa é *Hebreus 1:2*. Diz que Deus “nomeou” o seu Filho como “herdeiro de todas as coisas” e que foi “por meio dele que fez o(s) mundo(s)”. Infelizmente, as nossas traduções não são totalmente precisas e perdem o impacto do autor. O que o autor escreveu não foi que através de Jesus Deus fez o(s) “mundo(s)”, mas sim as “*eras*”. Obtemos a nossa palavra inglesa “*eon*” desta palavra grega. Examinaremos isto com mais detalhe em breve, mas por agora é suficiente saber que Deus planeou completar o Seu propósito para toda a criação através da atuação do Seu Filho Jesus. A preposição usada em relação a Jesus e ao mundo, ou às eras, é “através” (do grego “*dia*”, de onde verá que vem a nossa palavra espanhola diâmetro). Aqueles que sabem dizem-nos que

“*dia*” é a “preposição de circunstâncias concomitantes” e significa agência instrumental. Simplificando, isto significa que “*dia*” denota o meio pelo qual uma ação é executada. E as Escrituras dizem-nos que Deus, o criador, está a cumprir o Seu propósito, o Seu “*logos*”, através de Jesus Cristo. Jesus é o Agente, o Mediador do plano mestre de Deus. Jesus é sempre visto como secundário ou subordinado ao Pai.

Assim, vemos na sua introdução a Hebreus que o autor diz que Deus fala agora através de Jesus (*Hebreus 1:1*). Deus redime através de Jesus e salva o mundo através de Jesus (*Hebreus 1:3*). Este foi o testemunho claro de Jesus (por exemplo, *João 5:19-27*). Jesus é o canal através do qual Deus vem até nós. Jesus é a ponte entre Deus e nós.

Há exceções ocasionais a este uso geral da preposição “*dia*”. Por vezes, diz-se que as bênçãos nos chegam através de Deus (por exemplo, *1 Coríntios 1:9*; *Hebreus 2:10*). Mas é geralmente feita uma distinção clara entre a atividade iniciadora de Deus e os meios pelos quais Deus realiza essa atividade. As preposições utilizadas para a ação de Deus são “*hipo*” e “*ek*”, que apontam para causalidade ou origem primária. Vamos solidificar esta ideia na nossa mente olhando para um ou dois versículos que destacam a diferença: “*Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de [ek, ‘de’] quem é tudo e para quem nós vivemos*”. [*eis*, ‘a’]; *e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele*” (*1 Coríntios 8:6*).

As preposições são sinais que indicam a direção de uma passagem. Os autores de “*Um só Deus e um só Senhor*” alertam-nos que:

Note-se o uso distinto e separado das preposições gregas “*ek*” em relação a Deus e “*dia*” em relação a Cristo. Isto deveria chamar a nossa atenção e impedir-nos de ignorar estes sinais importantes no nosso caminho para uma ideia pré-concebida (e talvez sermos multados por violar as leis da lógica). “*Ek*” indica algo que sai da sua fonte ou origem e indica movimento a partir do interior. Lembre-se desta última frase, porque é fundamental para compreender a exatidão deste versículo. Por outras palavras, todas as coisas vieram do coração amoroso de Deus, ou do “interior” de Deus, por assim dizer. Isto concorda com *Gênesis 1:1* que diz: “*NO princípio criou Deus os céus e a terra*”. Ambos os versículos dizem que a fonte de “*todas as coisas*” é o único Deus verdadeiro, o Criador dos céus e da terra e o Pai do Senhor Jesus Cristo.

[68]

Em contraste com este “único Deus e Pai” de quem todas as coisas têm origem, ao “único Senhor, Jesus Messias” é dada a preposição “*dia*”, que significa “através”. Por outras palavras, Jesus é o agente de Deus através de quem Deus realiza o Seu plano para as nossas vidas. Este é o padrão constante em todo o Novo Testamento. Deus, o Pai, é a fonte, a origem de todas as bênçãos, e Jesus, o Seu Filho, traz-nos estas bênçãos de salvação:

“*E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo*” (*2 Coríntios 5:18*).

“*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... nos abençoou... em Cristo. em amor; E nos destinou para filhos de adoção por Jesus Cristo*” (*Efésios 1:3-5*).

“*Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo*” (*1 Tessalonicenses 5:9*).

“*No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho*” (*Romanos 2:16*).

“Que [Deus]... nos salvou e chamou... com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada **em** Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9).

“Bendito seja o **Deus** e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, **pela** ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pedro 1:3).

“o **único Deus**, nosso Salvador; **mediante** Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!” (Judas 25).

“Jesus, o Nazareno, varão aprovado por **Deus** diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou **por intermédio dele** entre vós” (Atos 2:22).

Os textos poderiam multiplicar-se. Deus Pai é sempre a fonte e a origem de todas as obras, obras e salvação que nos chegam através da mediação do seu Filho. *Dele* tudo nos chega por meio de nosso Senhor Jesus Cristo para que todo o louvor seja dirigido a Deus Pai. *Kuschel* observa ainda o papel crítico que estas preposições desempenham na compreensão do NT da distinção essencial entre o Deus único – o Pai – e o único Senhor – Jesus, o Messias. Comentando *1 Coríntios 8:6* onde Paulo diz que para nós cristãos, “*todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele*”, diz ele:

Deus, Pai, é passado e futuro, princípio e fim, origem e meta, criador (*ek*) e consumidor (*eis*) do mundo e dos seres humanos. Cristo, por seu lado, é o presente, o centro, a vida; Ele é o governante da terra que traz a libertação no presente, e que como mediador (*dia*) de uma nova criação (*2 Coríntios 5:17*), de uma “nova aliança” (*2 Coríntios 3:6*), também pode ser o Senhor de todos aqueles “deuses e senhores” que governam no presente. Consequentemente, o teológico “*ta panta*” [“todas as coisas”] poderia referir-se à primeira criação do mundo; pelo contrário, a “*ta panta*” cristológica refere-se (como é habitual em Paulo) às circunstâncias prevaletentes no presente. [69]

Armados com esta informação vital, podemos passar à nossa questão original sob este título. Quando lemos em *João 1:10* que “*Estava no mundo, e o mundo foi feito **por ele**, e o mundo não o conheceu*”, as Escrituras indicam que o próprio Jesus criou o mundo, afinal? De modo algum, se considerarmos todo o contexto uniforme que temos vindo a considerar. O Pai é a única origem e Criador de “todas as coisas”. Em contraste, Jesus é o Senhor Messias comissionado pelo Pai, através de quem o plano de Deus para o mundo se está a concretizar. Toda a Bíblia, do princípio ao fim, afirma categoricamente que Deus criou o universo e todas as eras com Jesus Cristo no centro do Seu propósito eterno. Jesus é o *diâmetro* que o atravessa completamente. E a tragédia que este versículo realça é que embora Jesus, o Messias prometido, tenha vindo ter com os judeus que conheciam a intenção de Deus, estes não o reconheceram quando apareceu. Os judeus ansiavam, oravam e ansiavam por Aquele que viria de acordo com a promessa de Deus e introduziria esta esperança gloriosa ao mundo, mas estavam cegos pelas suas tradições religiosas criadas pelos homens. Os judeus que ansiavam pelo prometido Reino de Deus e pelo prometido Senhor Messias, que finalmente uniria toda a história mundial sob Deus, perderam isso. “O mundo foi feito **por meio dele**”, isto é, com Cristo em mente. Tudo será reunido, resumido nele, mas até hoje o nosso mundo não vê isso nem conhece Aquele que, no propósito de Deus, realizará o objetivo da criação na sua Segunda Vinda.

Foi esta mensagem que os apóstolos pregaram com um efeito tão revelador. Tome como exemplo *Atos 2:23*: “*Tu mataste-o, que foi entregue pelo conselho predeterminado e pela presciência de Deus, pregando-o numa cruz pelas mãos de pessoas iníquas*”.

O que Deus determinou pela sua vontade desde antes do início dos tempos chegou ao presente histórico em Jesus Cristo. Jesus de Nazaré é aquele que desde o início foi predestinado para esta função.

Ao mesmo tempo, isto não pode ser entendido como uma afirmação de Cristo como pré-existente. É o propósito divino para Cristo que “existiu” desde o início, não aquele em quem deveria ser cumprido; assim como Paulo pode falar do propósito divino igualmente determinado para aqueles que creem em Cristo (*Romanos 8:28-30*). Não está envolvido qualquer pensamento sobre a preexistência pessoal de Cristo ou dos crentes. [70]

Jesus existia antes de João Batista?

Ao continuarmos com a introdução de João, encontramos outra afirmação frequentemente utilizada para justificar a fé no Filho eterno de Deus. João Batista testemunha no *versículo 15*: “*Este era aquele de quem eu dizia: O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu*” (*João 1:15*). Aqui – de acordo com muitas das nossas traduções – lemos claramente que Jesus existia antes de João Batista. E sabemos que João Batista foi concebido seis meses antes do anjo Gabriel dizer a Maria que ela teria uma concepção milagrosa pelo Espírito Santo de Deus. Dado que João Batista era seis meses mais velho do que Jesus e, no entanto, a sua palavra inspirada – de acordo com algumas versões inglesas – é que Jesus existia antes dele, certamente que o Batista acreditava que Jesus era anterior ao seu próprio nascimento porque era o segundo membro da Divindade?

Qual é a resposta a isso? Pode o Filho de Deus, que é o Jesus individual, ser maior e mais pequeno do que o seu primo João Batista? Mais uma vez é uma questão de tradução. O grego também pode ser lido – e é, por isso, traduzido em algumas versões inglesas, como a Versão Revista, Roterdão e a Bíblia de Genebra – “*pois ele é o primeiro [grego, protos] com respeito a mim*” (KJV), que significa “Ele é o melhor que eu”, o meu superior, o meu chefe. A superioridade de Jesus sobre João Batista reside no facto de ser o Messias há muito prometido e estar destinado a governar o mundo quando Deus inaugurar o seu Reino. O grego é ambíguo e “primeiro” pode referir-se tanto à posição como ao tempo. Um pouco mais tarde, no *versículo 30*, o Batista volta a declarar: “*Após mim vem um homem que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu...*”.

Mesma dificuldade. “Porque ele existia antes de mim” ou “porque ele está antes de mim em posição”? O grego para este versículo é o mesmo do *versículo 15*, pelo que não há necessidade de o traduzir de forma diferente. É minha convicção que o significado é: “apresentou-se porque é meu superior”. Alguns podem achar que não podemos ser dogmáticos neste momento, por isso vamos examinar mais provas.

Pré-existência “ideal” judaica

Na língua inglesa, e certamente na forma como os jovens na Austrália falam, falamos muitas vezes de algo que aconteceu no passado como se estivesse a acontecer no presente. Por exemplo,

uma testemunha de um assalto a um banco pode dizer: “E aqui estou eu, na fila, a tratar da minha vida, quando um ladrão de bancos encapuçado irrompe pela porta. Ele diz-nos a todos para nos baixarmos. Ele agita a sua arma e ameaça-nos. Depois aproxima-se do caixa e grita: 'Dá-me o dinheiro!'” Entendemos que os acontecimentos descritos ocorreram no passado, embora a narração esteja no presente. Falar de acontecimentos passados no presente é uma particularidade da língua inglesa*.

A maioria das línguas tem peculiaridades. A mente e a língua hebraica têm uma particularidade a que os falantes de inglês não estão habituados. Fazem o oposto do que acabei de descrever. Costumam usar o pretérito ou o presente para falar até sobre acontecimentos futuros. A razão é que os judeus acreditavam que tudo o que estava determinado na mente de Deus existia antes de aparecer na história. Deus é o Deus que chama as coisas que não existem como (já) existentes (*Romanos 4:17*). Deus prometeu a Abraão que lhe daria a terra prometida e que seria pai de muitos descendentes: “Sai... para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação” (*Génesis 12:1, 2*). Deus repetiu esta promessa a Abraão várias vezes: “E disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do Norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre”. (*Génesis 13:14, 15*). Ora, aqui está algo incrível. O cumprimento é tão certo que, por vezes, esta linguagem preditiva está no pretérito, como se já se tivesse cumprido: “À tua descendência tenho dado [em hebraico, *dei*] esta terra” (*Génesis 15:18*). Tornou-se uma característica comum do pensamento hebraico que tudo o que Deus tinha decretado já existia (em plano e propósito) antes de se materializar na terra. “Quando o judeu desejava designar algo como predestinado, falava disso como se já existisse no céu.” [71]

No versículo acima mencionado, onde Deus “*chama aquelas coisas que [ainda] não existem como [já] existentes*”, o contexto refere-se a Isaac, que era “*real no pensamento e propósito de Deus antes de ser gerado*”. [72] As Escrituras dizem-nos que Jesus Cristo “*era conhecido antes da fundação do mundo, mas apareceu nestes últimos tempos*” por causa de nós que cremos na palavra de Deus (*1 Pedro 1:20*). Isto não significa que Jesus tenha preexistido pessoalmente ao seu aparecimento na terra, porque no mesmo capítulo descobrimos que os cristãos também estiveram na “*presciência de Deus Pai*” (*1 Pedro 1:2*). As palavras “*pré-conhecimento*” e “*pré-reconhecido*”, substantivo e verbo, são exatamente as mesmas. Pedro utiliza precisamente a mesma ideia para se referir tanto aos cristãos como a Jesus. Os cristãos não preexistem no céu antes de nascermos na terra. Nem Jesus. “É o propósito divino para Cristo que ‘existia’ desde o princípio, não aquele em quem deveria ser cumprido; assim como Paulo pode falar do propósito divino igualmente predeterminado para aqueles que creem em Cristo (*Romanos 8:28-30*).” [73]

Da mesma forma, a Bíblia fala de Jesus como o Cordeiro de Deus que foi crucificado antes do mundo começar (ver *Apocalipse 13:8*). É claro que todo o leitor da Bíblia sabe que Jesus foi crucificado sob Pôncio Pilatos, na Palestina, no primeiro século. Mas Deus ordenou que a sua crucificação acontecesse ainda antes de criar o universo. Portanto, na mente de Deus e no entendimento hebraico, o que veio a ser já tinha acontecido. O futuro profético foi falado no passado. Podemos chamar-lhe “**pretérito profético**”. O que Deus decretou, Ele diz que já está feito.

*{Nota do tradutor (N.T.) E na língua portuguesa também.}

Um dia o Senhor Jesus, na sua Segunda Vinda, dirá ao seu povo: “*Vinde, benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*” (Mateus 25:34). Na linguagem de Paulo, esta esperança está “guardada para vós nos céus”, o que significa que está na promessa e no plano de Deus e o seu cumprimento é certo (Colossenses 1:5). Esta esperança é tão certa que Paulo pode até falar dos cristãos como já glorificados (Romanos 8:29, 30, olhando para os tempos passados). Na verdade, este plano surgiu na mente de Deus “segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9). “O presente foi proposto há ‘séculos atrás’, a menos que assumamos que dar e receber, ‘nós’ e ‘Cristo Jesus’ eram todos igualmente pré-existentes.” [74] Esta esperança para os cristãos entrarem na vida da era vindoura que Deus “prometeu antes dos tempos dos séculos” (Tito 1:2):

Aqui fica ainda mais claro que o que se acredita ter acontecido “há séculos atrás” é a promessa de Deus; e é esta promessa de vida eterna que foi manifestada. Na verdade, o texto diz que foi a sua palavra que ele manifestou – isto é, não Cristo o “Logos”, mas a palavra da promessa, cumprida em Cristo e agora oferecida no “*kerygma*” [mensagem]. Por outras palavras, voltamos ao ponto de partida – Cristo como o conteúdo da palavra da pregação, a personificação do plano predeterminado de salvação, o cumprimento do propósito divino. [75]

Um exemplo clássico desta forma de pensar é o tabernáculo que Moisés construiu no deserto. Moisés foi instruído para o construir de acordo com um “modelo” que Deus lhe mostrou no monte (Números 8:4). Moisés foi então instruído para ordenar sacerdotes de acordo com as instruções claras de Deus. O sumo sacerdote também tinha de seguir este modelo de Deus. O NT diz que estes servos e este tabernáculo servem de “*exemplo e sombra das coisas celestiais*” (Hebreus 8:5). E o facto de Jesus ter agora tomado assento à direita de Deus no céu, como nosso Sumo Sacerdote, prova que está a servir em nosso favor como “*Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem*” (Hebreus 8:2). A ideia é que as instituições que Deus revelou a Moisés eram meras cópias das reais e verdadeiras que existiam muito antes no céu. Isto é, existiam no céu porque existiam na mente e no planeamento de Deus antes de Deus os revelar na terra.

Na verdade, os judeus aplicaram este pensamento a muitos dos seus grandes tesouros nacionais. Eles desenvolveram:

... a ideia de uma Jerusalém, divina, pré-existente, preparada por Deus nos lugares celestiais, ali desde todos os tempos, e preparada um dia para descer entre os homens. A casa velha é removida e removida, e uma casa nova e maravilhosa que o Senhor construiu vem e toma o seu lugar (1 Enoque 90:28, 29). A Jerusalém pré-existente foi mostrada a Adão antes de ele pecar. [76]

E no mesmo tom judaico, João fala da nova Jerusalém, a cidade santa, “*que de Deus descia do céu*” (Apocalipse 21:10). O que João transmite não é que já exista uma cidade literal construída algures no céu que será transplantada do espaço exterior (não mais do que Jesus foi crucificado no céu antes de morrer na terra). Em vez disso, na boa tradição judaica, João está a dizer que haverá uma cidade renovada de Jerusalém na terra quando o Messias regressar. Isto certamente “se materializará” e certamente será cumprido porque Deus o prometeu. O plano de Deus é tão absolutamente certo e não pode ser frustrado por nada que o homem possa fazer, que João possa “vê-lo” e descer. A cidade preexiste num estado “ideal”, isto é, na promessa de Deus, mas ainda não no estado espaço-temporal atual.

Portanto, se aplicarmos tudo isto às declarações de João Batista: “*Este era aquele de quem eu dizia: O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu*” (João 1:15), e “Depois de mim vem “*que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu*” (João 1:30), veremos o que isto significa, não que Jesus seja um ser celestial pré-existente, “mas como aquele que cumpriu o plano predeterminado de salvação de Deus, como aquele que, por meio de Deus, é o meio de salvação do homem pela sua morte e ressurreição”. [77] João Batista foi apenas o precursor, preparando o caminho para Jesus, o Cristo. O papel do Batista era o de apontar aos homens “*o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*”. Jesus tem, portanto, uma posição superior a João e, neste sentido, estava “antes” de João. Dadas as duas possibilidades de tradução do grego aqui, devemos preferir aquela tonalidade de significado que melhor se adapta ao contexto judaico de João Batista, que melhor se adapta ao contexto mais amplo das Escrituras, e assim sugerir a melhor tradução: “Aquele a quem Ele vem depois”. mim e tem uma posição mais elevada do que eu, porque estava acima de mim no plano de Deus [para salvar o mundo].” Jesus não existiu pessoalmente antes de João Batista, nem existiu conscientemente no céu antes de aparecer na história na terra. Existia “idealmente” no decreto e propósito de Deus com tanta certeza. É a preexistência “mais de uma ideia e propósito na mente de Deus do que de um ser divino pessoal”. [78] O Messias:

... está presente na mente de Deus e escolhido antes da criação, e de tempos a tempos revelado aos justos para seu conforto; mas ele não é divino nem realmente pré-existente. É nomeado e escondido desde o início nos pensamentos secretos de Deus, para finalmente ser revelado no Fim dos Tempos como o Homem ideal que justificará a criação do mundo por Deus. [79]

O Filho do Homem já estava no céu antes

Esta linha de pensamento leva-nos naturalmente a duas outras expressões difíceis ditas pelo próprio Jesus no Evangelho de João: “*ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu*” (João 3:13). E “*se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?*” (João 6:62).

Se lermos estas afirmações com as nossas lentes tradicionais (gregas), voltaremos a ter dificuldades, pensando que Jesus disse que vivia com o Pai no céu antes de transferir a sua existência para o ventre de Maria na terra. Para compreendermos o que Jesus está a dizer, devemos olhar novamente para o seu “Judaísmo”. É significativo que Jesus aqui se chame “*Filho do Homem*”. Este título aparece cerca de 82 vezes no NT e, com duas exceções, todas as ocorrências se encontram nos Evangelhos. E em todas, exceto nas duas exceções (*Atos 7:56* e *Apocalipse 1:13*), este título vem dos lábios do próprio Jesus. Compreendemos então que ocupava um lugar muito querido no seu coração. Temos a obrigação de descobrir porque é que Jesus se deleitou em chamar-se “o Filho do Homem”. O AT fornece o pano de fundo, e quando o examinamos podemos ver que Jesus não inventou o título a partir do nada.

No AT, “filho do homem” significa simplesmente um ser humano e, muitas vezes, aparece estritamente paralelo à palavra “homem” (ver *Números 23:19; Isaías 56:2; Jeremias 49:18; Salmos 8:4; Salmos 146:3*, etc.). Em Ezequiel há um uso um pouco mais especializado da frase “filho do homem”. Aqui aparece mais de 90 vezes, e sempre como um discurso de Deus a Ezequiel. “Filho do homem”, diz Deus a Ezequiel, “*põe-te em pé, e falarei contigo*” (2:1). “*Filho do homem, come o que achares; come este rolo, e vai, fala à casa de Israel*” (3:1). “*disse-me ainda: Filho do homem, vai, entra na casa de Israel, e dize-lhe as minhas palavras*” (3:4). Em Ezequiel, o título

aponta para a humanidade de Ezequiel, com toda a ignorância, fragilidade e mortalidade que a acompanham, em contraste com a glória, a força e o conhecimento de Deus.

Alguns comentadores aproveitaram este uso e sugeriram que quando Jesus se autointitulou “filho do homem”, estava a falar em termos da parte humana da sua natureza, e que quando usou o termo “filho de Deus” estava a falar em termos da parte divina da sua natureza. Isto não pode ser por duas razões óbvias. Em primeiro lugar, é de facto quando utiliza o termo “filho do homem” que Jesus faz muitas das suas maiores e mais divinas declarações e reivindicações. Em segundo lugar, dividir a vida de Jesus em momentos em que falou humanamente como o Filho do Homem e divinamente como o Filho de Deus é deixá-lo com uma personalidade dividida.

Outros comentadores sugerem que o título significa que Jesus se considerava o Homem Representativo, o Homem em quem a humanidade encontra o seu auge e o seu exemplo. *William Barclay* cita *F.W. Robertson*: “Não havia qualquer peculiaridade nacional ou idiossincrasia individual em Jesus. Não era filho de judeu, nem filho de carpinteiro; não é fruto do modo de viver e de pensar daquele século específico. Ele era o Filho do Homem.” *William Barclay* desmascara imediatamente isto dizendo:

... esta teoria assenta em duas razões. Em primeiro lugar, é demasiado abstrato para ter surgido no mundo do pensamento do NT. É violência simplesmente arrancar Jesus do seu contexto cultural. Em segundo lugar, devemos notar mais uma vez que foi precisamente em termos do Filho do Homem que Jesus fez muitas das suas afirmações e declarações mais sobre-humanas.

[80]

Um terceiro grupo de comentadores sugere que Jesus usa o título de Filho do Homem para se contrastar deliberadamente com as visões nacionais que os judeus tinham de um Messias que era uma figura sobrenatural de poder e um operador de maravilhas apocalípticas. Esta imagem da identidade do Filho do Homem como o agente divino através do qual Deus estabeleceria o Seu governo mundial de justiça e paz é retirada de Daniel 7:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído”
(Daniel 7:13, 14).

Alguns sugerem que quando Jesus se autointitulou Filho do Homem, estava a apresentar-se como um ser humano humilde e despretensioso, sem aspirações à grandeza profetizada como Daniel viu. Sustentam que ele não afirmava ser este rei guerreiro celestial, por quem a nação de Israel esperava e orava. Mais uma vez *William Barclay* quebra esta linha de pensamento quando diz:

O único facto que torna esta sugestão impossível é que parece que, de facto, Filho do Homem era um título messiânico, e um título envolvido numa das imagens mais sobre-humanas do Messias em todo o pensamento judaico. Se o título Filho do Homem tivesse algum significado messiânico contemporâneo, era exactamente o oposto de uma figura humana simples e humilde.

[81]

Não há dúvida de que a origem última do título Filho do Homem está no livro de Daniel. Em *Daniel 7* o vidente tem uma visão dos grandes impérios que até então dominavam o mundo

mediterrânico. Vê estes impérios sob o simbolismo das feras; São tão insensíveis, tão cruéis, tão bestiais que não podem ser tipificados de outra forma. Lá estava o leão com asas de águia; lá estava o urso com três costelas na boca; ali estava o leopardo com quatro asas e quatro cabeças; havia o quarto animal sem nome com dentes de ferro, hediondo, terrível, irresistivelmente forte. Estes representavam os impérios que até então dominavam, todos eles de tal selvajaria que as feras eram a única imagem deles. Mas os seus dias terminaram e o seu poder foi quebrado. Então o poder mundial é entregue por Deus nas mãos de um poder que não é nem bestial nem selvagem, mas gentil e humano, e que pode ser tipificado e simbolizado na figura de um homem. Daniel prediz que os santos, o povo de Deus tanto do AT como do NT, possuirão o Reino. Isto significa que o sonho de Israel se tornará finalmente realidade. Esta nação passou por coisas indescritíveis. Foram tratados brutalmente. Mas a tão esperada era messiânica vai nascer. E naturalmente, na visão de Daniel, cresceu a esperança na consciência nacional de Israel de que esta Nova Era seria criada pelo seu herói nacional, o Messias, o Filho do Homem. O título Filho do Homem torna-se um título para o Messias.

Jesus tomou esse título para Si. Quando se autointitulou Filho do Homem, estava a dizer “Eu mesmo”. Compare a sua pergunta “*Quem dizem os homens ser o Filho do homem?*” (*Mateus 16:13*) com o paralelo em *Marcos 8: “Quem dizem os homens que eu sou?”* (versículo 27). Uma análise dos contextos mostrará que Jesus usou este título para fazer algumas das suas maiores afirmações e declarações. O Filho do Homem é o salvador do mundo (*Lucas 19:10*). O Filho do Homem ressuscitará dos mortos (*Mateus 17:9*). O Filho do Homem herdará a glória do Reino de Deus (*Mateus 19:28*) e virá à terra e ressuscitará os mortos para julgamento (*Mateus 24:30; Marcos 13:26; Lucas 17:26, 30*). O Filho do Homem virá à terra com todo o poder dos anjos de Deus (*Mateus 13:41; 16:27, 28*).

No entanto, houve uma reviravolta surpreendente no enredo que nem os discípulos nem os seus ouvintes conseguiram compreender na altura. Foi o facto de que o Filho do Homem sofreria e seria tratado vergonhosamente pelos chefes de Israel e pelos cruéis gentios. O Filho do Homem morreria. Usou o título em relação à humilhação e ao sofrimento, mais do que a qualquer outra ligação (*Mateus 17:12, 22; Marcos 8:31; 10:33; 14:21, 41; Lucas 9:44; 18:31; 22: 22, etc.*). Foi depois de Jesus ter revelado esta reviravolta no sofrimento do Filho do Homem que Pedro repreendeu Jesus: “*Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso*” (*Mateus 16:22*). Para Pedro e os seus companheiros discípulos, toda a consciência judaica da glória majestosa e divina do Filho do Homem nada tinha a ver com a rejeição, a humilhação e a crucificação como um criminoso comum. Esta era uma contradição impossível nos termos. Declarações como esta deixaram os seguidores de Jesus perplexos. Mas desde o início que sabia que iria enfrentar um duplo destino. Era verdadeiramente o Filho do Homem, o Messias destinado ao triunfo final sobre todos os inimigos de Deus. Mas foi também o Servo sofredor, que deve alcançar a glória através da cruz. Por isso, Jesus “tomou este título de Filho do Homem e recuperou-o... O Filho do Homem é o título que contém em si a vergonha e a glória de Jesus Cristo”. [82]

Com este breve contexto, estamos agora em condições de interpretar as desconcertantes declarações de João de que “*ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem*” e “*se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?*” (*João 3:13; 6:62*). É claro que Jesus não usou o título de Filho do Homem no vazio. Toda a sua vida foi baseada no que estava escrito nas Escrituras do AT, ou seja, na profecia. “*Em verdade o Filho do homem vai, como acerca*

dele está escrito” (Mateus 26:24; Marcos 14:22). “como está escrito do Filho do homem, que ele deva padecer muito e ser aviltado” (Marcos 9:12).

Como poderia então Jesus ter dito que o Filho “subiu ao céu”? Simplesmente porque foi isso que lhe foi previsto em Daniel. Seguindo um princípio bem estabelecido do pensamento hebraico, pode dizer-se que os atos de Deus já aconteceram, uma vez fixados nos conselhos divinos. O pretérito inesperado “ascendeu” pode ser explicado como um pretérito de determinação no plano divino. Assim, “ninguém [como está escrito no livro de Daniel] está destinado a subir ao céu, exceto aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que [na visão do futuro de Daniel] está no céu”. A frase final “que está no céu” (omitida em algumas versões) está bem documentada e pode muito bem ser original; A sua omissão em alguns manuscritos deveu-se à dificuldade de compreender como é que Jesus podia dizer que estava no céu durante o seu ministério na terra. A dificuldade desaparece quando se tem em conta a referência especial à profecia de Daniel. O Filho do Homem é identificado com a figura que se vê no céu no livro de Daniel. Ele está ali não porque estivesse realmente vivo antes de nascer, mas porque Deus lhe concedeu uma visão do seu destino futuro. No momento em que falou, Jesus ainda não tinha subido ao céu; mas Daniel profetiza a ascensão com tanta certeza que Jesus pode dizer que ascendeu, isto é, que está destinado a fazê-lo. [83]

Quando Jesus pergunta: “*se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?*” Acreditamos que ele é visto na visão celestial de Daniel do Messias na glória futura. Esta é a glória que terá o Messias, destinado a ressuscitar dos mortos e a sentar-se à direita poderosa de Deus. Jesus está a apreender pela fé a imagem de Deus da glória da sua ascensão, naquilo que foi escrito. Uma consideração adicional que prova que estes versículos não apoiam a doutrina de que Cristo é o “eterno Filho de Deus” no céu antes do seu nascimento é que o “Filho do Homem” é *uma pessoa humana* que preexiste (no decreto de Deus na forma de visão) no céu. Mesmo os trinitarianos não afirmam que o Filho do Homem, o Jesus humano, existiu antes da sua concepção. Assim, estabelecemos novamente o entendimento hebraico e o pano de fundo destas palavras de Jesus, a saber, que Deus chama aquelas coisas que ainda não existem como se existissem. Tal pai tal filho!

João 6:62

Particularmente em referência à pergunta de Jesus em *João 6:62*: “*e se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?*” a discussão relevante começa no *versículo 22*. Depois de Jesus ter alimentado milagrosamente a multidão, pediram-lhe um sinal para acreditar que Ele é realmente o Messias de Deus. Jesus repreende a multidão por o procurar por razões puramente temporais. Adverte a multidão para procurar antes o alimento que dura para a vida eterna. Este pão que “*permanece para a vida eterna*” vem através daquele em quem o Pai “*Deus, o selou*” (*versículo 27*). A multidão interroga-se como podem fazer obras que agradam a Deus, e Jesus diz-lhes que devem acreditar “*naquele que ele [o Pai] enviou*” (isto é, comissionado) (*versículo 29*). Ser “*enviado*” é ter o “selo” de Deus. A partir deste momento, a questão que se coloca é se Jesus cumpre este requisito: será ele o “*enviado*” de Deus? Isto mostra que ele “*se encaixa*”, por assim dizer, porque, tal como o maná que Deus enviou “*do céu*”, também Jesus “*desceu do céu*” (*versículo 38*).

Estará Jesus a referir-se à crença comum de que pessoalmente pré-existia no céu antes do seu nascimento como homem em Belém? Ou existe uma explicação contextual melhor?

É digno de nota quantas vezes nos versículos seguintes aparecem as frases intercambiáveis “do céu”, “do céu”, “de Deus”, “de Deus”, “do Pai” e “enviado”. Tanto o maná do AT como Jesus são “do céu” ou “de Deus”. Então, o que quis Jesus dizer com esta expressão?

Não nos resta adivinhar porque se trata de uma fraseologia/imagem hebraica clássica. Esta expressão “do céu” é bastante comum na língua hebraica. O batismo de João também é dito “do céu” (*Lucas 20:4*). Diz-se que os nossos corpos ressuscitados são “do céu” (*2 Coríntios 5:2*). Diz-se que todo o dom bom e todo o dom perfeito “desce do céu” (*Malaquias 3:10; Tiago 1:17; 3:17*). Tudo isto significa que tudo o que vem “do céu” é dado e operado por Deus e pela Sua autoridade. Nem o maná, os dons e as bênçãos, o ministério de João, nem os nossos corpos ressuscitados pré-existiram literalmente no céu antes de descerem à terra. Existem no propósito de Deus que fizeram/fazem. Existem no plano de Deus, sim. Existem nas suas promessas, certamente. Mas não literalmente na eternidade passada, antes de se materializar na terra na história.

Ora, na mesma linha, quando Jesus diz que desceu “do céu”, pretende certamente que a sua pessoa e ministério sejam comissionados por Deus, sancionados pelo Pai, e sejam a provisão milagrosa do Senhor para os homens famintos. A preexistência pessoal não é a questão. A questão em discussão é se Jesus é o agente autorizado (Filho) do seu Pai ou não; Será ele um impostor ou vem mesmo de Deus? O selo de Deus está sobre ele? Que sinal dará para comprovar as suas credenciais?

Neste contexto, Jesus afirma que o sinal supremo de que é “de Deus” ou “do céu” é que no último dia “ressuscitará” todos os que “comem e bebem” dele. A ressurreição testará as suas credenciais, por assim dizer. Repetidamente nesta mesma passagem Jesus menciona a ressurreição dos mortos como o grande sinal:

“E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia... porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia... Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia... Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia... Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; não é o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre” (*João 6:39, 40, 44, 54, 57, 58*).

Com este contexto da ressurreição do último dia para todos os que acreditaram em Jesus, o Filho de Deus, chegamos ao crítico *versículo 62*: e “se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?” A maioria dos leitores de hoje interpreta isto como significando que Jesus está a dizer que ascenderá de volta ao céu para desfrutar do tipo de glória pré-existente que tinha com Deus Pai antes da sua Encarnação. Tendo em conta todo o contexto da ressurreição da sepultura, esta parece uma ideia descontextualizada, até mesmo estranha, a que Jesus não se refere.

A palavra do *versículo 62*, “subir” em grego significa simplesmente “subir”. [84] Dado o contexto acima da ressurreição dos mortos, e todo o entendimento hebraico que temos considerado, Jesus pode simplesmente estar a perguntar se eles ficariam ofendidos se o vissem “ressuscitar” (da morte da terra), ou seja, ressuscitar e estar onde estava antes, ou seja, vivo de novo na terra. É possível que Jesus esteja a anunciar que a sua própria ressurreição dos mortos seria uma prova de que ele é realmente “de Deus”.

Para alguns intérpretes, isto pode ser um exagero de importância, uma vez que a ressurreição de Jesus não se chama ascensão. Parece-me bem. Mas não tenho assim tanta certeza de que o contexto da ressurreição ao longo deste capítulo, como já foi salientado, desqualifique totalmente esta nuance.

Há aqui outras informações relevantes que provam que Jesus não estava a falar da sua pré-existência pessoal antes de Belém. No *versículo 51* Jesus define o pão que desceu do céu como “a minha carne”. *É a sua carne que preexiste no céu!* Isto diz-nos que é o Jesus humano, o filho do homem, que pré-existe. Além disso, repare-se que Jesus afirma que “*vereis o Filho do Homem subir para onde estava antes*”. O “Filho do Homem” é um ser humano! e nem mesmo os trinitarianos afirmam que o Filho do Homem, o Jesus humano, o homem de carne e osso, existia antes da sua conceição! Portanto, afirmar que *João capítulo 6* mostra que Jesus existiu pessoalmente no céu antes de vir à terra é demais para a posição trinitária. É muito melhor cingirmo-nos à explicação já dada, isto é, que a preexistência de Jesus era “ideal”.

A conclusão, dependendo do contexto, parece clara: Jesus não está a anunciar que desceu de uma existência pessoal consciente no céu antes da sua própria vinda humana. Também não está a dizer que assumirá novamente qualquer glória pre-encarnada ou pré-humana quando “ascender” novamente. Acredita firmemente na palavra profética de que “o Filho do Homem” ressuscitará dos mortos e se sentará na glória prometida da futura Era Messiânica, tal como a palavra profética predisse.

A Glória Que Jesus Teve Junto Do Pai Antes De O Mundo Existir

Em *João 17*, Jesus ora pouco antes de ser preso no jardim:

“Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”
(*João 17:4, 5*).

Se alguma vez houve uma declaração que demonstrasse a preexistência pessoal de Jesus com o Pai no céu antes de vir à terra, é certamente esta. Mais uma vez, devemos alertar contra a pressa, porque “no modo bíblico de falar e pensar, alguém pode ‘ter’ algo que está prometido no plano de Deus antes de realmente o ter”. [85] Já vimos este princípio em ação, onde o plano e as promessas de Deus estão expressos no “**pretérito profético**”. Deus prometeu a Abraão: “*Eu dei-te esta terra*”. Deus diz aos cristãos: “*E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus*” (*Efésios 2:6; Romanos 8:30*). Já temos estas coisas no plano e propósito de Deus – embora (ainda) não as tenhamos! As Escrituras dizem-nos que temos a vida eterna como uma posse presente, embora aguardemos claramente o dia da nossa entrada na vida da Era Vinda, seja pela ressurreição daqueles que já estão mortos, seja pelo arrebatamento dos vivos. Deus chama as coisas que não existem como se já existissem (*Romanos 4:17*). Claramente, no pensamento hebraico, a glória que Jesus tinha com Deus antes de o mundo existir é a glória que estava presente na mente e no propósito de Deus desde o início. (Consulte a secção acima sob o título **João Capítulo Um** para ver como isto é comum no uso hebraico).

Quando examinamos o resto da oração de Jesus, torna-se bastante claro que a glória que Jesus afirma ter tido “*com o Pai antes de o mundo existir*” é uma glória em perspectiva. Jesus está a usar o peculiar modo hebraico de pensar e de falar, em que o pretérito é usado para falar do futuro. Para

confirmar isto, basta seguir a oração de Jesus. Jesus fala como se já tivesse concluído a sua obra: diz: “*tendo consumado a obra que me deste a fazer*” (versículo 4). É muito óbvio que ainda não terminou a obra porque a sua crucificação ainda não ocorreu e o seu grito na cruz: “*Está consumado*”, ainda não foi proferido. Jesus fala então como se os discípulos já O tivessem glorificado completamente (através do seu ministério de pregação), embora a ressurreição ainda não tivesse ocorrido: Ele ora: “*e neles sou glorificado*” (versículo 10). Jesus diz também “*eu já não estou mais no mundo*” (versículo 11), embora Ele esteja claramente ainda no mundo. Na sua própria mente, através da fé na promessa do seu Pai, já está sentado no céu, tendo sido ressuscitado. Jesus diz que já enviou os discípulos ao mundo para pregar: ora: “*também eu os enviei ao mundo*” (versículo 18), embora isso só tenha acontecido plenamente depois da ressurreição. Jesus ora pelos seus discípulos e “*por aqueles que pela tua palavra hão de crer em mim*” (versículo 20). Isto é, ore pelas futuras gerações de cristãos que virão à fé em Cristo no futuro. Ore para que “*E eu deilhes a glória que a mim me deste*” (versículo 22). Ele ora para que todos estes crentes “**que me deste**” (toda a futura comunidade de fé) “*para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me amaste [escolheste] antes da fundação do mundo*” (versículo 24). A mesma glória prometida a Jesus já foi dada às gerações de crentes que ainda vão nascer! A glória que o Pai prometeu a Jesus antes do início do mundo já foi dada àqueles que confiarão no Seu Nome no futuro. A promessa de Deus é igual à posse. Tal como Jesus tinha prometido aos seus discípulos perseguidos que “*porque é grande o vosso galardão nos céus*” (Mateus 5:12), mesmo que ainda não o tivessem recebido, Jesus, à sombra da sua cruz, agarrava-se à promessa de Deus. para o mesmo. Deus tinha prometido a Jesus que depois do seu sofrimento viria a glória. Sabendo que seria ressuscitado, Jesus “*suportou a cruz, desprezando a afronta*” porque em breve se sentaria “*à destra do trono de Deus*” (Hebreus 12:2). Esta glória que o seu Pai lhe tinha prometido diante do mundo, Jesus reza agora ao Pai para que a cumpra.

É necessário examinar cuidadosamente o uso do pretérito em *João 17*. Há indicações claras neste capítulo de que os pretéritos podem de facto descrever não o que realmente aconteceu, mas o que está destinado a acontecer, porque Deus já o decretou. futuros divinamente planeados podem ser descritos no passado. [86]

O grande comentador bíblico *Henry Alford* observa que “o nosso Senhor aguarda com expectativa o fim da sua carreira consumada e considera-a como passada”. [87] Por outras palavras, ao longo desta oração, Jesus emprega o pensamento hebraico clássico. O plano predeterminado de Deus está praticamente completo.

É realmente incrível o quão profundamente enraizada está a noção de que Jesus Cristo viveu conscientemente no céu antes de vir à terra. Algumas traduções para inglês foram bastante parciais e contribuem para este equívoco profundamente enraizado. Tomemos, por exemplo, os seguintes versículos (citados da Nova Versão Internacional – NVI): “*Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e que viera de Deus e estava voltando para Deus...*” (João 13:3). O único problema é que o texto grego não diz que Jesus voltou para Deus. Simplesmente diz que Jesus ia em direção a Deus. Os tradutores substituíram a palavra “*voltar*” sem qualquer razão textual.

A mesma impressão infeliz é encontrada em João 16: “*Eu vim do Pai e entrei no mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai*” (versículo 28). Também aqui nos deparamos com o mesmo problema: a palavra “*voltar*” não aparece no todo texto grego. O que Jesus realmente disse é o seguinte: “*Vim do Pai e entrei no mundo; agora estou deixando o mundo e indo para o Pai*”. Em

João 20:17 Jesus não disse: “*Ainda não voltei ao Pai*”, como relata a NVI. Mais uma vez vemos o viés de ideias preconcebidas sobre a origem de Cristo.

Quando Jesus diz que “*saiu do Pai*”, não devemos interpretar isso como significando que Ele estava vivo com Deus antes de vir à terra. Era bastante comum os judeus dizerem que algo vinha “*de Deus*” ou “*do céu*” se Deus fosse a sua fonte. Portanto, João Batista era um homem “*enviado de Deus*” (*João 1:6*). Quando Deus disse a Israel que os abençoaria, prometeu “*abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção*” (*Malaquias 3:10*). Isto é claramente uma figura de retórica. Ninguém esperava que Deus derramasse literalmente coisas do céu. Significa simplesmente que Deus era a fonte de todas as bênçãos que eles receberiam. Da mesma forma, é-nos dito que toda a dádiva boa e perfeita vem “*do alto*” e “*descendo do Pai*” (*Tiago 1:17*). Um dos exemplos mais claros deste modo de falar típico judaico ocorre quando Jesus foi desafiado pelos seus adversários: “*Com que autoridade fazes isto? e quem te deu tal autoridade?*” (*Mateus 21:23*). Jesus responde habilmente a esta interrogação fazendo-lhes uma pergunta: “*O batismo de João, de onde era? Do céu, ou dos homens?*” (*versículo 25*). “Este versículo esclarece a expressão: as coisas podem ser ‘*do céu*’, isto é, de Deus, ou podem ser ‘*dos homens*’. A expressão é a mesma quando usada com Jesus. Jesus é “*de Deus*”, “*do céu*” ou “*do alto*”, no sentido em que Deus é literalmente o seu Pai celeste e, por isso, a sua origem”. [88]

“O Deus Unigénito”?

Ao continuarmos na introdução de João (*João 1*) ao seu Evangelho, nos deparamos com o *versículo 18*. É um verso que também gerou muita discussão, porque houve uma disputa sobre o que João escreveu originalmente. Escreveu, como dizem algumas das nossas traduções: “*Ninguém jamais viu a Deus; o único Deus que está no seio do Pai, Ele [o filho] lhe deu a conhecer*”? Ou escreveu “*o Deus unigénito, que está no seio do Pai...*”?

Um dos melhores críticos textuais contemporâneos, *Bart D. Ehrman*, discute isto no seu importante livro *A Corrupção Ortodoxa das Escrituras*. *Ehrman* é capaz de mostrar razões convincentes pelas quais a leitura “o Deus unigénito” representa uma corrupção do que João escreveu. (Para os interessados, esta variante do texto encontra-se apenas na tradição alexandrina e não se saiu bem em praticamente todos os outros representantes de qualquer outro grupo textual, seja ocidental, cesariano ou bizantino. E mesmo dentro do grupo alexandrino existem evidências do “Filho unigénito”) No entanto, *Ehrman* sustenta que é em bases internas que brilha a real superioridade do “Filho Unigénito”:

O problema, claro, é que Jesus só pode ser o único Deus se não existir outro Deus; mas para o quarto Evangelho, o Pai é também Deus. Na verdade, mesmo nesta passagem se diz que o “*monogenes*” [unigénito] reside no seio do Pai. Como pode o “*monogenes Theos*” [Deus unigénito], o Deus único, manter uma tal relação com (outro) Deus? [89]

Não só isso, mas *Ehrman* interroga-se sobre o que “o Deus unigénito” teria significado para o seu público do primeiro século. Não teria feito sentido no seu contexto judaico-cristão. Além disso, *Ehrman* diz que a leitura “o Filho unigénito” é, sem dúvida, a genuína, porque “coincide perfeitamente com a forma como “*monogenes*” [unigénito] é utilizado em toda a literatura jónica. Em três outras passagens de João, “*monogenes*” serve como modificador, e em cada ocasião é usado com “*huios*” [filho] (*João 3:16, 18; 1 João 4:9*).” [90] Este é um ponto poderoso que mesmo aqueles que preferem a leitura “o Deus unigénito” (devido a preconceitos teológicos!) reconhecem.

A conclusão? “Parece haver poucos motivos para questionar a leitura que se encontra em praticamente todas as testemunhas fora da tradição Alexandrina. O prólogo termina com a afirmação de que ‘o Filho único que está no seio do Pai, o Pai deu-O a conhecer’”. [91] Portanto, para Ehrman, esta leitura variante, “o Deus unigénito” representa uma corrupção do texto. Como já foi abordado anteriormente neste capítulo, Deus não pode ser gerado porque não teve princípio. Se Jesus fosse chamado Deus aqui, é um Deus unigénito, e alguém que é gerado não é Deus. Podemos ter a certeza de que Jesus não é chamado Deus eterno aqui.

Cristo é “Deus acima de tudo, bendito para sempre” (Romanos 9:5)?

Um versículo frequentemente utilizado para justificar a crença de que Jesus Cristo é Deus lê-se na maioria das traduções modernas desta forma:

“Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas; Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém” (Romanos 9:3-5).

Traduzido desta forma, parece que Paulo está a ensinar que Jesus, o Cristo, é Deus porque “é Deus sobre todas as coisas, bendito para sempre”. É uma passagem particularmente comovente porque Paulo está consternado com o facto de os seus irmãos judeus, com todas as vantagens da sua herança, terem rejeitado Jesus como seu Messias. Paulo chega ao ponto de dizer que preferia ser amaldiçoado, privado de todas as bênçãos de Israel e do seu Messias, se ao menos conseguisse convencer os judeus a converterem-se e a serem salvos. No meio desta passagem emocionante, Paulo irrompe em profundos elogios. Mas louvor a quem? Cristo como Deus? Ou Deus, o Pai de Cristo? “A quem se dirige este louvor é uma das questões mais controversas da exegese da cristologia paulina”. [92] A razão para esta disputa é que existem duas formas de traduzir o texto grego, dependendo do local onde o tradutor coloca a pontuação. Poderá dizer: “eles [os israelitas] têm patriarcas, e deles segundo a carne vem o Cristo que é sobre todos como Deus, é louvado para sempre. Amém”. Visto desta forma, este é obviamente um louvor inequívoco a Cristo como Deus Supremo. Em alternativa, e igualmente legitimamente, pode ler-se o texto: “*E deles [os israelitas] vem Cristo segundo a sua origem física. Deus, Senhor de todos, seja louvado para sempre. Amém*”. Esta interpretação dirige louvor a Deus Pai. É claro que, à luz de ambas as possibilidades, teremos de apelar a considerações mais vastas.

Os exegetas que preferem atribuir louvor a Cristo como Deus (uma interpretação cristológica) admitem que esta visão sofre do problema de que Paulo em mais lado nenhum chama a Cristo Deus. Kuschel sublinha que “na nossa análise do texto até agora também não encontramos um único ditado em Paulo que aponte nesse sentido (nem mesmo em *Filipenses 2:6*). Em Paulo, Jesus Cristo é essencialmente o Senhor exaltado, que após a sua ressurreição é designado por Deus para a sua dignidade divina.” Paulo nunca perde de vista o facto de que Deus, o Pai, é sempre e em última instância o superior do Messias (*1 Coríntios 15:28*). Por outras palavras, Kuschel defende que “o contexto mais amplo da teologia paulina já torna mais provável uma interpretação teológica, em vez de cristológica, de *Romanos 9:5*”. [93]

Mas e quanto ao contexto mais imediato aqui em *Romanos 9*? Penso que é este contexto mais próximo que é decisivo em que direção vamos caminhar. Numa passagem em que Paulo justifica a sua posição cristã contra a maioria dos judeus que rejeitam Jesus como o Messias, pareceria

estranho dizer que Jesus é Jeová Deus. Isto seria como agitar a proverbial bandeira vermelha contra um touro. Francamente, seria uma tática que não resultaria, dada a cultura e o contexto em que Pablo atuava. Apelar a Cristo como Deus numa passagem onde Israel é o ponto focal é anómalo. Como refere *Dunn*, “uma doxologia de Cristo como deus nesta fase seria ainda mais incomum no contexto do pensamento de Paulo do que uma mudança inesperada na construção gramatical. Mesmo que Paulo abençoe Cristo como “deus” aqui, o significado de “deus” permanece incerto” (particularmente à luz da nossa discussão anterior sobre as várias formas como “deus” é usado nas Escrituras). [94]

Anthony Buzzard observa que “o mais notável é o facto de que durante toda a controvérsia ariana, este versículo não foi utilizado pelos trinitarianos contra os unitaristas. “Ele claramente não atestou que Jesus era o segundo membro da Divindade”. [95] Independentemente da forma como o leitor prefere ler *Romanos 9:5* (como louvor a Cristo como Deus Todo-Poderoso, ou como louvor a Deus Pai), deve ser considerado surpreendente que uma doutrina tão crítica como a Trindade dependa de pontos tão delicados. gramática. (Este mesmo raciocínio se aplica a outros versículos exegeticamente “duvidosos”, como *Tito 2:13* e *2 Pedro 1:1*). Onde Paulo atribui louvor a Deus com a mesma fórmula, é sempre louvor a Deus Pai “*Ao qual seja dada glória para todo o sempre. Amém*” – *Gálatas 1:4, 5*. Pensando bem, mesmo no final deste mesmo livro de Romanos, Paulo mantém o seu louvor unitário: “*Ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém*” (*Romanos 16:27*). É altamente improvável que tão cedo, no espaço de alguns capítulos, se contradissesse!

É Deus o único Salvador?

Imagino que agora esteja a discutir comigo e a dizer algo do género: Bem, se Jesus não é Deus em carne humana, o que diz das Escrituras que dizem que só Deus pode salvar? Se Jesus não é Deus, como podemos ser salvos? Afinal, Deus diz: “Eu, eu, Jeová; “*Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há Salvador*” (*Isaias 43:11*). Se Jesus não é Deus então existem dois salvadores! E isto é algo que a Bíblia exclui claramente aqui.

Já vimos que um forte argumento contra a ideia de que Deus se tornou homem para nos redimir é que não existe uma única profecia do AT que a sustente. Nenhum versículo prediz que o próprio Deus se tornaria homem para nos salvar. Acontece exatamente o contrário. Os profetas predisseram *um ser humano que, sob a unção do Espírito de Deus, nos resgataria*.

Onde está a solução? Ah, agora vamos ler isto através dos nossos olhos hebreus e ver que diferença faz. Lembra-se daquela máxima que os judeus tinham sobre a lei da agência de que “o agente é como o próprio principal”? Aplica-se aqui mesmo.

Voltemos a *Êxodo 23*. Recorde-se que utilizámos este capítulo anteriormente para ilustrar a lei hebraica do árbitro. Vimos que o anjo do Senhor agiu em lugar de Deus. O que o anjo fez e disse foi na verdade o que o próprio Deus fez e disse, pois, “*o meu nome está nele*” (*versículo 21*). No *versículo 23*, Jeová explicou: “*Porque o meu anjo irá adiante de ti, e te levará aos amorreus, e aos heteus, e aos perizeus, e aos cananeus, heveus e jebuseus; e eu os destruiréi*”. O anjo foi o instrumento através do qual Deus destruiu os inimigos.

Agora vamos continuar com o capítulo. Deus disse aos israelitas: “*Enviarei o meu terror adiante de ti, destruindo a todo o povo aonde entrares, e farei que todos os teus inimigos te voltem*

as costas. Também **enviarei** vespões adiante de ti, que lancem fora os heveus, os cananeus, e os heteus de diante de ti” (versículos 27-28).

Ao nosso entendimento, isto soa como se fosse o próprio Senhor a fazer a obra. Mas depois chegamos ao versículo 31: “**porque darei nas tuas mãos os moradores da terra, para que os lances fora de diante de ti**”. Por isso, Deus espera que os israelitas expulsem os seus inimigos. Há aqui uma contradição? Será que o próprio Deus expulsará os Seus inimigos ou os israelitas farão o mesmo? Observamos o princípio vezes sem conta. Deus diz que agirá quando, na realidade, capacitará os seus anjos e o seu povo para fazer o trabalho.

Este tipo de conversa tem um profundo sentimento hebraico. As ações atribuídas diretamente a Deus são, de facto, executadas pelos seus agentes comissionados. Tomemos outro exemplo: “**o SENHOR... os livrou por meio de Jeroboão**” (2 Reis 14:27).

Mais uma vez vemos a clara distinção entre Deus, que é o Autor supremo da libertação, e o Seu agente designado, que neste caso foi o Rei Jeroboão. Ou então tome este versículo: “Tu os entregaste nas mãos dos seus inimigos, que os afligiram. Mas eles clamaram a ti no tempo da sua tribulação, e tu os ouviste desde o céu. Na tua grande misericórdia lhes deste libertadores para os livrar das mãos dos seus inimigos” (Neemias 9:27).

Mais uma vez vemos a clara distinção entre Deus, que é o Autor supremo da libertação, e o Seu agente designado, que neste caso foi o Rei Jeroboão. Ou então tome este versículo: “**Por isso os entregaste na mão dos seus adversários, que os angustiaram; mas no tempo de sua angústia, clamando a ti, desde os céus tu ouviste; e segundo a tua grande misericórdia lhes deste libertadores que os libertaram da mão de seus adversários**” (Neemias 9:27).

Comentando isto, os autores de “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor) apresentam este ponto pertinente:

Deus, Cristo e outros são chamados “salvadores”, mas isso claramente não os torna idênticos. O termo “salvador” é utilizado para muitas pessoas na Bíblia. Isto é difícil de ver nas versões inglesa e noutras línguas porque, quando usado para homens, os tradutores traduzem quase sempre como “libertador”. Isto por si só mostra que os tradutores modernos têm uma tendência trinitária que não existia nas línguas originais. A única razão para traduzir a mesma palavra como “Salvador” quando aplicada a Deus ou a Cristo, mas como “libertador” quando aplicada aos homens, é fazer com que o termo pareça exclusivo de Deus e de Jesus, quando na verdade não o é. Este é um bom exemplo de como o verdadeiro significado das Escrituras pode ser obscurecido se os tradutores não forem cuidadosos ou se forem teologicamente tendenciosos.

[96]

Tem sido frequentemente argumentado que o próprio nome Jesus, que significa “*Yahweh salva*”, prova que Jesus é Jeová porque “*porque ele salvará o seu povo dos seus pecados*” (Mateus 1:21). Mas a lógica não se aplica de forma consistente porque o nome Josué do AT significa “*Yahweh salva*”. Nunca ouvi ninguém que acredita em a Divindade de Cristo argumentar que Josué era Deus encarnado. Sabemos que no AT Josué foi o homem designado por Deus para libertar Israel. À medida que Josué e Israel avançavam em obediência à sua palavra, Deus salvou-os. Da mesma forma, na questão da nossa salvação, Deus enviou o Seu Filho para a batalha. Através de Jesus Deus salvou-nos. É por isso que Deus e Jesus são chamados Salvador. Mas a Bíblia nunca perde de vista o facto de que Deus, o Pai, é o *Autor* supremo da nossa salvação através do Seu Filho.

Esta mesma linha de raciocínio aplica-se à cura do paralítico em *Marcos 2*. Esta é uma das Escrituras mais comumente utilizadas que supostamente prova que Jesus deve ser Deus, porque “*Quem pode perdoar pecados, senão Deus?*” (versículo 7). Quando Jesus declara que o homem foi perdoado/curado, os fariseus dizem que Jesus está a “blasfemar” porque afirma ser Deus. Mas um pouco de atenção cuidadosa aos detalhes mostrará que Jesus não afirma ser uma Divindade. Em vez disso, está a reivindicar “autoridade”. Ele diz: “*para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados ...*” (versículo 10). O relato paralelo no relato de Mateus é que, uma vez que o povo viu Jesus curar o paralítico, “*maravilhou-se, e glorificou a Deus, que dera tal poder aos homens*” (*Mateus 9:8*). Notamos que Jesus afirma ser “o Filho do Homem”, isto é, o Messias humano, com o direito dado por Deus de pronunciar o perdão. Não muito tempo depois, Jesus confere aos outros homens – os seus apóstolos – a mesma autoridade para perdoar os pecados: “*Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos*” (*João 20:23*). Se só Deus pode perdoar os pecados, então Deus, Jesus e os apóstolos são todos Deus! Além disso, não há nenhum ensinamento na Bíblia que diga que só Deus pode perdoar. Até os cristãos são ordenados a perdoar os pecados uns dos outros (*Efésios 4:32; Colossenses 3:13*). O facto de os fariseus dizerem que só Deus pode perdoar pecados não torna esta doutrina bíblica estabelecida. Os fariseus tinham muitas vezes doutrinas erradas e eram muitas vezes corrigidos pelo nosso Senhor Jesus. Esta foi uma dessas ocasiões.

Tradicionalmente, argumenta-se que, porque Jesus é chamado Emanuel, que traduzido significa ‘Deus conosco’, Jesus é Deus encarnado. Mas um pouco mais de reflexão irá desmascarar este raciocínio muito rapidamente. O nome de Elias significa literalmente “Deus é Jeová”, mas ninguém diz que o profeta era realmente Jeová. Bithia significa “filha de Jeová”, mas ninguém contesta que deva ser irmã de Jesus (*1 Crónicas 4:18, KJV*). O nome de Eliabe significa “o meu Deus é o meu Pai”, mas ninguém diria que Eliabe é o Messias. contesta que deva ser Deus encarnado. Se o nome de Jesus, “Emanuel”, prova a sua Divindade, então Elias, Joel, Eliabe, Eli, Eliú e Itiel são também o próprio Deus. compreendida. Para aqueles de nós que amamos o Senhor Jesus, o seu nome é significativo e amado e traz grande alegria porque nos comunica a maravilhosa verdade de que, como Filho de Deus, ele é aquele que foi nomeado Salvador Através dele, Deus está conosco e nos salva.

Aqueles que acreditam que Jesus só pode ser o nosso Salvador se for Deus, apelam por vezes para a profecia de *Jeremias 23*: “*Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o seu nome, com o qual Deus o chamará: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA*” (*Jeremias 23:6*).

Não diz isto que o salvador vindouro será: “o Senhor Justiça nossa”, isto é, o próprio Deus? Isto é facilmente respondido quando reparamos que alguns capítulos depois temos esta profecia em *Jeremias 33*: “*Naqueles dias Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente; e este é o nome com o qual Deus a chamará: O SENHOR é a nossa justiça*” (versículo 16).

Aqui a cidade de Jerusalém recebe o mesmo título do redentor anterior. Nunca ouvi ninguém argumentar que a cidade de Jerusalém também deve ser o próprio Deus porque tem o mesmo título de Jeová. Os olhos hebraicos são necessários para evitar confusão. Por isso, é falacioso raciocinar que, porque Jesus é chamado “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (*Apocalipse 19:16*), tem necessariamente de ser o próprio Deus Todo-Poderoso. O facto de Artaxerxes ser chamado “rei dos reis” e de o próprio Deus chamar a Nabucodonosor “rei dos reis” não coloca estes homens na mesma liga que o Messias Jesus, nem significa que tenham a mesma natureza que ele. A designação “rei dos reis” é, obviamente, uma forma de falar muito hebraica que nada tem a ver

com equivalência de natureza. Os hebreus também podiam falar de um “*servo dos servos*”, que significa simplesmente o mais baixo dos mais baixos (*Gênesis 9:25*). No livro de Daniel, Deus dirige-se a Nabucodonosor: “*Tu, ó rei, és rei de reis; a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força, e a glória*” (*Daniel 2:37*).

Da mesma forma hebraica, quando as Escrituras designam Jesus Cristo como “*Rei dos reis e Senhor dos senhores*”, a mensagem transmitida é que Deus também lhe deu o Reino, o poder, a força e a glória da Era para Vir. A igualdade de estar com o Deus que dá o Reino não entra na equação, nem para Nabucodonosor nem para Jesus. Se, como já foi observado, a partilha da mesma nomenclatura de Deus não prova uma identidade literal com o próprio Deus, o mesmo se aplica à partilha dos mesmos títulos. Embora Jesus possa partilhar o título de “rei dos reis e Senhor dos senhores” com Deus, seu Pai, existe um título reservado exclusivamente a Deus, o Pai. Nenhum outro indivíduo, incluindo o Senhor Jesus, recebeu o título de “Deus dos deuses” (compare, *Deuteronômio 10:17*). Este título, como “o Senhor Deus” (por exemplo, *Apocalipse 1:8*), é sempre reservado ao único Deus verdadeiro, que é o Pai.

Em *Zacarias 14* temos uma profecia notável que os cristãos aguardam com expectativa. Trata-se de um dia ainda futuro em que o próprio Deus sairá e lutará contra as nações do mundo que se reunirão contra Israel e a cidade santa de Jerusalém. Esta é popularmente conhecida como a Batalha do Armagedão. Nesse dia, precisamente quando os inimigos parecem prontos para desferir o golpe final, o próprio Deus intervirá na história do mundo e “*E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul*” (*Zacarias 14:4*). Os pés que provocam este terramoto na Bíblia Hebraica são os pés do Senhor. No entanto, os cristãos acreditam que esta é uma referência ao regresso do próprio Jesus Cristo na Segunda Vinda para inaugurar o Reino de Deus na terra. O argumento é que, uma vez que os pés de Jesus são chamados pés de Deus, então Jesus deve ser o próprio Deus. À luz do que vimos até agora, isto não pode ser. Se tivermos em mente o princípio da agência judaica, compreenderemos corretamente que “os pés de Jesus são chamados pés de Deus, exatamente da mesma forma que a mão de Aarão é chamada mão do Senhor em *Êxodo 7:17-19*”. [97]

O Hino de Filipenses

A maioria dos cristãos lê *Filipenses 2:5-11* como ensinando que Jesus Cristo sempre preexistiu como Deus, mas por amor humilhou-se a ponto de se tornar homem para que através da sua Encarnação pudesse morrer na cruz para redimir a perda da humanidade. Após esta incrível missão de abnegação, Jesus regressou para junto do seu Pai na glória do céu, onde sempre esteve antes. Poucos sabem que esta interpretação tradicional da igreja é como um rio que transbordou e há muito abandonou o seu curso original. Ao longo dos séculos, o canal da tradição penetrou profundamente a tal ponto que a intenção e o significado originais ficaram durante muito tempo restritos ao fundo do “*Grand Canyon*” (Gran Cañón) da “ortodoxia”. Só aquele cujo coração e mente estão abertos está preparado para considerar outras possibilidades. Talvez estas palavras de *Karl-Josef Kuschel* nos possam ajudar a explorar outras opções sonoras de interpretação. Poucos, diz *Kuschel*, parecem estar conscientes de que:

... Os exegetas de hoje chegaram à conclusão radicalmente oposta de que o hino aos Filipenses não fala de modo algum da preexistência de Cristo. Na verdade, um número crescente de estudiosos atuais do Novo Testamento questiona corretamente as premissas da exegese até agora e não consegue ver a preexistência, muito menos a Encarnação, no hino de Filipenses.

[98]

Obviamente precisamos de dar uma nova vista de olhos a estes versículos. Eles leem:

Tende em vós a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus, que, embora existisse em forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a ser conquistado, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, e sendo feito em a semelhança dos homens. E, tomando a forma de homem, humilhou-se, tornando-se obediente até à morte, até à morte de cruz. Por isso também Deus O exaltou soberanamente e Lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e para que toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (*Filipenses 2:5-11*).

Antes de examinarmos os detalhes, vamos dar um passo atrás e examinar as definições. Vejamos, em primeiro lugar, o quadro geral. Basicamente, existem duas tradições diferentes que vão influenciar a nossa compreensão. Mais uma vez nos deparamos com o facto de podermos ver esta passagem com olhos gregos ou com olhos judeus. Tradicionalmente, os “olhos gregos” têm isso! Porque desde o século IV a Igreja adotou a cristologia pré-existente do sincretismo helenístico, o que significa simplesmente que Jesus era um ser divino que veio à terra para nos libertar. Alguns estudiosos chamam-lhe o mito do Redentor Gnóstico. No entanto, historicamente, e muito antes de esta visão grega prevalecer, os “olhos judaicos” – na igreja apostólica primitiva – já a tinham. Existem fortes evidências que sugerem que a igreja apostólica interpretou o hino de Filipenses à luz da tradição do AT: especificamente, Cristo é apresentado “à boa maneira judaica, como uma contraparte humana de Adão”. [99] Ou, como *James Dunn* refere na sua obra monumental, esta passagem é melhor entendida como uma expressão da “cristologia de Adão que foi difundida no cristianismo das décadas de 1940 e 1950”. [100] Eis uma ideia que merece mais exploração.

Existem outras passagens do NT que comparam e contrastam Adão e Cristo (por exemplo, *Romanos 5:12-21*; *1 Coríntios 15:21-22, 45-47*). *Filipenses 2:6-11* pode ser “uma das expressões mais completas que ainda possuímos” da cristologia adâmica deste período da igreja primitiva. [101] Embora o hino seja, obviamente, sobre Cristo, destaca-o e define-o no contexto do fracasso de Adão. A passagem pressupõe a escolha nefasta de Adão, a sua tentativa de “ser como Deus” e a sua rebelião. Mas onde Adão se agarrou e falhou, Cristo “*Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus*”, mas rendeu-se à vontade de Deus, até ao ponto da humilhante crucificação, e foi, portanto, glorificado por Deus. Vamos então ver se a própria linguagem da passagem apoia a ideia de que os *capítulos 1-3 de Génesis* constituem o pano de fundo para o que está a ser dito. Lidos à luz deste contexto histórico-tradicional podemos observar os contrastes e as comparações entre Cristo e Adão. Veremos palavras e frases individuais em breve, mas por agora vamos examinar primeiro o quadro geral.

A primeira comparação é que Cristo “existia sob a forma de Deus”, tal como Adão também era “à imagem de Deus”. Muitos estudiosos salientam que as expressões “forma [*morphe*] de Deus” e “imagem [*eikon*] de Deus” são “quase sinónimos”. [102] Ou, “*Morphe e eikon* são termos equivalentes usados indistintamente na LXX”. [103] Assim, a primeira linha do hino diz-nos que Cristo partilhou a imagem e a glória de Deus tal como Adão fez antes da sua queda.

O paralelo seguinte é um contraste entre Adão e Cristo. “*Forma de escravo*” é evidentemente uma alusão ao destino de Adão após a queda. Quando pecou, Adão tornou-se escravo da maldição da natureza e da morte. Cristo, porém, aceitou voluntariamente a “*forma de escravo*”. Há outro par contrastante que aponta na mesma direção: “*semelhança de Deus*” refere-se provavelmente à tentação de Adão quando queria ser “*semelhante a Deus*” (*Gênesis 3:5*), e “*semelhança de homens*” aponta, por sua vez, para o estado de Adão, depois de pecar. Alguns acham que estas comparações feitas por *Dunn* são demasiado prolixas, mas se continuarmos a segui-las, penso que serão consideradas como tendo algum mérito.

Se considerarmos o hino aos Filipenses como uma comparação, em certo sentido, entre Adão e Jesus, a passagem é um pedaço da cristologia adâmica do mesmo tipo que se encontra noutras partes do NT. Em:

... seria mais um exemplo da cristologia difundida em duas fases das primeiras comunidades judaico-cristãs... e, por isso, não estaria no contexto do mítico [i.e. tradição helenística], mas da tradição do AT. Portanto, não estamos aqui a tratar de uma figura celeste pré-existente. Pelo contrário, Cristo é a grande figura contrastante de Adão. Para ser mais específico, não foi Adão que quis tornar-se ainda mais semelhante a Deus e assim sucumbiu ao... pecado primordial? Não foi Adão que então, como castigo, teve de viver uma espécie de existência escrava? E o Cristo deste hino não é precisamente o oposto? Não renunciou voluntariamente a ser imagem de Deus? Não assumiu a forma de escravo, não como castigo, mas voluntária e obedientemente, para mais tarde ser designado por Deus à sua dignidade celeste? **[104]**

Então, esta é uma forma convincente de olhar para este hino? Não deve surpreender que se baseie em fortes imagens judaicas. Visto desta forma, a grande antítese do hino é o contraste entre Cristo e Adão: Adão, o homem ousado; Cristo, o homem que se humilhou. Adão, o homem que foi humilhado à força por Deus; Cristo, o homem que voluntariamente se humilhou diante de Deus. Adão, o homem rebelde, finalmente amaldiçoado por Deus; Cristo, o homem obediente, finalmente exaltado por Deus acima de tudo. Adão, que queria tornar-se semelhante a Deus, foi novamente transformado em pó; Cristo desceu ao pó, à cruz, e tornou-se Senhor do mundo. Assim, o hino aos Filipenses mostra-nos como Cristo é o novo Adão que inverteu tudo o que o velho Adão fez. Em breve:

Não se trata de uma pré-existência de Cristo com o esquema de uma cristologia em três etapas: pré-existência, humilhação, pós-existência. Em vez disso, o autor celebra toda a vida humana terrena de Cristo como uma vida de entrega voluntária à humildade... à existência de um escravo e a uma morte vergonhosa. **[105]**

Por causa da sua vitória sobre o pecado do orgulho que derrubou Adão, Cristo é agora exatamente como Deus pretendia que o homem fosse. Agora tratam-no como se fosse Deus! Ele desfruta agora da incorruptibilidade de que Adão deveria desfrutar. E para o conseguir não usou o seu privilégio de Messias e Rei de Deus (*versículo 5*). Não reivindicou nenhuma vantagem especial porque era o Filho de Deus. Se compreendermos o hino com esta formação judaica, veremos que “o hino original representa uma tentativa de definir a singularidade de Cristo considerado precisamente como homem”. **[106]** Não ensina uma Divindade pré-existente, mas uma humanidade obediente.

O Cristo de *Filipenses 2:6-11* é, portanto, o homem que desfez o mal de Adão: confrontado com a mesma escolha, rejeitou o pecado de Adão, mas mesmo assim seguiu livremente o curso de Adão como um homem caído até ao amargo fim da morte; portanto, Deus deu-lhe não só o

estatuto que Adão perdeu, mas o estatuto que Adão iria alcançar: o protótipo final de Deus, o último Adão. [107]

Esta interpretação geral ajusta-se maravilhosamente ao contexto. O apóstolo não começa o hino com esta exortação: “*De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus*” (Filipenses 2:5)? Como me posso relacionar com quem era supostamente o Deus Todo-Poderoso antes da sua existência como homem e quem durante a sua estadia aqui era o “Deus-Homem”? Este tipo de Cristo (grego) não é um modelo para mim. *Martyn Lloyd-Jones*, que promove a ideia tradicional de que este hino nos apresenta o “Deus-Homem”, afasta Jesus de nós. Ele escreve:

Não era simplesmente que lhe fosse possível não pecar, mas que não lhe era possível pecar. E essa é a diferença essencial entre Cristo e Adão; ... O primeiro Adão foi perfeito. Não havia pecado, mas o pecado era possível. Era possível que Adão não tivesse pecado, mas não se podia dizer dele que não lhe fosse possível pecar, porque pecou. Mas do Filho de Deus dizemos que não só lhe foi possível não pecar... como também não lhe foi possível pecar... porque Ele é o Deus-Homem. Não apenas humano, mas também divino. Mas ainda assim, porque o ser humano, sujeito à tentação, e o diabo o tentou. E assim vemos a importância de afirmar ao mesmo tempo a doutrina de Sua verdadeira humanidade e também a doutrina de Sua total ausência de pecado. O diabo tentou-o com todas as suas forças, de uma forma que mais ninguém jamais fez tentado. Era uma tentação real, mas ao mesmo tempo estava totalmente livre de pecado e não era possível ou deveria cair. Deus o enviou para ser o Salvador, e assim não poderia haver, e não houve fracasso. [108]

Mais uma vez, é difícil não imaginar que *Lloyd-Jones* está preso à sua teoria da Trindade e da Encarnação. Leia novamente a sua citação. Diz que “não era possível” que Jesus pecasse “porque Ele é o Deus-Homem”. “Não era possível que Jesus pudesse ou devesse cair.” Confusamente, porém, *Jones* diz que a tentação de Jesus foi “uma tentação real”. Se “não lhe era possível pecar” porque era o “Deus-Homem”, então Cristo não era nada parecido com Adão. O paralelo bíblico é destruído. E como pode ser “verdadeira tentação” se não há possibilidade de pecar? A Bíblia, por outro lado, indica que a possibilidade de fracasso era realmente muito real. No clímax da sua vida no Getsémani, por exemplo, Jesus transpira grandes gotas de sangue enquanto luta pela vitória. Mas *Douglas Lockhart* em “*Jesus the Heretic*” (*Jesus the Heretic*) salienta que, se partirmos de uma posição de “ortodoxia” encarnacional posterior, a oração de Jesus no jardim está repleta de erros doutrinários, erros de autointerpretação que lhe teriam valido a fogueira. anos. mais tarde! Diz que este Jesus bíblico é claramente pouco ortodoxo segundo os nossos padrões tradicionais. Porque aqui no jardim do Getsémani é óbvio que Jesus não se considera Deus. Ele é certamente o Messias, aquele que oferece o sacrifício supremo, mas por tudo isto é tentado pela carne e pelo sangue. “Para ti tudo é possível”, reza, dando a entender que nem tudo é possível para ele. E depois, “não o que eu desejo, mas o que tu desejas”, indicando a submissão a Deus e não o cumprimento de um propósito que Ele mesmo criou. Eis o Filho de Deus a submeter-se a Deus, e não Deus a submeter-se a Deus. Jesus Cristo enfrentou então a mesma escolha arquetípica que Adão enfrentou. [109]

As suas palavras na cruz: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” divorciá-lo ainda mais da criação filosófica de que era totalmente Deus, pois como poderia Jesus, enquanto Deus, abandonar-se a si mesmo? (Diz-se que *Martinho Lutero* lutou com este “grito de abandono” durante dias. *Lutero* fechou-se no seu escritório em busca de significado. Finalmente deu um salto e exclamou: “Deus abandonado por Deus!”) Parece confuso?

Repito o que disse anteriormente neste capítulo: *se Jesus ia cumprir os requisitos certos para nos redimir, fosse lá o que fosse Adão, Jesus Cristo também tinha de ser. É por isso que Jesus Cristo teve de ser como Adão, um ser humano criado, com uma natureza única, plenamente humano. Não deve ter nenhuma vantagem injusta por ter “duas naturezas”. Adam claramente não tinha isso.*

A Forma de Deus

Com este quadro geral em mente, podemos agora abordar algumas das palavras e frases problemáticas desta passagem. As duas frases-chaves que têm sido muito importantes para aqueles que ensinam que Jesus Cristo era Deus antes da sua Encarnação são “existiu sob a forma de Deus” e “tornou-se sem reputação” (para ser “feito à semelhança dos homens”). Vamos olhar mais de perto.

Martyn Lloyd-Jones é representativo da crença dominante de que estes versículos ensinam que Jesus sempre existiu como Deus antes de assumir a forma humana. Ele diz:

Bem, vamos pegar nesta forma de palavra – “Quem, estando na forma de Deus” – o que é isto? A forma é a soma total das qualidades que fazem de uma coisa aquilo que ela é. Tomemos, por exemplo, um pedaço de metal; Este pedaço de metal pode ser uma espada ou um arado, embora seja o mesmo metal. E quando falo sobre “a forma” de uma espada, refiro-me ao que faz daquele pedaço de metal uma espada em vez de um arado. Portanto, se eu pegar numa espada, a derreter e a transformar em relha de arado, terei mudado a sua forma. Este é um ponto muito importante. [110]

Evidentemente, o grande pregador espera que acreditemos que, porque Jesus existiu “sob a forma de Deus”, sempre foi Deus, porque “a forma é a soma total das qualidades que fazem de uma coisa aquilo que ela é”. Contudo, podemos perguntar: Se Paulo queria nos dizer que Jesus era Deus, por que ele simplesmente não escreveu que Cristo “era Deus” em vez de “existir na forma de Deus”? O versículo não fala de Jesus Cristo, “que, sendo Deus”, pela simples razão de que Paulo está a dizer aos Filipenses que Jesus representava Deus, o Pai, de todas as formas possíveis.

Como se pode ver na afirmação de *Lloyd-Jones*, a palavra “forma” (*morphe*) é central na posição dos trinitarianos que acreditam que Jesus sempre foi Deus antes de se tornar homem. É certo que os léxicos oferecem significados contrastantes para esta palavra. O *Vine Lexicon* diz-nos que “metamorfose” se refere a uma “natureza interior e essencial”. No seu “*Expository Dictionary of New Testament Words*” (Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento), *Vine* cita *Gifford* com aprovação:

“*Morphe*” é propriamente a natureza ou essência, não em abstracto, mas como realmente subsistindo no indivíduo e retida enquanto o próprio indivíduo existir... Assim, na passagem que temos diante de nós, “*morphe theou*” [“forma de Deus”] é a natureza divina subsiste real e inseparavelmente na Pessoa de Cristo... Para a interpretação da “forma de Deus” basta dizer que (1) inclui toda a natureza e essência da Divindade. (2) que não inclui em si nada de “acidental” ou separável, tais como modos particulares de manifestação ou condições de glória e majestade, que podem a qualquer momento ser associados à “forma”. [111]

Por outro lado, muitos léxicos não concordam com a ideia de que “forma” significa a natureza interna e essencial. Dizem que “forma” significa “aparência exterior, forma”. Representativos desta definição são o “*Theological Dictionary of the New Testament*” (Dicionário Teológico do

Novo Testamento) editado por Gerhard Kittel, o léxico de *Walter Bauer*, traduzido e revisto por *Arndt e Gingrich*, e o léxico de *Robert Thayer*. Este último observa que, embora alguns estudiosos tentem que “*morphe*” se refira ao que é intrínseco e essencial, em contraste com o que é exterior e acidental, “muitos rejeitam a distinção”. Assim sendo, é evidente que os estudiosos gregos estão em desacordo sobre se “forma” significa “natureza ou essência interna e essencial” ou se significa simplesmente “aparência ou forma externa”. Como podemos resolver esta diferença? Não é um problema tão difícil como parece. Tudo o que temos de fazer é recorrer aos escritores do período do NT e ver como eles usam invariavelmente a palavra. Pelos cinco exemplos seguintes, reconheço a minha dívida para com os autores de “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor). [112]

Ficámos a saber em **escritos seculares** que os gregos usavam “*morphe*” para descrever quando os deuses mudavam de aparência. *Kittel* sublinha que na mitologia pagã os deuses mudam de forma e aponta *Afrodite, Deméter e Dioniso* como três dos que o fizeram. Esta é claramente uma mudança na aparência, não na natureza. *Josefo*, contemporâneo dos apóstolos, utilizou “forma” para descrever o formato das estátuas.

Em segundo lugar, noutros lugares onde “*morphe*” é usado na Bíblia, é claro que significa aparência exterior. Em *Marcos 16:12* Jesus aparece aos dois discípulos que estão a caminho de Emaús “noutro modo”. Jesus não tinha uma “natureza interior e essencial” diferente, mas simplesmente uma aparência exterior diferente.

Em terceiro lugar, a tradução grega do AT, a **Septuaginta (LXX)**, foi escrita por volta de 250 a.C., para os judeus de língua grega. A Septuaginta utiliza “*morphe*” diversas vezes e sem exceção refere-se à aparência exterior. Em *Job 4:15, 16* Job diz: “*Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne. Parou ele, porém não conheci a sua feição; um vulto estava diante dos meus olhos [morphe]*”. “Forma” aqui refere-se claramente à aparência exterior deste espírito. Em *Isaiás 44*, a palavra “*morphe*” refere-se à aparência exterior dos ídolos feitos pelo homem: “*O carpinteiro estende a régua, desenha-o com uma linha, aplaina-o com a plaina, e traça-o com o compasso; e o faz à semelhança [forma – morphe] de um homem...*” (*versículo 13*). Seria absurdo sugerir que “forma” se refere aqui à natureza interior e essencial do ídolo, uma vez que o ídolo tem uma forma física que se assemelha à aparência de um homem. Em *Daniel 3*, os rapazes Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recusaram-se a curvar-se diante da imagem de Nabucodonosor e é-nos dito que “*e mudou-se o aspecto [morphe] do seu semblante*” (*versículo 19*). A Bíblia NASB diz que “*a sua expressão facial*” mudou. Nada na sua natureza mudou, mas todos os que o viam sabiam que a sua aparência exterior mudava.

Em quarto lugar, os escritos intertestamentários dos judeus, chamados de **Apócrifos**, foram escritos entre o último livro de Malaquias do AT e o livro de Mateus do NT. Os católicos romanos têm hoje estes livros nas suas Bíblias, mas não aparecem nas Bíblias protestantes. Estes livros usam “*morphe*” exatamente da mesma forma que a Septuaginta – isto é, para se referirem à “aparência exterior”. Por exemplo, em “*A Sabedoria de Salomão*” temos: “*Os seus inimigos ouviram as suas vozes, mas não viram as suas formas*” (*18:1*). A palavra “*morphe*” nos livros apócrifos mostra que se refere sempre à forma exterior, e não à essência interior.

Quinto, “*morphe*” é a raiz de algumas **outras palavras do Novo Testamento** e é também utilizado em palavras compostas. Isto também acrescenta peso à ideia de que “*morphe*” se refere à forma ou manifestação exterior. Em *2 Timóteo 3:5* a Bíblia fala de homens que têm “*uma aparência [morfose] de piedade*”. O seu interior, as suas naturezas interiores eram más, mas tinham uma aparência exterior de serem piedosos. No Monte da Transfiguração, Cristo foi “*transformado*”

(*metamorphoomai*) diante dos apóstolos (*Mateus 17:2; Marcos 9:2*). Não viram Jesus adquirir uma nova natureza interior, mas viram a sua aparência exterior mudar profundamente. *2 Coríntios 3* diz-nos que os cristãos serão “transformados” (*metamorphomai*) à imagem de Cristo (*versículo 18*). Seremos semelhantes a Cristo e refletiremos a sua glória.

Kenneth Wuest observa que em grego “*koine morphe*” passou a referir-se a “uma posição na vida, uma posição que alguém ocupa, a sua posição”. E esta é uma aproximação de “*morfe*” neste contexto de *Filipenses 2*”. [113]

Quais são as nossas conclusões até ao momento? Todos estes usos antigos da palavra “forma” falam de aparência externa ou semelhança e não de essência interna e essencial. Argumentar que, porque Jesus “existia sob a forma de Deus”, tinha a natureza interna de Deus é agarrar-se a qualquer coisa para tentar provar um ponto pré-concebido. Tudo o que *Filipenses 2* ensina é que Jesus, o Messias, era o verdadeiro representante de Deus. Quando os homens olharam para ele, viram como é Deus. Como disse Jesus: “*Quem me vê a mim vê o Pai*” (*João 14:9*). Visto desta forma, podemos interpretar “a forma de Deus” e “a forma de um escravo” como significando papel ou estatuto. Observe a equivalência:

Jesus tinha a forma de Deus no sentido em que Ele tomou o lugar de Deus da mesma forma que vimos anteriormente (no capítulo dois) que Moisés se apresentou ao Faraó como Deus (*Êxodo 4:16; 7:1*). Moisés apareceu diante do Faraó “sob a forma de Deus”, isto é, no papel de Deus, mas este estatuto não significava que ele fosse realmente *divino na sua essência*. Da mesma forma, Jesus andou diante dos homens “sob a forma de Deus” como agente plenamente autorizado do seu Pai. É claro que a posição e o estatuto de Jesus como Messias são muito superiores aos de Moisés. Mas, mesmo assim, Jesus não afirmou que esta semelhança com Deus fosse algo que pudesse explorar em seu próprio benefício. Se *Filipenses 2* está ou não a estabelecer um paralelo no AT com Adão pode ser um ponto discutível para alguns. Mas uma coisa é absolutamente certa. A passagem enfatiza o enorme estatuto de que Jesus gozava como Messias homem (conforme apresentado no *versículo 5*). A lição é que apesar do seu papel de Deus (agente!), Jesus comportou-se como um servo. Em resposta a andar na “forma de servo”, Deus elevou-o agora à Sua direita de glória como Senhor Messias. [114]

Antes de passarmos para a segunda principal expressão problemática deste hino, é apropriado dizer algumas palavras sobre a palavra “existiu” na nossa frase, “que *existiu* na forma de Deus”, ou como a Bíblia King James a traduz, “*o qual, estando na forma de Deus*”. Os trinitarianos têm dito muitas vezes que a palavra aqui para “existir” ou “ser” prova que Jesus Cristo preexistia como Deus antes de vir a este mundo. É uma simples questão de facto que o verbo “ser” aparece frequentemente aqui no NT e de forma alguma transporta o sentido de “existir na eternidade”. Foi o filósofo *Justino Mártir* quem primeiro aplicou a Jesus a palavra distintiva “preexistir” (do grego *prohyparchein*). Mas o NT nunca usa esta palavra. Certamente não é a palavra usada aqui em *Filipenses 2:6*. Vale a pena destacar a seguinte explicação mais técnica de *Kuschel*:

A frase “*ser como Deus*” (grego, *isa theou*) também não pode ser simplesmente traduzida com termos como “igualdade a Deus”, “ser como Deus”, como é frequentemente o caso. Isto exigiria a forma “*isos theos*”. O que temos no texto é o advérbio “*isa*”, e este significa simplesmente “semelhante a Deus”, “igual a Deus”. Portanto, não há nenhuma afirmação de que Cristo seja igual a Deus, e isto, por sua vez, vai contra uma interpretação em termos de pré-existência. Assim, tanto do ponto de vista histórico-tradicional como linguístico... não há justificação para interpretar a frase do hino em função do ser de Cristo. [115]

Como *Kuschel* observa noutra parte do seu maravilhoso livro:

Descobri que a palavra preexistência não é uma expressão bíblica, mas um termo problemático utilizado na reflexão post-bíblica Procura sistematizar aquilo que para o NT não é um tópico de pensamento sistemático. Por outras palavras, uma cristologia atual que utiliza despreocupadamente o tema dogmático da “preexistência” e o introduz no NT, impondo ao NT uma ideia que não contém desta forma. [116]

Na verdade, podemos falar aqui ainda mais fortemente desta palavra para “existir” (*hyparchon*) ou “*estar na forma de Deus*”. *Kuschel* diz que é dada muito pouca atenção ao facto de o verbo “*hyparchon*” conter a palavra “*arche*”, origem. Portanto, “se também traduzirmos isto literalmente, poderíamos dizer: ‘Aquele que tem a sua origem no “mundo” de Deus’. Portanto, a questão ‘na forma’ não é uma afirmação sobre a essência, mas uma afirmação sobre a origem”. [117]

Ele Esvaziou-se a Si Mesmo

Vamos agora à segunda frase em *Filipenses 2* que causa dificuldade. É aquela que diz que Jesus Cristo “*não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo*” (*versículos 6-7*). É lamentável que a antiga *versão King James da Bíblia* tenha traduzido este versículo completamente errado. Diz que Jesus “*não achava que ser igual a Deus fosse algo a apreender*” e dá a impressão de que, como Deus pré-existente, Jesus não achava que houvesse algo de errado em ser considerado igual a Deus.

Por esta altura já deve ser claro que isto é exatamente o oposto do que se quer dizer. Todo o contexto da passagem é sobre ser humilde, colocar a vontade e a glória de Deus em primeiro lugar e servir os interesses dos outros acima dos seus próprios. Embora estivesse na “forma de Deus”, Jesus não considerava o estatuto que Deus lhe tinha dado como algo que pudesse ser explorado. Este significado contrasta bem com o comportamento de Adão, que infelizmente considerava a igualdade com Deus algo a que se devia agarrar. Adão queria ser como Deus como ensina *Gênesis 3:5*. Adão tentou alcançar a igualdade com Deus. Mas Jesus não usurparia a autoridade de Deus para obter vantagens egoístas. Ele disse: “*o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir*” (*Mateus 20:28*), não para o arrebatamento! Quando o prenderam no jardim, disse: “*Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?*” (*Mateus 26:53*). Como Messias, Rei designado por Deus, tinha todo o direito de pedir proteção divina. Ele “esvaziou-se” de todos estes privilégios messiânicos.

Portanto, pode-se afirmar categoricamente que *Filipenses 2:5-11* não tem nada a ver com Jesus Cristo ser Deus num estado pré-existente. A importância é, na verdade, muito simples e prática: como devem os cristãos comportar-se neste mundo? Não imitando o homem Adão, que perdeu tudo ao agarrar-se ao poder e à glória, mas imitando Jesus, o Messias (*versículo 5*), que através da humildade e obediência a Deus ganhou tudo e muito mais. Afinal, se Jesus já era Deus, então os *versículos 9 a 11* não têm qualquer sentido. Não existe “*Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra*”, Porque se já era Deus, já o tinha antes de nascer! Não. É claro que Deus lhe deu uma nova posição, um novo nome (autoridade), uma nova posição que ele não possuía antes. O grego é aqui muito claro: “*dio kai*” significa (como em *Lucas 1:35*) “*precisamente por esta razão*”. Por que razão Deus exaltou Jesus à sua direita? “Portanto, Deus exaltou-o muito e deu-lhe um nome acima de todos os outros nomes,

porque voltou para onde estava antes como Deus”? De nada! Recebe este estatuto como recompensa pela razão exata de que se humilhou e morreu. O seu status exaltado é uma recompensa. Se seguirmos o padrão do último Adão, também nós seremos exaltados por Deus quando Cristo regressar. É evidente, então, que “este hino não contém aquilo que muitos intérpretes procuram e encontram nele: uma afirmação independente sobre a pré-existência ou mesmo uma cristologia da pré-existência... Nenhuma pré-existência de Cristo diante do mundo”. pode ser reconhecido com um significado independente. mesmo em *Filipenses 2*”. [118]

O Hino dos Colossenses

Na medida em que os “tradicionalistas” a utilizam para justificar a crença num Cristo pessoalmente pré-existente, a passagem de *Colossenses 1:15-19* está ao mesmo nível de *João 1* e *Filipenses 2*. É fácil perceber como se chega a esta conclusão: quando a passagem é lida na estagnação da “ortodoxia”. Paulo escreveu:

“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (Colossenses 1:15-19).

Devemos examinar cuidadosamente tanto o contexto geral como as frases específicas antes de nos apressarmos a concluir que o apóstolo está a ensinar que Jesus, o Filho de Deus, criou os céus e a terra e, portanto, é coigual a Deus, o Pai, o segundo membro da Trindade. Tudo o que vimos até agora indicaria que Paulo não deu uma volta repentina na sua crença claramente expressa de que existe “*um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo*” (*1 Coríntios 8:6; Efésios 4:5*).

O contexto geral deve ser claramente tido em conta. O apóstolo está a “*dar graças ao Pai*” porque Ele “*nos tornou aptos para participar na herança dos santos na luz*”. “*Libertou-nos da autoridade das trevas e transportou-nos para o reino do seu Filho muito amado*” (*versículos 12-13*). Paulo está, portanto, a falar da nova criação que Deus realizou através do Seu Filho Jesus. Ele está a falar de coisas que se relacionam com “*a redenção, o perdão dos pecados*” (*versículo 14*) e “*a igreja*” (*versículo 18*) e como através do Filho, o Pai, Deus nos reconciliou “*consigo todas as coisas, tanto na terra como no céu, tendo feito a paz pelo sangue da sua cruz*” (*versículo 20*).

Como diz *Kuschel*: “O contexto direto do hino aos Colossenses é em si mesmo de natureza escatológica e representa a ‘viragem dos tempos’”. [119] Por outras palavras, “o Novo Testamento não representa simplesmente a ressurreição de Jesus como a reanimação de um cadáver, mas como o surgimento no tempo e no espaço de uma nova ordem de vida”. [120] Quando o Pai ressuscitou Jesus, não foi apenas um acontecimento histórico isolado. Mais importante ainda foi a injeção na história do início da “ressurreição escatológica”. [121] A vida eterna – a vida do século vindouro – está garantida em Cristo, que é “*primícias*” de todos os que hão de vir (*1 Coríntios 15:23*). Jesus é o primeiro de toda uma colheita de novas vidas que estão para vir! Agora há uma nova ordem de coisas. Uma nova era já começou em perspectiva. Sim, “*Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas á passaram eis que tudo se fez novo*” (*2 Coríntios 5:17*). Ser batizado em Cristo é já, em perspectiva, ser “*à semelhança da sua ressurreição*” (*Romanos 6:5*). Já estamos “*assentados com Cristo nos lugares celestiais*” (*Efésios 2:6*). Porque Cristo foi ressuscitado para

a glória do Pai, já estamos “glorificados” na promessa (*Romanos 8:30*). Fomos transferidos para o “reino do seu Filho muito amado” (*Colossenses 1:13*).

Esta mudança tectónica ao longo dos tempos é o contexto deste hino de louvor. Estamos perante uma ordem de coisas completamente nova. As ondas desta mudança continental desde a ressurreição de Cristo estão a rolar em direção à costa distante do vindouro Reino de Deus com um poder semelhante ao de um tsunami. As antigas autoridades e estruturas foram abaladas, porque Cristo é agora a cabeça da nova criação de Deus. Uma nova dinastia foi inaugurada no universo de Deus. Este é o contexto cosmológico das frases individuais que vamos agora examinar.

Cristo a Imagem de Deus

Falando do “*seu Filho amado*” que nos trouxe “*a redenção, o perdão dos pecados*” (*Colossenses 1:13, 14*), o apóstolo diz-nos que “*O qual é imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação*” (*versículo 15*). Uma imagem, como sabemos, é uma representação visual ou cópia de um original. Esta palavra “imagem” implica que existe uma diferença de identidade entre a cópia e o original. Quando nos olhamos ao espelho compreendemos que não vemos o nosso “verdadeiro” eu, apenas uma imagem de nós próprios. Sei que não sou a pessoa que está atrás do vidro, mas realmente a pessoa que está em frente ao vidro. Esta palavra “imagem” é um indicador muito forte do facto de que Cristo, o Filho, não é Deus. Porque a imagem não pode ser o original, que neste caso é Deus Pai. A primeira frase, “*ele [o Filho] é a imagem do Deus invisível*” recorda-nos as palavras do próprio Jesus de que “*Quem me vê a mim vê o Pai*” (*João 14:9*). Jesus é o rosto e a voz de Deus, por assim dizer (*1 Coríntios 4:6*). Como *Kuschel* refere corretamente, “a expressão ‘imagem’ não se refere à ‘essência de uma coisa’, mas à ‘função reveladora de Cristo’... Falar de ‘imagem’ é uma afirmação sobre revelação”. [122]

Como imagem de Deus, Cristo revela-nos o Pai. Mas o que é exatamente revelado? *Kuschel* é aqui bastante claro. À luz da ressurreição escatológica do Filho, Deus e a sua imagem, Cristo, devem ser pensados como pertencentes inseparavelmente. De aqui em diante:

... agora (após a mudança escatológica) já não se pode falar de Deus sem ter de falar de Jesus Cristo e *vice-versa*. Quem fala de Cristo fala ao mesmo tempo do próprio Deus. Em relação à criação, isto significa que não se pode conhecer verdadeiramente a nova criação como obra do Criador, a não ser em Cristo. Portanto, há dois lados: Deus dá-se a conhecer à imagem de Cristo, e a criação não pode ser conhecida como obra deste criador sem Cristo. [123]

Cristo, o primogénito de toda a criação

A frase seguinte – o Filho é “*o primogénito de toda a criação*” – tem sido objeto de aceso debate nos meios teológicos. Se “primeiro” na palavra “primogénito” significa apenas precedência no tempo, e se “criação” significa a criação original de *Génesis 1*, então o argumento a favor da preexistência pessoal de Cristo é forte. Cristo deve ter abandonado uma existência celestial anterior e ter-se tornado um ser humano. Mas será que a frase “*primogénito de toda a criação*” se enquadra neste conceito? Esta interpretação, como veremos agora, não se ajusta ao contexto quando novamente mantemos em mente o pano de fundo do AT.

A palavra “primogénito” chega ao NT com uma rica herança hebraica. Os hebreus tinham o costume de conferir privilégios especiais de primogenitura aos filhos mais velhos. O filho mais velho de um pai receberia a “parte dobrada” da herança familiar. A conhecida história de Jacob a enganar o seu pai Isaac para que lhe conferisse – em vez do primogénito Esaú – bênçãos familiares é típica desta cultura (*Génesis 27:32*).

Mas há outro significado na palavra “primogénito”. A palavra grega para “primeiro” pode significar primeiro no tempo ou primeiro no estatuto, independentemente da posição de nascimento. O “primogénito” pode designar aquele a quem é concedida a honra de chefe, ou seja, primeiro lugar. Este uso também pode ser encontrado na Bíblia Hebraica, quando Jacob convoca os seus filhos para lhes legar as suas bênçãos patriarcais, designa Rúben como “*meu primogénito... o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder*” (*Génesis 49:3*). Embora Rúben seja o primogénito no tempo, a ideia saliente é o seu estatuto superior e dignidade. Este é claramente o significado de *Jeremias 31:9*, onde Deus chama a Efraim o seu “primogénito”, embora o irmão de Efraim, Manassés, fosse o mais velho dos dois. Ou quando Deus chama a Israel o seu filho primogénito em *Êxodo 4:22* e ordena ao Faraó: “*Deixa ir o meu filho, para que me sirva*” (*versículo 23*), o conceito tem a ver com a precedência em importância de Israel sobre o Egito em relação à autoridade de Deus. Os planos estavam preocupados. O exemplo clássico desta ideia de preeminência de posição encontra-se no *Salmo Messiânico 89*, onde Deus, em palavras entusiásticas, fala do prometido futuro rei davídico, o Senhor Messias:

“Ele me chamará, dizendo: Tu és meu pai, meu Deus, e a rocha da minha salvação. Também o farei meu primogénito mais elevado do que os reis da terra. A minha benignidade lhe conservarei eu para sempre, e a minha aliança lhe será firme, E conservarei para sempre a sua semente, e o seu trono como os dias do céu” (*Salmos 89:26-29*).

Num espírito de profecia, Deus anuncia que a posição superior deste rei é uma questão de nomeação, não da hora do seu nascimento. Além disso, Deus faz do seu Rei designado “*o mais elevado [em estatuto e posição] do que os reis da terra*”. Portanto, quando o apóstolo aplica o termo “primogénito” ao Filho de Deus em *Colossenses 1*, está a usar uma descrição messiânica bem conhecida do AT. De facto, a expressão é repetida alguns versículos depois, onde Paulo escreve: “*E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogénito dentre os mortos*” (*versículo 18*). Vale a pena destacar aqui a qualificação diferenciada. Enquanto no versículo 15 o Filho é o “*primogénito de toda a criação*”, aqui o Filho é o “*primogénito dos mortos*”. Se tivermos em conta o estilo literário hebraico de paralelismo, onde a mesma ideia é repetida, mas de forma ligeiramente modificada, é bastante razoável sugerir que os qualificativos “de toda a criação” e “dos mortos” significam a mesma coisa.

A ideia, então, é claramente que Jesus, o Filho de Deus, é o primeiro Homem da nova criação de Deus, porque é o primeiro homem que ressuscitou para a imortalidade. A ressurreição de Cristo é o início da ressurreição escatológica. A Sua ressurreição é a promessa e a garantia de que a nova ordem de realidade de Deus começou. A Igreja é essa nova comunidade em perspectiva. Isto confirma que o tema em discussão não é a criação dos céus e da terra no Génesis, mas sim a criação da Igreja, o corpo de crentes que constitui a nova humanidade de Deus, o Novo Homem (espécie). É por isso que “ele é o princípio” (“*arche*” que tem uma ambivalência e pode significar governante ou chefe, ou origem ou começo, *versículo 18*). De qualquer modo, Jesus, como o primeiro ressuscitado dos mortos, é a origem da nova criação de Deus e, como consequência desta

prioridade na ressurreição, é também o mais elevado na categoria “*para que em tudo tenha a preeminência*” (versículo 18). No entanto, quer consideremos que o termo “primogênito” significa primeiro em relação ao tempo ou primeiro em relação à classificação, é pelo menos claro que “tomado em seu sentido natural, a expressão primogênito exclui a noção de um ser criado e eterno. Nascer exige um começo”. [124] Para verificar as nossas descobertas até agora, devemos olhar para a segunda parte desta frase de que o Filho é “o primogênito de **toda a criação**”.

Cristo Cabeça da Nova Criação

As diversas traduções populares em inglês discordam quanto a saber se o Filho é “o primogênito *sobre toda a criação*” (como na NVI e na ARC), portanto o primeiro da categoria, ou se é “o primogênito *de toda a criação*”. (refletindo uma tradução literal do caso genitivo, como na KJV, RV e NASB), significando primeiro no tempo, o que se referiria a Cristo ser o primeiro ser criado da criação.

Obviamente que precisamos de um contexto mais amplo para determinar qual a nuance que melhor se adapta. É claro que Paulo continua a sua linha de pensamento no versículo seguinte, quando utiliza a conjunção “para”: “*Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades – tudo foi criado por ele e para ele*” (versículo 16).

Jesus nunca tomou crédito pela criação original dos céus e da terra no Gênesis. Ele não tinha dúvidas de que o universo era obra de Deus. – Mateus 19:4; Marcos 13:19). Observe aqui em Colossenses 1 que “todas as coisas” criadas não são “os céus e a terra” de acordo com Gênesis 1:1, mas sim “todas as coisas que estão nos céus e [acima] na terra”. Estas coisas são definidas como “tronos ou domínios ou governantes ou autoridades”. Evidentemente, Jesus recebeu autoridade para reestruturar os arranjos dos anjos, além de ser o agente para a criação do corpo de Cristo na terra, a Igreja. Este é o pensamento, como veremos em breve em Hebreus 1, onde os anjos são instruídos a adorar o Filho. É também o pensamento que Pedro menciona em 1 Pedro 3:21, 22 onde, depois de “a ressurreição de Jesus Cristo, que está à direita de Deus, tendo subido ao céu, depois de ter sido submetido a anjos, autoridades e poderes, ele”, o que está em disputa é a nova ordem messiânica que Deus trouxe através de Cristo Filho. Pouco antes de Sua ascensão ao céu pela poderosa mão direita do Pai, Jesus declarou que “todo o poder no céu e na terra me foi dado” (Mateus 28:18). Sua ressurreição deu a Jesus um novo status, “Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro” (Efésios 1:21).

Tudo isto para reiterar que este hino de louvor se refere à nova ordem de coisas que existe agora desde a ressurreição do Filho. Uma mudança escatológica dos tempos começou com a exaltação de Cristo à direita do Pai. Deus “E sujeitou todas as coisas a seus pés [do Cristo ressuscitado]” (Efésios 1:22). Paulo repete este pensamento no capítulo seguinte de Colossenses: “E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade” (Colossenses 2:10). Nas palavras que vimos em Filipenses 2, Deus recompensou a morte obediente de Jesus na cruz, exaltando-o altamente e concedendo-lhe “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra” (Filipenses 2:8-10).

É muito significativo que no *versículo 18* Jesus alcance uma posição suprema, ou seja, uma posição que ainda não possuía. Logo, não pode ter pré-existido como Deus. Se o fizesse, o seu estatuto final seria mais uma descida de divisão do que a promoção descrita por Paul.

A frase “primogênito de toda a criação” deve “ser entendida em termos de uma escatologia completa... Porque Deus agiu desta forma no final em Cristo, ele já foi capaz de criar toda a criação nele, através dele e para ele”. [125] *Kuschel* é bastante claro ao dizer que “primogênito de toda a criação” é uma declaração sobre a posição de Cristo antes (sobre) toda a criação. [126] Cristo é o chefe de uma nova dinastia, de um novo Reino.

Estas atribuições de autoridade suprema a Cristo, sob Deus, sugere que quando Cristo veio sentar-se à direita de Deus, ele – por sua vez – estabeleceu, ou criou, um novo sistema de governo entre os seres angélicos, bem como preparou um lugar de honra e serviço dentro da casa de seu Pai para todo o seu povo fiel, tanto nesta era como na vindoura (*João 14:2, 3*). Tudo isto faz parte da “nova criação”. É esta nova criação que entendo ser o tema de *Colossenses 1:15-17*. Se esta visão estiver correta, a preexistência pessoal de Cristo não é de forma alguma o tema do nosso texto, contrariamente à interpretação popular. [127]

Vale a pena destacar neste ponto um importante ponto de (má) tradução que levou ao equívoco de que Jesus criou os céus e a terra em *Gênesis 1*. A versão King James diz no *versículo 16* que “*por ele foram criadas todas as coisas*”. Não foi isso que Paulo escreveu. A tradução correta é a que demos acima, ou seja, “nele [em si] *todas as coisas foram criadas*”. A diferença de intenções é enorme. A antiga versão do KJV nos faria acreditar que Cristo foi o agente da criação dos céus e da terra no Gênesis, que Ele foi o instrumento da criação, que Ele estava pessoalmente presente antes do mundo começar. Estudiosos gregos de renome, como *J.H. Moulton* em “*Grammar of New Testament Greek*” (Gramática do Grego do Novo Testamento), diz que *Colossenses 1:16* deve ser traduzido “*por causa dele [de Jesus]*”. [128] *The Expositor’s Greek Commentary* (O Comentário Grego do Expositor) diz sobre este versículo: “*em auto*: Isto não significa ‘por ele’”. [129] Pela sabedoria, que mais tarde “se tornou” Cristo Jesus, todas as coisas foram criadas. Isto é simplesmente dizer que Jesus é a razão da criação. O final do *versículo 16* diz novamente a mesma coisa: “*todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele*”, isto é, visando-o. Cristo, o Filho de Deus, agora exaltado, é o agente ou mediador da nova criação que Deus está a criar.

É por isso que “*ele existe antes de todas as coisas, e nele todas as coisas subsistem*” (*versículo 17*). Mas o que significa aqui “antes”: “*Ele é antes de todas as coisas*”? A palavra grega “*pro*” pode significar antes no sentido de lugar, significando “à frente de”, ou pode significar antes no sentido de tempo, significando “antes”, ou pode significar antes no sentido de “acima de tudo”. mais importante de tudo. A tradução da NASB tem aqui uma nota marginal que nos encorajaria a acreditar que se alude à pré-existência de Cristo; sua margem diz: “Ou existiu antes” de todas as coisas. Mas será que isso está correto? Esta mesma frase “antes de todas as coisas” (grego, *pro panton*) aparece noutros lugares, como em *1 Pedro 4:8*, onde Pedro escreve: “*Acima de tudo [pro panton], tende fervoroso amor uns pelos outros.*” Aqui “acima de todas as coisas” não tem a ver com o tempo ou o lugar, mas com a forma como o amor cristão é preeminente sobre todas as outras virtudes. Portanto, antes de decidirmos qual o significado que melhor se ajusta a “antes” aqui em *Colossenses 1:17*, devemos observar o presente do verbo “é”. Isto não deve ser apressado. Não diz que Cristo “existia antes de todas as coisas”! A preexistência pessoal não é aqui discutida. Isto é confirmado no versículo seguinte: “*E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência*” (*versículo 18*).

O tema é a preeminência da posição na nova criação. Cristo está antes de todas as coisas no sentido definido de ter o primeiro lugar em tudo. Para que o leitor não perca o ponto principal, Paulo enfatiza duplamente esta nova posição de poder sobre todos, acrescentando o pronome pessoal ao verbo: “para que ele próprio venha a ter o primeiro lugar em tudo”.

Adoro a história do AT de como José foi levado após anos de sofrimento e humilhação e exaltado pelo Faraó ao primeiro lugar no Egito. A história sugere um belo tipo/paralelo com Cristo a ser exaltado pelo seu Deus e Pai para ser a Sua mão direita no Seu Reino. O Faraó anuncia a José:

“Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo, somente no trono eu serei maior que tu. Disse mais Faraó a José: Vês aqui te tenho posto sobre toda a terra do Egito. E tirou Faraó o anel da sua mão, e o pôs na mão de José, e o fez vestir de roupas de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço. E o fez subir no segundo carro que tinha, e clamavam diante dele: Ajoelhai. Assim o pôs sobre toda a terra do Egito. E disse Faraó a José: Eu sou Faraó; porém sem ti ninguém levantará a sua mão ou o seu pé em toda a terra do Egito”. (Gênesis 41:40-44).

Que bela imagem do tipo de destaque e lugar de honra a que Deus exaltou o Senhor Jesus! Esta não foi uma posição que Cristo teve de ser sempre Deus desde a eternidade. Jesus é “o primogênito de entre os mortos; para que ele próprio tenha o primeiro lugar em tudo.” A sua autoridade é conferida, que lhe é dada pelo Pai, como atestam as Escrituras em toda a parte. “Cristo só obteve a condição de ‘preeminente em todas as coisas’ como consequência da sua ressurreição... Ao falar do primado de Cristo em relação a ‘todas as coisas’ devemos pensar antes de mais no Cristo ressuscitado e exaltado. [não um Cristo que existia anteriormente antes da criação no tempo]”. **[130]**

Como Senhor supremo da nova ordem de criação de Deus, como o “chefe” dos mortos, chegará o dia em que a sua voz despertará os mortos e chamará todos os fiéis de Deus para entrarem na vida da Nova Era que se aproxima. Só no trono Deus, seu Pai, é maior que o Filho. Não admira que o autor possa dizer “*Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse*” (*Colossenses 1:19*). Não há limite para a medida da obra do Espírito de Deus e do plano que é executado através dele. O amor e a sabedoria de Deus estão tão completamente identificados com Jesus, e particularmente na cruz pela qual Deus reconciliou todas as coisas consigo mesmo (versículo 20), que em Cristo vemos realmente o mesmo poder, sabedoria e amor pelos quais Deus criou e pelo qual Ele sustenta o mundo. Cristo representa o que Deus é. Ele “incorpora, sem dúvida, o amor de Deus reflete tão claramente quanto possível o caráter do Deus único”. **[131]** Exaltado à direita do próprio trono de Deus, Cristo exerce agora as funções práticas da Divindade. Como diz *Dunn*, este hino aos Colossenses diz-nos que “Cristo revela agora o caráter do poder por detrás do mundo... Cristo define o que é a sabedoria, o poder criador de Deus – ele é a expressão mais completa e clara da sabedoria de Deus. Quase que poderia dizer que é o arquétipo”. **[132]** E talvez ainda mais claro:

Mais uma vez verificamos que aquilo que à primeira vista parece ser uma declaração direta da atividade pré-existente de Cristo na criação, se transforma, após uma análise mais detalhada, numa declaração um pouco mais profunda – não de Cristo como tal presente com Deus no início, nem de Cristo como identificado. com uma hipóstase pré-existente ou ser divino (Sabedoria) próximo de Deus, *mas de Cristo como*

corporizando e expressando (e definindo) aquele poder de Deus que é a manifestação de Deus na e para a sua criação. [133]

Em conclusão, o hino aos Colossenses não faz uma declaração sobre o ato da criação no *passado*, mas sim sobre a criação, tal como os crentes devem vê-la *agora* à luz do novo estatuto de Cristo como Senhor ressuscitado. “O hino não pretende fazer uma declaração sobre a pré-existência ou vida terrena do Filho, mas antes uma declaração sobre o significado do Filho para a comunidade no presente”. [134]

Hebreus Capítulo Primeiro

Outra passagem do NT é facilmente apelada para demonstrar que Jesus Cristo é Deus Todo-Poderoso. É *Hebreus 1*. Neste capítulo, isoladas do seu contexto, frases individuais parecem justificar esta interpretação trinitária. Estas frases são: “*por quem fez também o mundo*” (versículo 2); “*E todos os anjos de Deus o adorem*” (versículo 6); “*Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos*” (versículo 8); “*E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás... Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão*” (versículos 10-12). Lidos isoladamente – fora do contexto – estes versículos parecem dizer que Jesus é (Jeová) Deus. Esta interpretação justifica-se? Muitos expositores pensam que não. *Kuschel* insiste que não precisamos de “interpretar a cristologia de Hebreus em termos tão extremamente ontológicos (à luz de Niceia!)”. [135] (Ontologia é o estudo da metafísica que trata da natureza do ser.) *Kuschel* comenta que “a maioria dos exegetas” não assume agora “um mito de Cristo helenístico-sincretista extremamente desenvolvido como pano de fundo de Hebreus, nem os dilemas impostos ao texto. *Acredita-se que o material da tradição judaica helenística é suficiente para explicar a cristologia de Hebreus.* [136] Por outras palavras, somos advertidos para não reler no texto o que nos foi ensinado pelas tradições posteriores.

Embora o debate se tenha centrado em quem é o verdadeiro autor de Hebreus, notamos que toda a sua habilidade literária e argumento teológico se devem ao mundo das ideias do AT. A razão pela qual o livro de Hebreus foi escrito foi para encorajar os crentes que sofriam uma perseguição feroz a permanecerem leais a Cristo. Estes crentes eram judeus convertidos a Cristo e deviam ser encorajados a ver a superioridade de Cristo sobre o antigo sistema de coisas judaico. Cristo é superior aos anjos (que mediam a antiga aliança); É superior a Abraão, Moisés e Josué. Cristo é superior ao sacerdócio levítico e aos rituais e sacrifícios do templo. Esta superioridade reside no facto de Jesus ser o Filho de Deus ressuscitado, e não em ser Deus Todo-Poderoso. Se Jesus é o Todo-Poderoso em forma humana, então o autor poderia ter poupado muita tinta e papiro. Tudo o que precisei de fazer foi escrever que Jesus é superior a todos porque é Deus. Fim da discussão. Mas os primeiros versículos de Hebreus não permitem tal interpretação. Dizem:

“HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas” (Hebreus 1:1-3).

Dunn acredita que *Hebreus 1:1-3* é paralelo a *Colossenses 1:15-17*, que, como acabamos de ver, foi escrito tendo em mente a escatologia, e não a “*protologia*” (“Para os cristãos, a *protologia*”

refere-se ao propósito fundamental de Deus para a humanidade. Este argumento justifica-se porque se afirma explicitamente que o fim dos tempos já chegou; São “estes últimos dias” que estão em vista. Mais uma vez estamos a assistir à mudança escatológica dos tempos com o aparecimento de Cristo. Sob a antiga aliança, Deus falou em várias porções e de várias maneiras aos pais nos profetas. Em vez disso, fala agora através de um Filho. Uma das formas como Deus falou naqueles dias foi também através da mediação de anjos (ver *Hebreus 2:2*). Isto significa, entre outras coisas, que a mensagem de Deus a Israel não foi através de um Filho pré-existente que era um anjo, como acreditam as Testemunhas de Jeová (ensinam que Jesus era o Arcanjo Miguel). Nem pode significar – como pensam muitos trinitarianos – que Jesus era o “anjo do Senhor” que apareceu em numerosas ocasiões no AT. Na verdade, também não pode significar, de acordo com a “ortodoxia” nicena posterior, que Deus falou aos pais nos dias do AT através de um Filho pré-existente. Porque os primeiros versículos de Hebreus testemunham que antes do nascimento de Jesus não havia Filho de Deus como mensageiro de Deus aos homens. É axiomático que no AT Deus não falou através do Filho. Assim, sem rodeios: “O que emerge dos dois primeiros versículos do livro dos Hebreus é que Jesus não era o agente de Deus para Israel nos tempos do AT”. [137]

O Filho – através de quem Deus falou nestes tempos finais – foi feito “*herdeiro de tudo*” (*versículo 2*). Esta linguagem de delegar toda a autoridade em Jesus como Filho recorda-nos as muitas vezes em que Jesus disse que a sua autoridade Lhe tinha sido dada (*João 5:22, 26, 27*). E quando Lhe foi dada essa autoridade, essa nomeação? Foi-Lhe dado após a sua ressurreição como recompensa pela sua obediência (ver *Atos 2:36; Filipenses 2:9-11; Romanos 1:4; Atos 17:31*).

A seguir vem a afirmação de que através deste herdeiro designado de todas as coisas Deus “*por quem fez também o mundo*” (*versículo 2*). A antiga tradução da KJV diz “*por aquele que fez o mundo*”. Mais uma vez, a forma como isto é traduzido predispõe as nossas mentes ligadas à tradição a seguir uma rotina gasta. Tendemos a pensar imediatamente na criação do Génesis no início do universo. Mas a palavra aqui usada para “mundos” é a palavra para “eras” (é a palavra de onde obtemos a nossa palavra inglesa *eon/s*). O escritor não está a falar sobre a criação dos céus e da terra no Génesis. Ele está a falar de períodos de tempo, épocas. No pensamento judaico, existiram classicamente duas grandes épocas. O primeiro é o século presente e maligno. A seguir será a era messiânica que se avizinha. E *Hebreus 1:2* fala do mundo – ou mais precisamente – da era messiânica vindoura. Prossegue dizendo-nos que através da morte sacrificial de Jesus na cruz, foi aberto um novo caminho para entrarmos na nova terra e nos novos céus do futuro Reino Messiânico, quando ele nascer.

Este “herdeiro designado de todas as coisas” é o agente, o mediador através de (*dia*), através de quem Deus – em perspectiva – trouxe a nova era messiânica. O Filho Escatológico “*O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa*” (*versículo 3*).

O contexto escatológico e os participios presentes utilizados nestas declarações (literalmente: ele, sendo reflexo e selo) deixam claro que esta não pode ser uma declaração protológica sobre a preexistência ou uma declaração sobre a vida terrena do Filho, mas antes uma declaração sobre a significado do Filho para a comunidade no presente. [138]

A cristologia do contexto imediato... [indica] que *o autor está a pensar principalmente no Cristo exaltado*: Cristo é o Filho que é o clímax escatológico (“nestes últimos dias”) de toda a revelação anterior e mais fragmentária de Deus (*versículos 1-2a*); esta revelação culminante centra-se no seu sacrifício pelos pecados e na exaltação à direita de Deus (*versículo 3d-e*).

[139]

Por outras palavras, não há aqui qualquer indicação, neste contexto do tempo do fim, de que Cristo seja visto como o Deus pré-existente, o Filho, segundo membro da Trindade. É certo que este Filho agora “*e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder*” (versículo 3b). Mas é a nova criação – a era messiânica – que é mantida unida pelo seu poder (autorizado e delegado). No Reino Messiânico tudo se baseará na palavra e no ensino de Cristo (note-se que quem nesta presente geração adúltera tiver “*se envergonhar de mim e das minhas palavras*” não partilhará a glória quando Jesus vier de acordo com *Marcos 8:38*). Sem Cristo e a sua palavra do Reino não há Era Messiânica para sustentar.

E nesta nova era até os anjos adorarão o Filho, porque ele “*Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles*” (versículo 4). Era isto que o Pai tinha decretado há muito tempo através dos profetas (versículo 5). Se houver alguma dúvida de que Cristo, o Filho, será adorado naquela gloriosa nova era, o autor dissipa tal questão prometendo que quando “*E outra vez [Deus], quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem*”. (versículo 6). Na Segunda Vinda o decreto do Pai tornar-se-á história. Todo o joelho, seja no céu ou na terra, prestará homenagem ao Filho (ver *Salmos 2:12*). Então Jesus “*então se assentará no trono da sua glória*” (*Mateus 25:31*). Esta adoração de Jesus, o Filho, não faz dele Deus Todo-Poderoso: Mais tarde, em *Hebreus 2*, Jesus é visto a liderar os seus “irmãos” – a igreja redimida – na (última) adoração a Deus, o Pai (*Hebreus 2: 12, 13*). Este ato de adoração (relativa) de Jesus pelos anjos honrará o Pai, pois é Sua vontade que o façam (*Filipenses 2:9-11*). Então, o ato final da adoração de Jesus a Deus Pai será “*Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força*” (*1 Coríntios 15:24*). Quando todas as coisas estiverem sujeitas a Cristo, incluindo as hostes angélicas, “*então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram, para que Deus seja tudo em todos*” (*1 Coríntios 15:28*). “Como representação da majestade divina do Pai, o título messiânico de ‘deus’ será aplicado a Jesus, como o foi outrora aos juizes de Israel que prefiguraram o Juiz supremo de Israel, o Messias” (*Salmo 82:6*). [140]

A designação de Jeová do seu Filho como “Deus” na citação do *Salmo 45*, “*O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo*” (versículo 6) “não é especulação sobre a natureza divina proveniente da teologia da pré-existência, mas uma interpretação das declarações que se relacionam com o Cristo exaltado (‘reflexo’ e ‘selo’).” [141] Por outras palavras, a cristologia de *Hebreus* não é realmente uma cristologia de preexistência, mas principalmente uma cristologia de exaltação. O autor não se preocupa com o tempo primordial, mas com o estatuto de Cristo como regente no presente que garante a nossa salvação. O fundamento da nova era messiânica – os novos céus e a nova terra – serão firmemente colocados no trono do Messias:

“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão, e como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão” (Hebreus 1:10-12).

Argumentou-se que, uma vez que estas palavras citadas do *Salmo 102*, onde a sua referência original é a Jeová, se aplicam agora ao Filho ressuscitado, então Jesus deve ser Jeová. Se não tivermos o cuidado de seguir a intenção original do escritor, seria fácil perceber como estes versículos podem ser mal interpretados, significando que o Senhor Messias é aquele que originalmente criou o universo. Mas se voltarmos ao *Salmo 102*, ponto de referência do autor, rapidamente compreenderemos que o salmista fala também da vindoura era messiânica do Reino que terá como centro Jerusalém. Esta é uma profecia que “*Isto se escreverá para a geração futura; e o povo que se criar louvará ao SENHOR*” (*Salmo 102:18*).

O salmista antecipa o dia em que Jerusalém será restaurada sob o Messias. Será um tempo em que “*Então os gentios temerão o nome do SENHOR, e todos os reis da terra a tua glória*” (Salmo 102:15). Será um dia “*Quando os povos se ajuntarem, e os reinos, para servirem ao SENHOR*” (Salmo 102:22). Esse agente messiânico através do qual Deus falará será aquele que “*E ponho [literalmente, ‘plantará’] as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a sombra da minha mão; para plantar os céus, e para fundar a terra, e para dizer a Sião: Tu és o meu povo*” (Isaías 51:16). O “*Word Bible Commentary*” (Comentário Bíblico de Word) diz o seguinte sobre esses versículos:

Isto não faz sentido se se refere à criação original (Gênesis) ... Noutros casos, Deus age sozinho sem usar qualquer agente (Isaías 44:24). Aqui, o que está escondido na sua mão é o seu agente. Aqui, céu e terra referem-se metaforicamente à totalidade da ordem na Palestina. O céu significa a estrutura global mais alargada do império, enquanto a “terra” é a ordem política na própria Palestina. [142]

Tudo isto para voltar a enfatizar que a série de verdades mencionadas nestes versículos em Hebreus 1 se referem ao momento em que Deus reintroduz o Seu Filho agora glorificado, o Seu “*introduz no mundo o primogênito*” (Hebreus 1:6). Se ainda houver alguma dúvida de que esta é a interpretação correta, o escritor afirma em Hebreus 2:5 “*Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos*”.

Todos os anúncios proféticos em Hebreus 1 referem-se à era messiânica vindoura! A sua preocupação não é a criação do antigo Gênesis, mas o novo mundo em mente. Hebreus 1 fala sobre o Filho ser o rei de Israel e menciona um trono, um cetro e um Reino sem fim. Ele está a falar de “*dos bens futuros... isto é, não desta criação*” (Hebreus 9:11)! Nessa era messiânica, quando o Filho está sentado no seu trono, tem ainda Alguém acima de si, a quem chama o seu “Deus”: “*por isso Deus, o teu Deus, te ungiu Com óleo de alegria mais do que a teus companheiros*” (Hebreus 1:9).

Dito de outra forma, fazer com que Hebreus 1:8-10 signifique que Jesus é Jeová Deus só porque é chamado Deus é criar enormes problemas aos trinitarianos. A razão é que afirma especificamente que o Filho tem um Deus que o ungiu. Se Jesus é Deus (Todo Poderoso) e tem um Deus acima dele, então existem dois Deuses! Isto é uma impossibilidade absoluta para os escritores das Escrituras.

Mais uma vez, notamos que a escatologia é o grande fator para a compreensão adequada das verdades expostas em Hebreus 1. O escritor de Hebreus, e na verdade todos os escritores do NT, entendem que, por causa da sua exaltação, Jesus está agora tão próximo de Deus. Além disso, o escritor de Hebreus é capaz de manter unidas tanto a era presente como a era futura numa tensão presente não resolvida. Embora não vejamos agora todas as coisas sujeitas ao Novo Homem, vemos pela Fé Jesus como o Senhor daquele novo dia (Hebreus 2:8, 9). Somos exortados a manter esta confissão firmemente até ao fim (Hebreus 4:14). Um dia, nesse Dia, entraremos na sua herança como co-governantes com Ele. No entanto, a tensão entre a iminência e a demora na espera do fim é característica de toda a escatologia bíblica. Este pode não ser o padrão de pensamento da mente moderna cientificamente treinada. Mas, a menos que tentemos pensar com a mente hebraica do século I por detrás deste livro, fá-lo-emos de forma violenta, impondo-lhe categorias analíticas modernas que perdem completamente o foco. Enquanto Anthony Buzzard nos desafia com estas palavras:

O escritor deve ter permissão para fornecer os seus próprios comentários. A sua preocupação é o Reino Messiânico, não a criação no Gênesis. Porque não partilhemos a visão messiânica

do NT como deveríamos, a nossa tendência é olhar para trás em vez de olhar para a frente. Devemos entrar em sintonia com a perspectiva completamente messiânica de toda a Bíblia.

[143]

Deus Poderoso, Pai Eterno

A evidência considerada até agora – particularmente de *João 1*, *Filipenses 2*, *Colossenses 1* e *Hebreus 1* – leva-nos a afirmar com confiança que o testemunho unido do NT não justifica a crença tradicional de que Jesus, o Messias, existiu conscientemente no céu como Deus, o Filho antes do seu nascimento no tempo na terra. O que mostram é que o Messias prometido no AT seria um ser humano tão ungido pelo Espírito de Deus que através dele Deus inauguraria uma nova era de redenção e glória. Esta salvação é tão radical que é pensada em termos de uma nova criação que afeta toda a esfera da existência na terra e, na verdade, no céu. A vinda do Messias seria o fulcro da história, tão crucial que poderia ser considerada uma mudança de época. Este vindouro combinaria na sua pessoa os ofícios de profeta, sacerdote e rei. Representaria o Deus único perfeita e plenamente. A plenitude da sabedoria e do poder de Deus habitaria nele corporalmente. Ter visto isto seria ter visto Deus cujo Espírito possuía em plena medida. Isto, é claro, não é mais do que aquilo que os profetas tinham predito muito antes.

Deste ponto de vista, devemos agora examinar duas grandes predições do AT em *Isaías 9* e *Miqueias 5* ao terminarmos este capítulo. Tornar-se-á evidente que estes textos têm sido tradicionalmente mal utilizados quando usados para ensinar a plena Divindade de Cristo. Para lhes fazer justiça, devemos descobrir o sentido pretendido pelos autores originais.

A primeira diz assim: “*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz*” (*Isaías 9:6*).

Escrita entre 750 e 800 anos antes do nascimento de Jesus, esta profecia fala de uma criança que vai nascer e de um filho que vai ser dado. A teologia cristã tradicional quer que acreditemos que ele é o segundo membro da Divindade porque é chamado “Deus Poderoso, Pai Eterno”. Várias dificuldades se colocam na manutenção desta interpretação tradicional. Em primeiro lugar, a denominação “Deus Poderoso” (hebraico, *el gibbor*) é definida pelo principal léxico hebraico como “herói divino, refletindo a majestade divina”. [144] Refere-se aos “homens de poder e posição, bem como aos anjos”. É instrutivo notar que os tradutores judeus da Septuaginta (LXX) descreveram o Messias simplesmente como o “mensageiro de conselhos poderosos”. Outra autoridade hebraica reconhecida define “*gibbor*” como guerreiro, tirano, campeão, gigante, homem valente, homem poderoso. [145] Estas autoridades dizem-nos que “*gibbor*”, quando usado em associação com Deus, significa um guerreiro real com os atributos de Deus. Em *Ezequiel 31:11*, onde a NASB traduz a palavra como “um déspota”, a margem diz “*ou um poderoso*”. Em *Ezequiel 32* a frase volta a aparecer, mas os tradutores das nossas Bíblias em espanhol traduzem-na sabiamente por “*os poderosos*” porque se refere aos homens (*versículo 21*). Novamente em *Ezequiel 17* Deus diz que retirou “*os poderosos da terra*” (*versículo 13*).

O termo “Deus Poderoso” é um título real. O seguinte versículo de *Isaías 9* concorda com esta definição. O Messias reinará no trono de David. Ele governará com justiça e retidão para sempre por causa do zelo do Senhor dos Exércitos. Isaías distingue cuidadosamente entre este Messias e o seu Deus, não apenas nestes versículos, mas no resto do seu livro (por exemplo, *Isaías 49:5*,

onde o Messias chama ao Senhor “meu Deus”). De qualquer modo, Isaías não escreveu – como muitos citam erradamente – que a criança que nasceria, o filho que seria dado, seria chamado Deus Todo-Poderoso. Terá sido uma palavra hebraica completamente diferente – *el shaddai* – usada exclusivamente para se referir a Jeová.

A próxima descrição de Isaías do Filho vindouro é “Pai Eterno”. Se os trinitarianos quiserem ser consistentes ao dizer que o termo “Deus Poderoso” prova que Jesus é Deus, então esta designação “Pai Eterno” prova que Jesus é Deus Pai, um argumento que prova demais! (Alguns até dizem isso. São chamados de modalistas. Isto simplesmente não pode ser porque significaria que Jesus é o pai de si mesmo!) Mas, novamente, este tipo de literalismo prova demais e não está de acordo com a mente ou o pensamento do autor judeu. Eis uma expressão comum no pensamento hebraico, como demonstrará uma pequena reflexão. Os reis eram chamados os pais da sua nação. Alguns capítulos mais tarde, em Isaías, Deus chama ao seu servo Eliacim “*pai para os moradores de Jerusalém, e para a casa de Judá*” (Isaías 22:21). Deus promete investir o rei Eliacim com um manto real e confiar-lhe a autoridade real (Isaías 22:21). Abraão é chamado “*nosso pai Abraão*” (Romanos 4:1, 12, 16) porque é o progenitor da raça hebraica.

A palavra “eterno” aqui também não significa necessariamente o que significa para nós, modernos. “Eterno” aos nossos ouvidos significa a eternidade passada, presente e futura, para todo o sempre. Mas para as mentes hebraicas pode carregar a ideia de estar relacionado com a era (futura). De acordo com o uso hebraico, a promessa de Isaías é que o futuro Filho será o progenitor da era vindoura do Reino de Deus. De acordo com o Léxico Hebraico, a palavra “eterno” em Isaías 9:6 significa “para sempre (tempo futuro)”. [146] De acordo com o *Dicionário de Strong*, a palavra é definida como “duração, no sentido de avanço ou perpetuidade”, e a *Concordância de Strong* dá a definição primária como “perpetuidade, para sempre, futuro contínuo”. [147] Em harmonia com estes significados, a Septuaginta (na versão Alexandrina) dá o título do Messias como “*pai da era vindoura*”. [148] A versão católica *Douay-Rheims* da Bíblia aqui chama curiosamente o Messias de “*o pai do mundo vindouro*”. [149] A mesma palavra é utilizada no *Salmo 37*: “*Os justos herdarão a terra e habitarão nela para sempre*” (versículo 29). Isto não pode significar que os justos existiram desde a eternidade e nunca tiveram um princípio. A intenção clara é que os justos nunca tenham fim. Claramente, o Messias prometido é o “pai eterno” do mundo vindouro, uma vez que tanto ele como os justos (filhos) viverão para sempre.

Um governante da Eternidade

A segunda profecia bem conhecida do AT, tradicionalmente usada para indicar que Jesus é o Deus eterno, diz: “*E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade*” (Miqueias 5:2).

Muitos trinitarianos afirmam que esta é uma prova clara de que Jesus é o Deus eterno. Na verdade, esta é uma profecia notável do próximo nascimento do Messias. Mas ensina ela que um Jesus pessoalmente pré-existente é o próprio Deus, porque diz que “as suas saídas são de há muito tempo, desde os dias da eternidade”? Alguém que sai dos “dias da eternidade” para a história deve ser certamente membro da Trindade? A frase “dias de eternidade” (hebraico, *y'may olam*) aparece apenas alguns capítulos depois, em *Miqueias 7*. Aqui é prometido ao povo de Deus que “*o rebanho da tua herança, que habita a sós, no bosque, no meio do Carmelo; apascentem-se em Basã e*

Gileade, como nos dias do passado”. (Versículo 14). Ninguém compreenderia que a mesma frase significa que o povo de Deus costumava ser bem alimentado na eternidade. A mesma expressão encontra-se em *Deuteronómio 32*:

“*Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos de muitas gerações: pergunta a teu pai, e ele te informará; aos teus anciãos, e eles te dirão*” (*Deuteronómio 32:7*).

A frase “*Lembra-te dos dias antigos*” (*y'may olam*) não pode significar recordar desde a eternidade, porque instrui os israelitas a recordarem os dias que os seus pais e líderes conheciam. Este mesmo significado encontra-se em *Isaiás 45:21; 63:9, 11; Amós 9:11*, etc. Em nenhum destes casos pode significar “eternidade”. Aquelas traduções que dizem que “a partida do vindouro governante de Israel será desde os dias da eternidade” são bastante infelizes. O profeta não sugeriu que Jesus iria emergir de uma preexistência pessoal de uma eternidade passada, mas simplesmente que a promessa do surgimento do Messias em Belém vem dos “tempos antigos”, isto é, remonta à antiguidade remota – em na verdade, remonta ao início da história humana, quando Deus prometeu a Eva que a sua “semente” esmagaria a cabeça do tentador (*Génesis 3:15*).

Conclusão

Lembro-me de quando tinha 17 anos e viajei para Hong Kong. Tenho um tio e uma tia lindos que generosamente me pagaram a mim, à minha mãe e ao meu irmão para viajarmos pela primeira vez para o estrangeiro. O choque cultural naquele lugar oriental surpreendeu a minha jovem mente. Das muitas imagens que enfrentei, há uma que jamais esquecerei. Na parede de uma igreja no cimo de uma montanha nos Novos Territórios, perto da fronteira com a China, estava pintado Jesus, o Cristo. Era chinês, com um rabo de cavalo cheio e um vestido tradicional chinês!

Surpreende-me que nós, humanos, sejamos bastante hábeis na construção de Jesus à nossa própria imagem. Não só o histórico Jesus de Nazaré foi metamorfoseado sob a influência do helenismo no “Deus-homem”, como a sua própria mãe, Maria, foi promovida ao estatuto de “Mãe de Deus” e “corredentora”, e os santos tornaram-se intercessores. Mas a maior consequência foi a doutrina inventada da Encarnação, onde se presume que o próprio Deus Eterno encarnou e se fez homem. Este desenvolvimento teve consequências desastrosas para o testemunho bíblico da unidade e singularidade de Deus. *Don Cupitt* observa que, uma vez criada esta doutrina da Encarnação de um Filho de Deus pré-existente, o culto do Cristo divino colocou, na verdade, a própria Divindade em segundo plano, porque quando Deus Pai foi afirmado, foi concebido em termos antropomórficos. A porta para o paganismo foi inadvertidamente reaberta. Não importa quão bem-intencionado, o foco da adoração mudou de Deus para o homem. Esta mudança acabaria por legitimar o culto do humanismo. A Divindade ficaria em segundo plano. A “alteridade” de Deus ou, como lhe chamam os teólogos, a transcendência de Deus perder-se-ia. A sua “santidade”, a sua “grandeza” tornar-se-iam controláveis e confortáveis. Deus é agora um homem! [150]

A cristologia correta – “a rocha” sobre a qual se funda a sua verdadeira Igreja segundo o próprio Jesus – é a confissão de Pedro de que ele é o Messias, o filho do Deus vivo (*Mateus 16:16*). Lucas registra a confissão de Pedro com uma ligeira, mas poderosa variação; diz que Jesus é “o Cristo de Deus” (*Lucas 9:20*). No NT grego há um artigo definido antes de “Deus”. Para ser corajosamente literal, Pedro confessou que Jesus é “o Messias de [do único e verdadeiro] Deus”.

Daqui se segue que o fracasso em manter a confissão bíblica de que Jesus é o Senhor Messias – e não o Senhor Deus – fomentou de alguma forma invertida o secularismo desenfreado da nossa

época? Por enquanto, o Deus Todo-Poderoso e Eterno assumiu a forma humana e o mistério e a unidade suprema de Deus desmoronaram-se num conceito de proporções humanas agradáveis, ou seja, o nosso pequeno “eu”. Ao tornarmos Jesus plenamente Deus, fizemos do homem Deus? Esta tendência pode ser observada no desenvolvimento da arte a partir do século IV. O tabu judaico-cristão de representar Deus sob qualquer forma foi esquecido. O resultado foi focar a atenção em Jesus e longe da “alteridade” de Deus. O nosso sentimento de admiração na adoração, aquele que nos deveria tirar o fôlego, por assim dizer, foi severamente comprometido. A arte cristã antes de Constantino era hesitante, mas depois de Constantino tornou-se bastante elaborada. A Igreja tornou Jesus mais do que ele deveria ter sido e, no processo, degradou o Deus Pai que Ele veio revelar. O próprio Jesus muito bem nos perguntaria hoje, como fez ao jovem há muito tempo: “*Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus*” (Lucas 18:19). E mesmo agora, exaltado pelo trono do seu Pai no céu, Jesus ainda adora o Pai como Aquele “*o único que é santo*” (Apocalipse 15:4). São aqueles que adoram o Pai através do Seu Filho que são os “*verdadeiros adoradores*” (João 4:23).

A evidência tanto do AT como do NT, quando interpretada tendo em mente o contexto hebraico, não fornece qualquer suporte para a crença tradicional de um Cristo pessoalmente pré-existente (Niceno), que é o “próprio Deus de Deus” ou o Filho eternamente gerado. Nem a evidência fornece qualquer suporte para o Cristo Ariano que foi criado por Deus algures na eternidade antes do mundo começar. Jesus é o homem que nasceu no tempo. A sua origem ou gênese estava no seio da virgem Maria, engendrada por um ato criativo especial de Deus Pai. *Precisamente por esta razão* Jesus é o Filho de Deus (Lucas 1:35), o Rei a quem Deus autoriza. Os profetas hebreus predisseram que o Messias nasceria de uma “semente” ou linhagem humana e que, sob a unção de Deus, traria uma ordem nova, redimida e glorificada. O NT anuncia que o Senhor Jesus ressuscitado e exaltado inaugurou a prometida mudança de época. Em síntese, estes resultados demonstram que “uma lacuna profunda entre a evidência bíblica e a dogmática clássica já não pode ser escondida”. [151]

O estudioso judeu *Hugh Schonfield*, no seu livro “*Those Incredible Christians*” (Aqueles Incríveis Cristãos), resume lindamente o nosso capítulo. Escreve que a doutrina da Divindade de Jesus Cristo:

... é diametralmente oposto ao conceito judaico de Deus no tempo de Jesus, e ninguém que seja judeu, subscreva as Escrituras Hebraicas e procure a aceitação judaica, provavelmente se apresentará com um carácter tão contrário. Tomando como base a evidência de que a doutrina estava de acordo com as noções pagãs correntes, a inferência óbvia é que era uma intrusão de fontes gentias e não fundamental... Era estranha na sua derivação e o próprio Jesus não poderia tê-la considerado. O material do evangelho antigo mostra-o a exercer todo o cuidado extremo do judeu devoto ao proteger o nome de Deus da profanação e ao representá-lo como o único Ser adorado e descrito como bom. [152]

Opor-se a esta conclusão não é apenas uma questão de nuances doutrinárias. O testemunho da história confirma-o. Ainda no século II, os proponentes desta visão (de que Jesus era o Senhor Messias humano e não o Filho eterno, segundo membro da Divindade Trina) podiam ainda salientar que esta era a crença original sustentada “por todos os primeiros cristãos. próprios apóstolos”. [153] Foi fatal para a doutrina da Divindade de Jesus que os seus próprios apóstolos e os membros cristãos da sua família tivessem sustentado que ele não era mais do que um homem ungido unicamente desde o nascimento pelo Espírito de Deus, sendo assim o Messias. O que também conta muito é o testemunho dos historiadores da igreja de que estes apóstolos, anciãos e parentes originais de Jesus eram os porta-vozes do cristianismo judaico com jurisdição sobre toda

a Igreja (antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C.). “Não foi, como alegaram os seus defensores, o cristianismo judaico que degradou a pessoa de Jesus, mas a Igreja em geral que foi enganada para o divinizar”. [154]

Os autores de “*The Jesus Mysteries*” (Os Mistérios de Jesus) apoiam a conclusão de *Hugh Schonfield* ao fazer a chocante afirmação de que a desconsideração desta abordagem estrangeira da doutrina da Igreja sobre Jesus, o Cristo, deixou a Igreja, sem o saber, no meio de uma mitologia pagã. Documentam exaustivamente os numerosos casos de povos e culturas antigas que rodeavam o Mediterrâneo e que tinham um grande número de crenças em supostos homens-deuses que vieram à terra para redimir a humanidade. Cada um destes mitos dos deuses redentores é anterior ao Cristianismo. Acreditava-se que Osíris do Egito tinha origem divina. “Representou para os homens a ideia de um homem que era ao mesmo tempo Deus e homem”. Na verdade, “o mito egípcio de Osíris é o mito primordial do misterioso deus-homem e remonta à pré-história. A sua história é tão antiga que pode ser encontrada em textos piramidais escritos há mais de 4.500 anos! [155] Os gregos também tinham o seu deus-homem em Dioniso, que antecede a era cristã em centenas de anos. Numa antiga peça grega, Dioniso explica que velava a sua divindade numa forma mortal para a manifestar aos homens mortais. Diz aos seus discípulos: “Portanto, mudei a minha forma imortal e assumi a semelhança do homem”. [156] O deus-homem dos Persas chamava-se Mítas. Os babilónios, os romanos, os sírios e muitos outros povos antigos tinham os seus próprios mistérios pagãos entre Deus e o homem. Como já foi observado, estes mitos de deus-homem eram omnipresentes muito antes do aparecimento de Jesus de Nazaré. Os cristãos que acreditam que Jesus é o único Deus-homem Redentor entre as religiões estão simplesmente mal informados.

Esta história acrescenta um grande peso à nossa afirmação de que a Igreja abandonou a sua fundação hebraica e rapidamente absorveu o paganismo nos seus ensinamentos sobre a natureza de Jesus de Nazaré. No Concílio de Niceia no ano 325 d.C. C., o Cristianismo adoptou a sua própria versão de um “Deus-homem” que foi inspirado por estes mitos pagãos já existentes. Agora é o momento de aqueles que desejam permanecer fiéis à Bíblia abandonarem o uso do termo “Deus-homem” e o ensino que o acompanha. A palavra “Deus-homem” e tudo o que a acompanha não aparece no Novo Testamento. Devemos insistir na compreensão bíblica de Jesus como o homem unigénito/criado de Deus que pertence à mesma família de Adão e Abraão, Moisés e David. Este homem, pela sua justiça, foi ressuscitado para a imortalidade e exaltado à direita de Deus como o primeiro *homem* glorificado. Isto é algo totalmente único e diferente de todas as outras crenças sobre os homens-deus.

Se nos mantivermos fiéis ao modelo bíblico que analisámos ao longo deste capítulo, a singularidade de Jesus de Nazaré será preservada. Eis a maravilha da nossa fé: à direita de Deus há um homem verdadeiro, um homem real, um homem como tu e eu! Ele é a demonstração perfeita de tudo o que Deus Pai pode fazer através de um homem totalmente rendido à Sua vontade e cheio do Seu Espírito Santo.

Notas Finais

- [1] *Hugh Schonfield*, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), pág. 12.
- [2] *Ibidem*, pág. 12.
- [3] *N.T. Wright*, “*Who Was Jesus?*” (Quem foi Jesus?) pág. 57.
- [4] *Hugh Schonfield*, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), pág. 47.

- [5] Lockhart, “Jesus the Heretic” (Jesus o Herege), pág. 44.
- [6] D. Cupitt, “*The Myth of God Incarnate*” (O Mito de Deus Encarnado), citado em Lockhart, “Jesus the Heretic” (Jesus o Herege), pág. 137.
- [7] *Ibidem*, pág. 45
- [8] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 500.
- [9] *Ibidem*, pág. 503.
- [10] Lloyd-Jones, “*God the Father, God the Son*” (Deus o Pai, Deus o Filho), pág. 283.
- [11] Charles Swindoll, Jesús: “*When God Became Man*” (Jesus: Quando Deus Se Fez Homem), citado em **Focus on the Kingdom**, ed. Anthony Buzzard. vol. 7, no. 3, dezembro de 2004, pág. 2.
- [12] J.I. Packer, “*Knowing God*” (Conhecendo a Deus), Londres: Hodder & Stoughton, 1973, pág. 50.
- [13] Veja o apêndice 2: “*Jesus and Michael*” (Jesus e Miguel).
- [14] “*New Bible Dictionary*” (Novo Dicionário Bíblico), Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975, pág. 560.
- [15] James Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em processo), Londres: SCM Press, 1989, pág. 4.
- [16] “*The Oxford Dictionary of the Christian Church*” (O Dicionário Oxford da Igreja Cristã), pág. 696.
- [17] Mark H. Graeser, John A. Lynn, John W. Schoenheit, “*One God and One Lord: Reconsidering the Cornerstone of the Christian Faith*” (Um só Deus e um só Senhor: repensando a pedra angular da fé cristã), Indianapolis: Christian Educational Services, 2003, pág. 353.
- [18] Rubenstein, “*When Jesus Became God*” (Quando Jesus se fez Deus), pág. 118.
- [19] *Ibidem*, pág. 119.
- [20] *Ibidem*, pág. 119.
- [21] Lockhart, “*Jesus the Heretic*” (Jesus, o Herege), pág. 21.
- [22] Lloyd-Jones, “*God the Father, God the Son*” (Deus Pai, Deus Filho), pág. 255 y seg.
- [23] Graeser et al, “*One God and One Lord: Reconsidering the Cornerstone of the Christian Faith*” (Um só Deus e um só Senhor: repensando a pedra angular da fé cristã), pág. 366.
- [24] *Ibidem*, págs. 366-377.
- [25] Chang, “*The Only True God*” (O Único Deus Verdadeiro), págs. 173-174, ênfases suo.
- [26] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 274.
- [27] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em processo), Prólogo da segunda edição, pág. xviii, ênfase original.
- [28] Harnack, “*History of Dogma*” (Historia do Dogma), vol. 1, pág. 328, cursiva original.
- [29] Graeser et al, “*One God and One Lord*” (Um Deus e um Senhor), pág. 27.
- [30] Leslie Simmonds, “*What Think Ye of Christ?*” (O que você acha de Cristo?) citado em **Focus on the Kingdom**, ed. Anthony Buzzard, vol. 7, no. 3, pág. 5.
- [31] Schonfield, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), págs. 70-71.
- [32] Atanasio, “*Letters Concerning the Decrees of the Council of Nicaea*” (Cartas sobre os Decretos do Concílio de Niceia), 5.18-21; NPNF Serie 2, 4.161-164.
- [33] “*Commentary on John*” (Comentário sobre João), Libro 1, 32.
- [34] Estou ciente de que se trata de um texto controverso. Mas este não é o lugar para entrar em uma questão de crítica textual. Hoje, o consenso entre os críticos textuais é que Mateus escreveu Gênesis. Para uma discussão acadêmica deste controverso texto, ver “*The Orthodox Corruption of Scripture*” (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras), de Bart Ehrman.
- [35] De acordo com Ireneu no seu “*Against Heresies*” (Contra as Heregias) I, 7, 2.
- [36] Raymond Brown, “*The Birth of the Messiah: A Commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke*” (O Nascimento do Messias: Um Comentário sobre as Narrativas da Infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas), Nueva York: Doubleday, Nueva York: Doubleday, 1993, pág. 299.
- [37] *Ibidem*, pág. 314.
- [38] *Ibidem*, pág. 314, nota ao pé 48.
- [39] *Ibidem*, págs. 313-314.
- [40] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), págs. 68-69.
- [41] Anthony Buzzard, **Focus on the Kingdom**, vol. 5, no. 7, pág. 1.
- [42] Sidney Hatch, “*Brief Bible Studies*” (Breves Estudos Bíblicos), vol. 25, nº 2. pág. 10.
- [43] Anthony Buzzard, **Focus on the Kingdom**, vol. 5, nº 7, pág. 3.
- [44] Douglas Edwards, “*The Virgin Birth in History and Faith*” (O Nascimento Virgem na História e na Fé), Londres: Faber & Faber Ltd., 1941, pág. 191.
- [45] *Ibidem*, pág. 190.

- [46] *J.O. Buswell, "A Systematic Theology of the Christian Religion" (Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã), Zondervan, 1962, pág. 110.*
- [47] *Raymond Brown, "The Birth of the Messiah" (O Nascimento do Messias), pág. 291.*
- [48] *Ehrman, "The Orthodox Corruption of Scripture" (A corrupção ortodoxa das Escrituras), pág. 76.*
- [49] *C.S. Lewis, "Mere Christianity" (Mero Cristianismo), Nueva York: Macmillan Publishing Co, 1943, pág. 138.*
- [50] *Colin Brown, "Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy" (Trindade e Encarnação: Em busca da ortodoxia contemporânea), Ex Auditu 7, 1991, pág. 88.*
- [51] *Kuschel, "Born Before All Time?" (Nascido antes de todos os tempos?), pág. 236.*
- [52] *Lockhart, "Jesus the Heretic" (Jesus o Herege), págs. 172-173.*
- [53] *Kuschel, "Born Before All Time?" (Nascido antes de todos os tempos?) págs. 388-399.*
- [54] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade), pág. 220.*
- [55] *Barrett, citado em Focus on the Kingdom, ed. Anthony Buzzard, vol. 6, nº 1, pág. 2.*
- [56] *Ibidem, pág. 2.*
- [57] *Alexander Campbell, "The Sacred Writings of the Apostles and Evangelists of Jesus Christ, Commonly Styled the New Testament, Translated from the Original Greek" (Os Escritos Sagrados dos Apóstolos e Evangelistas de Jesus Cristo, comumente chamados de Novo Testamento, traduzidos do original grego), Brooke County, VA, 1826.*
- [58] *Karen Armstrong, "A History of God: From Abraham to the Present: The 4000-year Quest for God" (Uma História de Deus: De Abraão ao Presente: Os 4000 Anos de Busca de Deus), pág. 106, ênfasis añadido.*
- [59] *Roger Haight, "Jesús: Symbol of God" (Símbolo de Deus), Maryknoll, NY: Orbis, pág. 210.*
- [60] *Ad Praxeus 5.*
- [61] *T.W. Manson, "On Paul and John" (Sobre Pablo y João), SCM Press, 1967, pág. 156*
- [62] *Estou em dívida com Anthony Buzzard por estes exemplos, citados de Brown, Driver and Briggs Lexicon, Oxford: Clarendon Press, 1968, pág. 768, 86.*
- [63] *Dunn, "Christology in the Making" (Cristologia em Processo), pág. 243.*
- [64] *Ibid., p. 219.*
- [65] *Kuschel, "Born Before All Time?" (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 382.*
- [66] *Edwards, "The Virgin Birth in History and Faith" (O Nascimento Virgem na História e na Fé), pág. 129.*
- [67] *Graeser et al, "One God and One Lord" (Um Deus e um Senhor), pág. 63.*
- [68] *Ibidem, pág. 67.*
- [69] *Kuschel, "Born Before All Time?" (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 290.*
- [70] *Dunn, "Christology in the Making" (Cristologia em Processo), pág. 235.*
- [71] *E.G. Selwyn, "First Epistle of St. Peter" (A Primeira Epístola de São Pedro), Baker Book House, 1983, pág. 124, ênfase acrescentada.*
- [72] *Everett F. Harrison, "Romans, Expositor's Bible Commentary" (Romanos, Comentário Bíblico do Expositor), Zondervan, 1976, pág. 52, ênfasis añadido.*
- [73] *Dunn, "Christology in the Making" (Cristologia em Processo), pág. 235.*
- [74] *Ibidem, pág. 238.*
- [75] *Ibidem, pág. 238.*
- [76] *William Barclay, "Jesus as They Saw Him" (Jesus como O Viam eles), Ámsterdam: SCM Press, 1962, pág. 136.*
- [77] *Dunn, "Christology in the Making" (Cristologia em Processo), p. 178.*
- [78] *Ibidem, p. 56.*
- [79] *Schonfield, "The Passover Plot" (O Enredo da Páscoa), pág. 256.*
- [80] *Barclay, "Jesus as They Saw Him" (Jesus como O Viam eles), pág. 70.*
- [81] *Ibidem, pág. 71.*
- [82] *Ibidem, pág. 92.*
- [83] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade), págs. 198-199.*
- [84] *A palavra "sobe" é encontrada em Mateus 5:1; 14:23; 3:16; 13:7; Marcos 1:10; 4:7, 8, 32; Lucas 19:4, etc.*
- [85] *Ibidem, pág. 201.*
- [86] *Ibidem, págs. 294-295.*
- [87] *Henry Alford, "Greek New Testament" (Novo Testamento Grego), London: Rivingtons and Deighton, Bell & Co., 1861, pág. 823, citado em "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade), pág. 205.*
- [88] *Graeser et al, "One God and One Lord" (Um Deus e Um Senhor), pág. 190.*

- [89] Ehrman, “*The Orthodox Corruption of Scripture*” (A corrupção ortodoxa das Escrituras), pág. 80.
- [90] *Ibidem*, pág. 80.
- [91] *Ibidem*, págs. 81-82.
- [92] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 301.
- [93] *Ibidem*, pág. 302.
- [94] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 45.
- [95] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 269.
- [96] Graeser et al, “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor), pág. 363.
- [97] David Burge, em correspondência privada, 27-03-2005.
- [98] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 250.
- [99] *Ibidem*, pág. 251.
- [100] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 114.
- [101] *Ibidem*, pág. 114.
- [102] *Ibidem*, pág. 115.
- [103] “*Expository Times*” (Tempos expositivos), vol. 70, nº 6, março de 1959, págs. 183-184.
- [104] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) págs. 251-252
- [105] *Ibidem*, pág. 252.
- [106] *Ibidem*, pág. 252.
- [107] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 119.
- [108] Lloyd-Jones, “*God the Father, God the Son*” (Deus Pai, Deus Filho), pág. 275-276.
- [109] Lockhart, “*Jesus the Heretic*” (Jesus o Herege)
- [110] Lloyd-Jones, “*God the Father, God the Son*” (Deus Pai, Deus Filho), pág. 285.
- [111] W.E. Vine, “*Expository Dictionary of New Testament Words*” (Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento), Virginia: Macdonald Pub. Co., pags. 463-464.
- [112] Graeser et al, “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor), págs. 504 y sig.
- [113] “*The Practical Use of the Greek New Testament*” (O Uso Prático do Novo Testamento Grego), Moody, 1982, pág. 84.
- [114] Veja o **Apêndice 3**: “Divine Agency” (Agente Divino).
- [115] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 251.
- [116] *Ibidem*, pág. 394.
- [117] *Ibidem*, pág. 259.
- [118] *Ibidem*, pág. 262
- [119] *Ibidem*, pág. 331.
- [120] G.E. Ladd, “*A Theology of the New Testament*” (Uma Teologia do Novo Testamento), Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974, pág. 323, ênfases original.
- [121] *Ibidem*, pág. 324.
- [122] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 333.
- [123] *Ibidem*, pág. 333.
- [124] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 104
- [125] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 335.
- [126] *Ibidem*, pág. 335.
- [127] William Wachtel, “*Colossians 1:15-20 – Preexistence or Preeminence?*” (*Colosenses 1:15-20: ¿Preexistência ou preeminência?*), comunicação apresentada na Conferência Teológica do Atlanta Bible College, abril de 2004, pág. 4.
- [128] J.H. Moulton, ed., “*Grammar of New Testament Greek*” (Gramática do Grego do Novo Testamento), T & T Clark, 1963.
- [129] Nicoll Robertson, “*The Expositor’s Greek Commentary*” (O Comentário Grego do Expositor), Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- [130] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 191.
- [131] *Ibidem*, pág. 195.
- [132] *Ibidem*, pág. 191.
- [133] *Ibidem*, pág. 194.
- [134] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 356.
- [135] *Ibidem*, pág. 354.
- [136] *Ibidem*, pág. 355, ênfase acrescentada.
- [137] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 73.

- [138] *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascido antes de todos os tempos? pág. 356.
- [139] *Dunn, "Christology in the Making"* (Cristologia em Processo), pág. 208, ênfasis original.
- [140] *Anthony Buzzard, "Who Is Jesus? A Plea for a Return to Belief in Jesus, the Messiah"* (Quem é Jesus? Um apelo para crer em Jesus, o Messias novamente), Restoration Fellowship, pág. 24.
- [141] *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 356.
- [142] *"Word Bible Commentary"* (Comentário bíblico de Word)
- [143] *Anthony Buzzard, "Who Is Jesus?"* (¿Quem é Jesus?) pág. 124.
- [144] *Brown, Driver y Briggs, "Hebrew and English Lexicon of the Old Testament"* (Léxico hebraico e inglês do Antigo Testamento), pág. 42.
- [145] *"Strong's Hebrew Dictionary"* (Diccionario Hebreo Strong).
- [146] *Brown, Driver, Briggs, "Hebrew and English Lexicon of the Old Testament"* (Léxico Hebreu e inglês do Antigo Testamento).
- [147] *"Strong's Concordance"* (Concordância de Strong).
- [148] *Codex Alexandrinus*, traduzido por *Sir Lancelot C.L. Brenton* e tradução da Septuaginta por *Archimandrite Ephrem Lash*.
- [149] Veja também *"The New International Dictionary of New Testament Theology"* (O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), vol. 1, pág. 326.
- [150] *Don Cupitt, "The Myth of God Incarnate"* (O Mito do Deus Encarnado).
- [151] *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 39.
- [152] *Hugh Schonfield, "Those Incredible Christians"* (Aqueles Cristãos Incríveis), Nueva York: Bantam Books, 1968, pág. 50.
- [153] *Ibidem*, pág. 124.
- [154] *Ibidem*, pág. 124.
- [155] *Freke y Gandy, "The Jesus Mysteries: Was the Original Jesus a Pagan God?"* (Os Mistérios de Jesus: O Jesus Original era um Deus pagão?) págs. 27, 30.
- [156] *Ibidem*, pág. 35